

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
Instituto de Ciências Humanas  
Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

**CORYMBO:  
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DE UM  
PERIÓDICO LITERÁRIO ENTRE 1930 E 1944 NO RIO GRANDE DO SUL**

CAROLINE LEAL BONILHA

Pelotas, RS, 2010

**CAROLINE LEAL BONILHA**

**CORYMBO:  
MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DE UM  
PERIÓDICO LITERÁRIO ENTRE 1930 E 1944 NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Porto Nogueira

Pelotas, RS, 2010

**Banca examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Porto Nogueira (IAD/UFPeI, Orientadora e presidente da banca)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giana Lange do Amaral (PPG-Educação / UFPeI)

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat (ICH / UFPeI)

## **Agradecimentos**

Agradeço a meus pais Antonio Roberto Dutra Bonilha e Carmen de Fátima Pires Leal pelo suporte, apoio e motivação durante todos os anos de meu estudo. Agradeço também a meu irmão Lucas e minha irmã Camila pela leitura e conselhos com relação ao trabalho.

Agradeço a Rogério Luiz Menegaz Rodrigues, por ter permanecido ao meu lado nesse processo nem sempre fácil, pela paciência, pelos conselhos e principalmente pelo amor e companheirismo. Sem ti, nada disso seria possível.

Agradeço à amiga e colega Janaina Schwambach por ter compartilhado leituras, dúvidas e angústias, e pelas inestimáveis colaborações.

Agradeço minha orientadora Isabel Porto Nogueira por ter me apresentado o *Corymbo* e ao Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas pela oportunidade de ter desenvolvido esse trabalho.

“Os feminismos precisam de uma memória. Construir essa memória, transmitir uma história dos feminismos é um desafio político e historiográfico.”  
Anne Cova (I Congresso Feminismo e Educação, 2004, Lisboa)

## Resumo

BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul.** 2010. 158 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A presente dissertação, pretende analisar a construção da representação da figura feminina através das páginas do periódico literário *Corymbo*, lançado em 1883 e publicado até 1944 na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul. A proprietária, redatora e principal escritora do *Corymbo* foi Revocata Heloisa de Mello, acompanhada, de 1898 a 1928, por sua irmã Julieta de Mello Monteiro. O *Corymbo* é classificado como um periódico literário, publicação que mantém certa periodicidade e que se dedica a divulgação de contos, poesias, resenhas de livros e de outros gêneros literário. Esse tipo de publicação tornou-se comum no Brasil a partir da metade do século XIX. No entanto, alguns motivos fazem com que o *Corymbo* mereça atenção especial. Um deles é sua longevidade, lançado em 1883, só deixa de ser editado em janeiro de 1944. Outro elemento que chama atenção é o fato de ter sido criado e de ter mantido à frente de sua redação, durante todo o tempo em que foi publicado, duas mulheres, Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. A combinação desses elementos faz do *Corymbo* o primeiro periódico literário dirigido por mulheres surgido no sul do Brasil, assim como aquele que se mantém mais tempo sendo publicado.

Palavras-chave: Gênero. Memória. Representação. Imprensa.

## Abstract

BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul.** 2010. 158 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This dissertation aims to analyze the construction of the representation of the female figure through the pages of literary periodical *Corymbo*, launched in 1883 and published until 1944 in Rio Grande, Rio Grande do Sul. The owner, editor and chief writer of *Corymbo* was Revocata Heloisa de Mello, accompanied, from 1898 to 1928, by her sister Julieta de Mello Monteiro. The *Corymbo* is classified as a periodic literary, publication that maintains a certain periodicity and dedicated to disclosure of short stories, poems, book reviews and other genres literary. This type of publication has become common in Brazil from mid-nineteenth century. However, some reasons make the *Corymbo* deserves special attention. One is his longevity, launched in 1883, only ceases to be published in January 1944. Another element that draws attention is the fact of having been created and have kept ahead of his writing, throughout the time it was published, two women, Revocata Heloisa de Mello and Juliet Miller. The combination of these *Corymbo* factors makes the first literary journal run by women emerged in southern Brazil, and one that holds more time running.

Keywords: Gender. Memory. Representation. Press.

## Lista de Figuras

Figura1	Fotocópia da capa do exemplar do Corymbo de novembro de 1905.....	50
Figura 2	Fotocópia da página 01 do exemplar do Corymbo de novembro de 1905.....	51
Figura 3	Fotocópia das páginas 02 e 03 do exemplar do Corymbo de novembro de 1905.....	52
Figura 4	Capa do exemplar do Corymbo de outubro de 1939.....	56
Figura 5	Capa do exemplar do Corymbo de janeiro de 1944.....	57
Figura 6	Retrato de Julieta de Mello Monteiro.....	63
Figura 7	Retrato de Revocata Heloisa de Mello.....	65



## Lista de Tabelas

Tabela 1	Quantificação Geral, nº absoluto de estilos publicados no Corymbo 1930 – 1944 .....	80
Tabela 2	Textos do grupo temático mulheres 1930/1931.....	82
Tabela 3	Textos do grupo temático mulheres 1932/1933.....	83
Tabela 4	Textos do grupo temático mulheres 1934/1935.....	84
Tabela 5	Textos do grupo temático mulheres 1937/1943.....	85

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1- Gênero, memória e imprensa: entre rastros, ausências e representações</b> .....	19
1.1 Memória social e conflito.....	23
1.2 Jornal como fonte de pesquisa.....	25
1.3 Imprensa brasileira e imprensa no sul do Brasil.....	26
1.4 Imprensa Feminina.....	32
<b>2- Textos e Contextos</b> .....	35
2.1 Cenário e atores: contexto nacional.....	35
2.1.1 O palco: cidade de Rio Grande de sua fundação ao século XX.....	44
2.2 Corymbo de 1883 a 1944.....	47
2.3 Revocata Heloisa de Mello.....	59
<b>3- “Novos horizontes para a mulher”: seções, colunas, temáticas e representações femininas no Corymbo de 1930 a 1944</b> .....	72
3.1 Recorrências: seções, colunas, temáticas e assuntos.....	72
3.1.1 Tipologias.....	78
3.1.2 Temáticas.....	80
3.2 Textos referentes à temática mulheres.....	81
3.2.1 Corymbo: memória e representação feminina.....	86
3.2.2 “A inferioridade intelectual da mulher”.....	88
3.2.3 “O que a sociedade moderna espera da mulher”.....	94
3.2.4 Entre o real e a mulher ideal: biografias e obituários.....	104
<b>Considerações finais</b> .....	113
<b>Fontes e referências bibliográficas</b> .....	119
<b>Apêndices</b> .....	127
<b>Anexos</b> .....	132

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação, pretende analisar a construção da representação da figura feminina através das páginas do periódico literário *Corymbo*, lançado em 1883 e publicado até 1944 na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul. A proprietária, redatora e principal escritora do *Corymbo* foi Revocata Heloisa de Mello, acompanhada, de 1898 a 1928, por sua irmã Julieta de Mello Monteiro.

O *Corymbo* é classificado como um periódico literário, publicação que mantém certa periodicidade e que se dedica não a notícias, mas a divulgação de contos, poesias, resenhas de livros e de outros gêneros literários<sup>1</sup>. Publicações como essa foram muito comuns no Brasil a partir da metade do século XIX. No entanto, alguns motivos fazem com que o *Corymbo* mereça atenção especial. Um deles é sua longevidade, lançado em 1883, só deixa de ser editado em janeiro de 1944. Outro elemento que chama atenção é o fato de ter sido criado e de ter mantido à frente de sua redação, durante todo o tempo em que foi publicado, duas mulheres, Revocata Heloisa de Mello e Julieta de Mello Monteiro. A combinação desses elementos faz do *Corymbo* o primeiro periódico literário dirigido por mulheres surgido no sul do Brasil<sup>2</sup>, e o torna o mais longevo (VIEIRA, 1997). Durante o largo tempo em que permaneceu em circulação, o *Corymbo* foi testemunha e sujeito; talvez não no sentido ativo, mas através da divulgação de um discurso que não só fala sobre determinadas situações como também as conforma; de grandes marcos da história do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil como a abolição da escravidão, a proclamação da República, a revolução Federalista, as revoluções de 1923 e 1930, a conquista do voto feminino e duas guerras mundiais.

Quanto a seu nome incomum, ele tem origem na biologia e refere-se a um tipo de inflorescência onde flores que nasceram em alturas diferentes em um mesmo ramo, se igualam as outras, na porção superior do ramalhete. A escolha do nome do periódico parece se relacionar diretamente a seu objetivo principal: a divulgação da

---

<sup>1</sup>SCHUMAER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital (orgs) Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 2º Ed.

<sup>2</sup>Região que abrange geograficamente os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

produção literária feminina e de assuntos que importavam diretamente à mulher, como o direito a educação e ao voto.

Apesar da longa duração do periódico (1883 – 1944), nosso recorte temporal será delimitado pelos anos de 1930 e janeiro de 1944, período no qual, Revocata de Mello dirigiu sozinha o *Corymbo* após a morte de sua irmã, Julieta de Mello Monteiro, em 1928.

Diversos foram os fatores que influenciaram nossa decisão pelo período apontado, um deles foi o trabalho realizado por Miriam Vieira (1997), que em sua dissertação de mestrado discute a inserção da mulher no sistema literário do século XIX, através da análise de textos publicados no *Corymbo* entre 1885 e 1925. Outro elemento que nos chamou atenção, tendo influenciado igualmente na decisão, foi o excelente acervo de exemplares do periódico encontrado na Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande. A instituição possui a quase totalidade de exemplares editados do *Corymbo* ao longo de seus 60 anos de duração. Considerando a publicação durante esse período, de forma quase ininterrupta, com regularidade variando entre semanal e mensal, seria extremamente complicado realizar os processos de sistematização e investigação de todos os exemplares em tempo que fosse condizente com as exigências do programa de mestrado.

O recorte temporal também foi pensado tendo em consideração o que poderíamos chamar de “ciclo de vida” do periódico, que passa por um momento decisivo em sua jornada quando em 1928, uma de suas redatoras, Julieta de Mello Monteiro veio a falecer, deixando nas mãos de sua irmã, Revocata de Mello, a decisão de continuar o empreendimento ou não. A escolha do ano de 1930 e, não 1928 ou 1929, ocorreu pelo fato dos exemplares relativos a esse intervalo não terem sido localizados. O marco final da pesquisa é o exemplar de janeiro de 1944, de número 476, ao que tudo indica o último a ser publicado, já que, Revocata de Mello veio a falecer em fevereiro do mesmo ano.

Quanto à coleta de dados, a pesquisa restringiu-se geograficamente às cidades de Rio Grande e Pelotas, onde foram encontrados dois acervos. Na primeira cidade, como mencionado, o periódico consta da coleção de jornais históricos da Biblioteca Rio-Grandense e na segunda foi localizado um colecionador particular que possui 05 exemplares do *Corymbo*. A delimitação geográfica a esses dois municípios ocorreu devido ao fato de o periódico em questão, durante toda sua

existência, ter sido publicado em gráficas e tipografias das duas localidades. Considerando ainda o número de exemplares e a qualidade do acervo encontrado na Biblioteca Rio-Grandense<sup>3</sup>, justifica-se a não necessidade da procura em outras instituições.

Devemos ressaltar que, devido a sua riqueza como documento histórico, alguns estudos já foram feitos utilizando o *Corymbo* como fonte de pesquisa. Entre eles citamos os artigos “*Corimbo x Educação*” (1998) e “*Corimbo (1883-1943) e Feminismo no Brasil*” (1998), de Hilda Agnes Hubner Flores e a dissertação “*Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo de caso do periódico Corimbo, 1885 – 1925*”, (1997) de Miriam Steffens Vieira, mencionada anteriormente. Os trabalhos de Flores, por se tratarem de artigos, apresentam muitas informações, sem, no entanto, conseguir aprofundar todos os dados expostos, por conta das limitações naturais desse tipo de trabalho. Já a pesquisa realizada por Vieira se mostra extremamente completa, mas aborda somente a primeira fase do periódico, encerrando o trabalho no ano de 1925, o que torna evidente a necessidade de continuação do estudo contemplando os anos que se seguem a 1925.

A diferença fundamental entre o presente trabalho e o já desenvolvido por Vieira (1997), além do recorte temporal que a pesquisa compreende, está no objetivo do trabalho. Enquanto Vieira investiga a inserção de mulheres escritoras no sistema literário, nosso objetivo diz respeito à representação da mulher construída e apresentada pelo periódico. Para que tal meta fosse alcançada realizamos um estudo metódico de investigação, apresentando dados qualitativos e quantitativos sobre as edições do *Corymbo* compreendidas no espaço temporal que vai de 1930 a 1944. Acreditamos que através desses dados será possível compreender mais acerca da trajetória da imprensa feminina no estado do Rio Grande do Sul, assim como das representações simbólicas construídas em torno da mulher nesse período de tamanhas transformações políticas, sociais e culturais no Brasil de Getúlio Vargas. Também a abordagem teórica dada à figura de Revocata de Mello apresenta diferenças com relação a trabalhos anteriores. Nos estudos precedentes

---

<sup>3</sup> A listagem dos periódicos consultados na Biblioteca Rio-Grandense para a confecção da dissertação pode ser verificada nos apêndices do trabalho, a listagem também consta das referências bibliográficas.

sobre o *Corymbo*, o que ganha destaque é sua condição de escritora, mas, por não pertencermos à área literária e não pretendermos abordar nenhum aspecto referente a esse campo, iremos tratá-la como uma mulher representante da intelectualidade. A partir dessa postura teórica, abordaremos suas idéias e posições sem levar em conta aspectos próprios da literatura, mas sim, partindo sempre de uma leitura do contexto sócio-cultural no qual ela estava imersa e de sua condição de mulher. Revocata de Mello é a personagem central de nossa narrativa porque, a partir da compreensão de sua condição e dos papéis sociais que ela desempenhou durante sua vida, podemos observar transformações representativas de um momento histórico. Considerando a importância da biografia desta mulher para o desenvolvimento do trabalho, não poderíamos deixar de situar nossa pesquisa na área dos estudos de gênero. Também é fundamental para o desenvolvimento de nossa análise que a questão de gênero seja relacionada através do *Corymbo* a conceitos como os de memória social e identidade. Nesse sentido, entendemos que a relação entre os conceitos ocorre através do olhar para o periódico como suporte de memória, estratégia que nos possibilitará uma maior compreensão dos processos de constituição das mulheres enquanto sujeitos sociais nas décadas de 1930 e 1940 por meio da construção de identidades de gênero e de potencialidades de inovação e de transformação frente a modelos tradicionais inscritos no *Corymbo*.

Através da revisão bibliográfica referente aos aspectos históricos da dissertação podemos perceber que a maioria dos trabalhos consultados apontava para a permanência de ideais positivistas quanto ao lugar da mulher na sociedade gaúcha, ainda na primeira metade do século XX. Para maiores informações a respeito fomos buscar pesquisas que se debruçaram especificamente sobre o tema, como a realizada por Clarisse Ismério (1995) "*Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*". Ainda versando sobre mulheres e positivismo, nos foi muito útil o artigo de Paulo Ricardo Pezat (2007) "*Carlos Torres Gonçalves e o sexo altruísta: a conversão feminina a religião da Humanidade em Porto Alegre no início do século XX*". Outros trabalhos a respeito do positivismo no Rio Grande do Sul foram consultados e nos serviram como base para formulação de idéias mais precisas acerca das implicações morais e simbólicas daquilo que deveriam ser as mulheres gaúchas segundo as adaptações e releituras feitas no estado do pensamento de Comte.

Ao longo da pesquisa acompanhamos e interpretamos as lutas simbólicas<sup>4</sup> travadas através da imprensa periódica e literária em torno de temas ligados à cultura e à construção e desconstrução da representação social da mulher na década de 1930 e início da década de 1940 no Rio Grande do Sul. Naquele momento, um novo projeto de Brasil estava sendo pensado por Getúlio Vargas e por aqueles que o apoiaram e formaram seu governo. O período de 1930 a 1944 foi conturbado no campo político brasileiro. Por isso, consideramos fundamental para o processo de análise e interpretação dos dados levantados o entendimento do contexto que os geraram. Assim, recorreremos a autores do campo da história que desenvolveram pesquisas nessa área.

Dentre as diversas possibilidades de abordagem optamos por partir do contexto mais geral vivenciado no país até aquele mais específico, e para nós de maior interesse, o regional. Nesse sentido procuramos informações sobre os primórdios da imprensa no Brasil assim como sobre o surgimento da imprensa feminina, na tentativa de localizar o *Corymbo* enquanto parte do fenômeno de desenvolvimento do periodismo brasileiro. Também buscamos aporte de obras que versam sobre as mudanças ocorridas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, citamos o livro *“Estado Novo: Ideologia e Poder”* organizado pelas autoras Lúcia Lippi Oliveira, Mônica Pimenta Veloso e Ângela Maria Castro Gomes (1982), assim como *“Repensando o Estado Novo”*, organizado por Dulce Pandolfi (1999) e o livro resultante de um seminário intitulado *“A Revolução de 30: seminário internacional”*, realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas no ano de 1982. Nosso interesse comum nas três publicações foi procurar desvendar o contexto histórico e o papel desempenhado por intelectuais, dentre eles escritores como os colaboradores do *Corymbo*, em diferentes áreas do debate público. Todas as obras foram capazes de nos apresentar além de fundamentação histórica, explicações e interpretações sobre a

---

<sup>4</sup>O conceito de luta simbólica na obra do sociólogo Pierre Bourdieu aparece como sinônimo das disputas ocorridas nos diferentes *campos* em torno das mudanças ou manutenções nas visões de mundo e divisões estabelecidas na sociedade que colaboram na legitimação de determinadas práticas históricas. (Bourdieu, 2002)

nova ideologia proposta e implementada pelo governo Vargas em sua primeira administração.

Já com relação à conjuntura estadual e regional nos utilizamos do livro de Sandra Pesavento (1985) *“História do Rio Grande do Sul”*<sup>5</sup>, e de artigos publicados por Francisco das Neves Alves. Considerando que o último autor citado se dedica especialmente a temáticas relacionadas ao desenvolvimento da imprensa na cidade de Rio Grande nos séculos XIX e início do século XX. Cabe mencionar a importância tanto de seus artigos quanto dos livros por ele organizados para construção de um arcabouço histórico apropriado para o desenvolvimento da presente pesquisa. Dentre os artigos de Alves citamos *“A imprensa rio-grandina do século XIX no acervo da Biblioteca Rio-Grandense”* (2006), *“Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX”* (1999). Quanto a seus livros destacamos *“Imprensa, cultura e sociedade no Rio Grande do Sul: estudos históricos”*, *“A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico”* (2005) e *“Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura”* (2005). A partir da leitura desses trabalhos nos foi possível vislumbrar o tipo de sociedade a respeito da qual falaríamos, e a partir da qual nos falamos nossas fontes, assim como o papel que nela desempenhavam as mulheres. Os trabalhos de Alves a respeito da imprensa na cidade de Rio Grande foram fundamentais para localizar o *Corymbo* não só em seu contexto histórico de origem, mas entre seus pares da imprensa periódica, dimensionando assim tanto sua importância como suas particularidades.

É importante também mencionar os conceitos utilizados por nós para fins de análise e interpretação teórica. Procuramos resgatar o pensamento de Maurice Halbwachs (1990) sobre memória coletiva e suas implicações nos textos de Michael Pollack (1989), destacando, sobretudo as dimensões de reconstrução e conflito inerentes as possíveis memórias, principalmente as históricas. Consideramos que a imprensa periódica se constitui como suporte memorial e por isso, enquanto fonte, é capaz de contribuir para reconstrução de uma outra memória ainda não inserida nos relatos oficiais, mas existente. Sua recuperação como estratégia de construção do conhecimento pode nos auxiliar no entendimento dos processos formadores e legitimadores de valores e identidades de certos grupos. Entendemos que o estudo

---

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul; 4ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.



acerca das representações sociais demanda também o reconhecimento de outras dimensões que as configuram. Tais dimensões podem ser percebidas através dos discursos que circularam na imprensa. A análise dos textos publicados no *Corymbo* pode nos revelar detalhes dos processos de transformação pelos quais passaram as mulheres na primeira metade do século XX e, como tais processos afetaram ou não a construção de uma memória social do feminino e a estruturação de identidades.

Quanto à estrutura da dissertação fizemos a opção de que os três capítulos que compõe o trabalho fossem divididos por temáticas. No primeiro capítulo intitulado “*Gênero, representação e memória: entre rastros e ausências*” realizamos a apresentação dos principais temas do trabalho situando-os dentro das perspectivas teóricas abordadas por nós. O capítulo tem início através de um resumo da revisão bibliográfica referente ao histórico dos estudos de gênero. No tópico “1.2 *Jornal como fonte de pesquisa*” justificamos nosso retorno ao uso do jornal como fonte de informação histórica referenciando nossa opção metodológica nos estudos e teorias da chamada *História Cultural*. Logo em seguida, na seção 1.3 e 1.4 respectivamente *Imprensa brasileira e imprensa no sul do Brasil e Imprensa Feminina*, descrevemos o percurso histórico de desenvolvimento do periodismo e suas implicações na vida cotidiana, assim como as relações latentes entre periódicos e memória. O Capítulo 2, intitulado *Textos e Contextos* inicia com a seção 2.1 *Cenário e atores: contexto nacional*, onde descrevemos e analisamos o contexto histórico brasileiro relativo ao período por nós abordado (1930 – 1944), dando ênfase às transformações ocorridas no campo sociocultural que influenciaram diretamente a vida das mulheres brasileiras, também realizamos uma breve caracterização da cidade de Rio Grande, cenário do desenvolvimento do *Corymbo* e da vida de Revocata de Mello. A seção 2.2 *Corymbo de 1883 – 1944* é uma tentativa de cobrir todo percurso de existência do *Corymbo*, recorreremos para isso largamente aos estudos feitos por Miriam Vieira (1997) e Mauro Póvoas (2005). Realizamos ainda na seção 2.3 *Revocata Heloisa de Mello* uma pequena biografia da redatora do *Corymbo*, trabalhando a partir dos textos publicados no periódico de autoria da própria Revocata e de terceiros acerca de sua vida e de alguns membros de sua família.

No início do capítulo 3 “*Novos horizontes para a mulher*”: *seções, colunas, temáticas e representações femininas no Corymbo de 1930 a 1944* são expostos os dados elaborados a partir da sistematização dos exemplares do *Corymbo* referentes aos anos de 1930 até 1944. Nessa seção apresentamos as colunas publicadas no *Corymbo*, assim como os principais temas abordados, também aqui são estabelecidas tipologias e tem início a análise de alguns textos transcritos. No tópico 3.2 *Corymbo: memória e representação feminina* trabalhamos os textos publicados no *Corymbo* que dizem respeito especificamente a questões ligadas à configuração de um ideal de mulher moderna ao mesmo tempo em que demonstraremos as tensões e contradições existentes tanto na escrita de Revocata de Mello quanto na linha editorial adotada por seu periódico.

Nos apêndices do trabalho trazemos a relação de periódicos consultados por nós para elaboração da dissertação e a listagem de autoras publicadas pelo *Corymbo*. Nos anexos foram reproduzidos na íntegra os textos publicados no *Corymbo* e utilizados para fins de análise no decorrer da dissertação, com exceção daqueles que se encontram em sua totalidade no corpo do texto.

Esperamos através das estratégias de análise e exposição adotadas contribuir para a construção de uma das possíveis memórias da situação feminina no Rio Grande do Sul no início do século XX, trazendo para o presente um relato das lutas, das esperanças e dos esforços empreendidos por diferentes mulheres por meio de um periódico para sua constituição como sujeitos de direito e de potencialidades.

## **CAPÍTULO 1. GÊNERO, MEMÓRIA E IMPRENSA: ENTRE RASTROS, AUSÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES**

Os estudos que abordam temáticas referentes às mulheres, aos feminismos e, aquilo que atualmente englobamos na categoria Gênero, são, em medidas históricas, recentes. A maioria das autoras concorda com a coincidência entre a entrada dessa temática na academia e a eclosão dos movimentos sociais das décadas de 60 e 70 do século XX, a chamada “segunda onda<sup>6</sup>” do feminismo. Apesar das marcantes diferenças entre o movimento feminista americano e o francês, dois dos principais expoentes na época, um elemento os uniu: os fortes questionamentos sobre o papel da ciência e da cultura. Tais interrogações atuaram como catalisadoras na institucionalização dos estudos de gênero, que tiveram lugar primeiro nos Estados Unidos e, logo em seguida, na Inglaterra<sup>7</sup>.

No Brasil, o desenvolvimento acadêmico dos estudos de gênero passou igualmente pelas pressões exercidas pelos movimentos sociais e também possui como marco central em sua trajetória a década de 1970. Uma das mais importantes características assimiladas por esses estudos foi o reconhecimento da necessidade de interlocução entre as diversas áreas do conhecimento já estabelecidas, ou seja, a urgência da multidisciplinaridade. Para Lia Zanotta Machado (1994, p. 02), aquelas que de alguma forma se identificam e se reconhecem no campo dos estudos de gênero, “reivindicam [...] um caráter inovador face à tradição dos saberes disciplinares<sup>8</sup>”.

---

<sup>6</sup> A expressão *Segunda onda do feminismo* é definida por algumas autoras como relativa ao período que teria começado no início da década de 1960 e durado até o fim da década de 1980. Existem algumas divergências no meio intelectual feminista sobre a persistência ou não dessa segunda onda até a atualidade. Carol Hanisch foi a autora do slogan "O pessoal é político", que se tornou sinônimo dessa fase. As feministas de segunda onda viam as desigualdades culturais e políticas das mulheres como ligadas inexoravelmente, e encorajavam ativamente as mulheres a compreenderem aspectos de suas vidas pessoais como sendo profundamente politizados, e refletindo as estruturas de poder sexistas. FIORI, Gecira Di. O que muda e o que permanece no movimento feminista. Disponível em: < [http://www.sociologia.ufsc.br/npms/gecira\\_di\\_fiori.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/gecira_di_fiori.pdf)>. Acesso em: 27 de agosto de 2009.

<sup>7</sup> MACHADO, Lia Zanotta. Campo Intelectual e Feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. *Série Antropologia*, 170, 1994.

<sup>8</sup> Idem

Já para Joan Scott (1990)<sup>9</sup>, as pesquisadoras feministas teriam afirmado muito cedo que os estudos centrados na história das mulheres acrescentariam não só novos temas, como também proporião uma reavaliação das premissas e dos critérios dos trabalhos acadêmicos existentes. Nesse sentido, Scott (1990) chama atenção para o perigo da utilização da categoria gênero como universal, fazer tal uso seria uma forma de negligência com as diferenças dentro da diferença, ao deixar de lado particularidades históricas, culturais e socioeconômicas.

Por sua vez, Roger Chartier (1995) considera que o maior desafio dos estudos de gênero empreendidos no meio acadêmico está no estudo de discursos e práticas que teriam por intuito “garantir o consentimento feminino às representações dominantes da diferença entre os sexos<sup>10</sup>”. O conceito de representação é definido por Chartier (1995) como um sistema, onde classificações e exclusões constituem configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço (GOMES, 2009, p. 25). A representação pode então ser compreendida sobre a forma de “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). Para o autor,

[...] o conceito de representação permite definir claramente, para cada grupo social ou classe, as representações coletivas que crescem às estruturas do mundo social aos indivíduos, e à construção dos comportamentos e hábitos encarregados de mostrar uma identidade recuperada. (CHARTIER, 2007)

Chartier afirma ainda que as representações não são discursos neutros, pelo contrário, elas são capazes de produzir estratégias e práticas sociais que impõe sua autoridade em detrimento de outras, da mesma forma, as representações são capazes de legitimar projetos, justificando para os sujeitos suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17). O autor nos chama a atenção para o caráter competitivo que as representações supõem, ao afirmar que, as lutas travadas pelo domínio de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para a compreensão dos “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (1990, p.

---

<sup>9</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 13 de março de 2009.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. IN\_Cadernos Pagu, 1995

17). A dimensão conflitiva da representação, assim como a idéia de que elas são capazes de justificar projetos e conformar identidades dialoga diretamente com o conceito de memória.

Ainda sobre representação, Chartier afirma que o conceito é superior ao de mentalidade por ser capaz de articular “três modalidades da relação com o mundo social” (NASCIMENTO, 2006). Seriam elas,

a) O trabalho de delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; b) As práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; c) as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ de instâncias coletivas ou pessoas singulares marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (NASCIMENTO, 2006, p. 25)

Quanto às estruturas do mundo social, essas não são entendidas por Chartier (1995) como um dado objetivo, nem tão pouco como categorias intelectuais ou psicológicas, mas sim como sendo históricas, produzidas por práticas políticas, sociais e discursivas articuladas. As demarcações e esquemas que modelam as práticas sociais nos levam a repensar a relação tradicional entre o mundo social como produto do real e as representações como reflexos ou desvios do real. As práticas discursivas, citadas pelo autor, podem então ser caracterizadas como produtoras de ordenamento, como formas diferenciadas de interpretação<sup>11</sup>. Da mesma forma, os discursos podem ser entendidos como sendo o lugar em que se pode observar a relação entre linguagem e ideologia<sup>12</sup> e a construção de significados empreendidas através desses elementos por e para os sujeitos (ORLANDI, 2005, p. 07). Já as práticas discursivas são as diversas formas utilizadas pelos sujeitos para manifestarem-se, materializando o discurso.

Uma das diversas formas de materialização do discurso pode ocorrer através da escrita. Assim, ao analisar o conteúdo de um periódico, o que interessaria no texto seriam os elementos capazes de fornecer subsídios para visualizar a

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações Lisboa: Difel, 1998. p. 16, 17, 23, 26, 28.

CHARTIER, Roger. Entrevista Extra-Classe. Ano 12, nº 113, maio de 2007.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira – 1873 – 1932. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2006, p. 24, 25.

<sup>12</sup> Ideologia entendida como concepção de mundo, crenças e valores morais que se manifestam em todas as esferas da vida, mais precisamente, posições assumidas dentro de um determinado contexto sócio-histórico que dão sentido às palavras. (ORLANDI, 2003)

ordenação através da qual ocorre a materialização do discurso propriamente dito, permitindo o acesso aquilo que não está colocado de forma direta na fala, mas que, embora implícito no texto, é um elemento importante para o entendimento do processo de produção dos sentidos. Entendemos assim que o “subtendido e o pressuposto [...] também fazem parte do processo de análise, complementando o conteúdo que foi dito” (ROSA; TURETA; BENEDITO, 2006, p. 06). Até mesmo a ausência carrega consigo significações historicamente produzidas<sup>13</sup>. O esquecimento também produz identidades, também afirma aquilo que deve ser lembrado e como os sujeitos devem lembrar.

Conforme Stuart Hall (2004) é importante que percebamos identidades e, em nosso caso, também feminilidades, não como invólucros fechados e limitadores dos sujeitos sociais, mas como fazeres permanentes e múltiplos que podem ser vividos e vivenciados a partir de diferentes papéis sociais. Tratamos, portanto, também o conceito de gênero a partir do mesmo pressuposto, ou seja, como categoria aberta e incessantemente resignificada através de diferentes representações e discursos.

Judith Butler (2001) ao escrever sobre a famosa frase de Simone de Beauvoir (1967) – “não se nasce mulher, torna-se mulher”, considera que o “tornar-se” refere-se a um processo de incorporação do gênero, entendendo-o como um “projeto incessante, um ato diário de reconstrução e interpretação” (BUTLER, 2001, p. 142), algo que necessita de constante retoque. Aliando o pensamento de Butler (2001) a idéia de identidade apresentada por Hall (2004), é possível pensar o sujeito em uma relação dialética, onde ele pode por vezes exercer o papel de dominador, mas ao mesmo tempo, também é por igual afetado e dominado pela dinâmica na qual está inserido. A partir então, do questionamento dos diversos discursos que pretendiam representar o “ser mulher” vinculados em periódicos como o *Corymbo*, podemos desvendar as relações não só, mas também de dominação impostas ou assumidas, vigentes naquele contexto.

---

<sup>13</sup> ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005, 6ª Ed. ROSA; TURETA; BENEDICTO. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos nos Estudos Organizacionais: A Contribuição do Construcionismo Social. IN\_Anais do I X S E M E A D. FEA – USP, 2006.  
BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. IN\_Revista Teias. Rio de Janeiro, ano , nº 13-14, jan/dez 2006.

Os conceitos citados até agora a respeito de dominação e luta simbólica, provém de diálogos com a obra do sociólogo Pierre Bourdieu. Essas ideias aliadas às definições de Roger Chartier (1995) para o conceito de representação nos remetem a configuração da memória social e, aos conflitos provenientes desse processo.

### **1.1 Memória social e conflito**

Henry Bergson (1999) é um dos primeiros estudiosos de seu tempo a deixar de lado a preocupação com a localização física da memória e buscar entendê-la como mecanismo complexo. Já no título de seu livro dedicado ao assunto “Matéria e Memória”, Bergson começa a deixar explícita sua crença de que a memória na verdade está localizada, ou melhor, é parte do espírito dos sujeitos. Surge assim o conceito de memória pura. Para o filósofo, os sujeitos carregavam consigo a totalidade de suas lembranças; contudo, eles não seriam capazes de lembrar somente imagens úteis à ação. Myrian dos Santos (2003) alega que Bergson “defendeu um fluxo ou estado puro da consciência, uma duração incapaz de ser apreendida, seja pela linguagem, seja pela razão” (SANTOS, 2003, p. 46). Para Bergson, a memória se constitui como fenômeno individual e indissociável dos sujeitos, já que era em seus espíritos que estava à manifestação da memória.

Já o sociólogo Maurice Halbwachs (1990) não aceitava a redução das questões relativas ao tema ao campo do indivíduo. Para ele, a memória deveria ser abordada pela perspectiva do social estando relacionada a representações coletivas estabelecidas por grupos sociais (SANTOS, 2003). As contribuições mais importantes estabelecidas por Halbwachs são aquelas que afirmam a existência de uma memória coletiva capaz de abarcar e determinar as memórias, ou melhor, as representações, no sentido definido por Roger Chartier (1995), acerca do passado de indivíduos dentro dos mais diversos grupos de pertencimento. A memória, para o sociólogo, é pensada em termos de convenções sociais e, só é possível a partir da reconstrução do passado a partir de necessidades colocadas no presente. Assim, a memória coletiva, ao contrário da memória individual que se constitui enquanto capacidade cerebral explicada pela neurociência, só pode ser compreendida através

da análise das representações coletivas manifestadas pelos grupos sociais no mundo empírico observável.

A grande contribuição de Halbwachs para as abordagens contemporâneas está na afirmação de que a memória é (re) construída a partir do presente e depende da posição social em que se encontra aquele que recorda. Tanto o que é lembrado como o esquecido possui um papel particular no processo de legitimação social.

Jornais, revistas e periódicos podem ser considerados suportes de memória, pois, através de suas páginas podemos acompanhar episódios que marcaram a história através do olhar daqueles que, de alguma forma, vivenciaram aquele momento. Ao mesmo tempo em que, a simples seleção do que seria ou não digno de ser impresso, também nos diz muito a respeito de certos grupos.

Segundo Adriana Senna (2006), o “texto jornalístico pode ser entendido como uma sequência de interpretações e re-elaborações de uma realidade, dos valores e normas que nortearam uma dada comunidade num certo período de tempo<sup>14</sup>”, o que faz dos periódicos foruns privilegiados de exposição de modelos idealizados de sociedade e de sujeitos sociais.

Entender de que forma os jornais passaram a fazer parte da vida diária dos sujeitos e, mais, como aquilo que deveria ser somente um veículo de comunicação pode ser entendido hoje como conformador de subjetividades exige de nós o trilhar de um caminho que inicia através da compreensão dos prós e contras da utilização de periódicos como fonte de pesquisa. Somente depois de travada essa discussão é que estaremos aptos a investigar a história do meio impresso, como forma de, finalmente, sermos capazes de entender nosso objeto de pesquisa, *Corymbo*, como sendo comum e ao mesmo tempo singular, portador de memórias e representações de gênero.

---

<sup>14</sup> SENNA, Adriana. As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916). Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 2006.



## 1.2 Jornal como fonte de pesquisa

Dominadas durante o século XIX pela crença na objetividade e neutralidade científicas, as ciências humanas - considerando principalmente as ciências sociais e a história - buscaram pela explicação dos fatos sociais através da construção de meta-esquemas explicativos e narrativas que se pretendiam portadores da verdade absoluta. Nesse contexto, o documento histórico tem importância fundamental, pois, comprovava e atestava as narrativas científicas. A supressão dessa pretensa objetividade, iniciada pelas discussões proporcionadas por alguns autores nas primeiras décadas do século XX através da Revista *Annales: économies, sociétés, civilisation*, acabou por libertar as ciências humanas da nefasta tarefa de se igualar as ciências naturais<sup>15</sup>. O fato histórico antes absoluto, pode ser visto agora sob novo prisma, ele não é mais considerado um acontecimento ocasional importante na linha do tempo, e sim “um fenômeno deliberadamente escolhido e construído” (PÓVOAS, 2005, p.23) pelo historiador a partir das perguntas formuladas por este para suas fontes, que são em geral parciais. Póvoas (2005) afirma que, para o historiador, as fontes são “uma possibilidade de resposta. No entanto, a fonte baliza e delimita o historiador, que não pode extrapolar o que é indiciado pelos dados” (p.23).

A compreensão da história como narrativa e da impossibilidade da explicação do social através de categorias universais fez com que também as fontes tradicionalmente utilizadas, ou renegadas, por historiadores e sociólogos fossem postas novamente a prova. Os jornais, antes entendidos como parciais e por isso indignos de análise científica, passam a ser pensados como possíveis ferramentas de interpretação e conhecimento de diferentes realidades sociais, constituindo-se então como suportes de memória a serem investigados.

Mauro Póvoas (2005) lembrando as considerações feitas por Maria Luzia Martins (2000) nos chama atenção para uma das peculiaridades trazidas pela pesquisa em periódicos: o fato deles serem ao mesmo tempo, objeto e fonte, muitas vezes de um mesmo estudo. Póvoas afirma que,

Os periódicos são uma fonte preferencial para pesquisas de vários tipos, sobretudo por documentar o passado por meio de textos – literários ou não –, de publicidade ou de retratos, que “evocam em seu conjunto, de imediato,

---

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados. 1991, vol.5, n.11, p. 173-191.

o quadro histórico em que se pretende transitar”. Contudo, o trabalho com o periodismo deve se dar a partir da efetiva inserção das folhas em seu tempo, num trabalho que não peque por ignorar as condições de vigência de jornais e revistas em sua época, sob pena de que as fontes, de luz para esclarecer pontos obscuros, se transformem em cilada documental. (PÓVOAS, 2005, p. 12)

Gomes (2009) considera ainda que não podemos esquecer que os jornais como documentos históricos, não tem seu valor diminuído pela veracidade ou não de seus conteúdos. A imprensa deve ser considerada como produto de práticas culturais, históricas e econômicas de lugares geográficos bem definidos.

No Brasil, uma das principais características do jornalismo foi seu caráter opinativo, sendo que, em muitos casos a intenção de fato não era informar, mas atuar sobre o imaginário social. Assim sendo, o que os periódicos e outros documentos impressos nos oferecem é um olhar sobre o cotidiano de uma época através de sujeitos específicos, nunca sendo vistos como reprodutores da realidade, mas sim, como espaço privilegiado de representação e, sobretudo, como suportes de uma memória. Mantendo o foco nas considerações feitas, realizaremos um breve histórico da trajetória da imprensa no Brasil e de suas possibilidades de análise.

### **1.3 Imprensa brasileira e imprensa no sul do Brasil**

A história da imprensa começa a encontrar condições favoráveis a seu desenvolvimento ainda no século XVII, devido à maior facilidade de distribuição ocorrida em razão da ampliação dos serviços de correios e telégrafos. Os jornais periódicos a partir daí tornaram-se comuns na Europa.

No Brasil, o funcionamento da imprensa só foi permitido no início do século XIX (BUTONI, 1990). No período anterior a palavra escrita era vista com enorme desconfiança pela Corte Portuguesa, sendo que, não só os jornais eram proibidos como também o acesso a certos livros. Bibliotecas existiam somente em mosteiros e colégios, já as coleções particulares começaram a ser notadas nos fins do século XVII, compostas em sua maioria por obras religiosas (SODRÉ, 1999, p. 11).

A vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 foi o que impulsionou a liberação da imprensa, através da possibilidade de instalação de tipografias em território nacional. O decreto de 13 de maio de 1808 de D. João VI<sup>16</sup> foi o que legalizou a situação através da implantação da Impressão Régia (GOMES, 2009, p. 18). Dela saiu o primeiro jornal editado no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de cunho oficial. No mesmo período começou a circular o *Correio Braziliense*, editado por José Hipólito da Costa em Londres<sup>17</sup>. Os anos de 1820 e 1821 marcaram a expansão da imprensa no país. Segundo Gisele Gomes (2009, p. 18) em 1820 a cidade do Rio de Janeiro contava com apenas um periódico, já em 1821 haviam sido publicados 11 periódicos, sendo que em 1833 o número já alcançava a marca de 72 publicações.

Dulcília Buitoni (1981) observa que a imprensa brasileira das primeiras décadas do século XIX, era constituída, principalmente, por pequenos jornais que circulavam com pouca tiragem e de caráter predominantemente opinativo. Os artigos publicados normalmente eram assinados, também eram comuns críticas políticas, textos literários e charges (BUTONI, 1981, p. 17). Tais características não passaram despercebidas pelo governo português, que, apesar de ter sancionado a lei de liberdade de imprensa em 02 de março de 1821, inspecionava, perseguia, prendia e chegava a deportar redatores e editores que emitissem opiniões contrárias aos ditames do príncipe regente D. João VI<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Decreto de 13 de maio de 1808:

Tendo-me constado, que os Prelos, que se acham nesta Capital, eram os destinados para a Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros, e da Guerra, e atendendo a necessidade, que há da Oficina de Impressão nestes meus Estados: Sou servido, que a casa, onde eles se estabelecerão, sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprimam exclusivamente toda a Legislação, e Papéis Diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição do Meu Real Serviço; e se possam imprimir todas, e quaisquer outras Obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo, e administração à mesma Secretária. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Do Meu Conselho de Estado, Ministro, e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, e da Guerra o tenha assim entendido, e procurara dar ao emprego da Oficina a maior extensão, e lhe dará todas as Instruções, e Ordens necessárias, e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao Meu Real Serviço. Palácio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e oito. Com a rubrica do PRÍNCIPE REGENTE, N. S.

Resgist.

Na Impressão Régia

BERGER, Paulo. A tipografia no Rio de Janeiro – Impressores bibliográficos, 1808-1900. Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984, p. 08.

<sup>17</sup> Autores e pesquisadores divergem sobre qual dos dois periódicos teria sido o primeiro jornal brasileiro, no entanto, tal discussão, para o presente trabalho não apresenta relevância. Para maiores informações a respeito ver SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>18</sup> A lei de 20 de maio de 1830 que determinava a prisão de autores que atacassem a monarquia e a Igreja através dos impressos, variando a pena de 3 a 9 anos. (MOREIRA, Luciano da Silva. Imprensa

A imprensa opinativa brasileira exerceu papel importante na articulação do processo de independência e atuou da mesma forma em outros momentos decisivos da história do país, como na Proclamação da República e na abolição da escravidão. Edgar Luiz Schneideir (1962, p. 85), afirma que foi justamente após a Proclamação da República que o periodismo brasileiro vivenciou a descentralização de sua produção, isso por conta das dinâmicas regionais que se tornaram mais influentes no cenário nacional.

De acordo com Francisco Alves (1995) a imprensa rio-grandense se desenvolveu justamente nesse momento de formação do Estado brasileiro. Da mesma forma que no restante do país, no Rio Grande do Sul a imprensa acompanhou o processo de formação histórica e política do estado. De acordo com o autor,

O surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul foi profundamente marcado pela convulsão política característica da formação do Estado Nacional Brasileiro e pelo clima pré-revolucionário que preparava a guerra civil. Apesar de incipientes os grupos políticos digladiavam-se na defesa de suas tendências, ocasionando acirrada oposição entre o que genericamente pode-se caracterizar como conservadores, moderados e radicais. (1995, p. 20)

O jornal *Diário de Porto Alegre* foi o primeiro a ser editado em solo gaúcho em 1º de junho de 1827<sup>19</sup>. Sua duração foi efêmera tendo desaparecido já em 1828. Já em Rio Grande o primeiro jornal publicado foi *O Noticiador* em 03 de janeiro de 1832<sup>20</sup>.

Quanto às condições materiais para produção de periódicos no século XIX na região sul do Rio Grande do Sul, Alves (1995) destaca a precariedade enfrentada por aqueles que se aventuravam. Carlos Reverbel (1957) nos informa que, a princípio, os jornais sequer dispunham de local para instalar suas redações, sendo que, muitas delas funcionavam na casa do próprio redator, que além de enfrentar a inglória tarefa de procurar notícias, também precisava levar o material até uma

---

e Política: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais, 1828-1842. Belo Horizonte: UFMG, 2006, Dissertação de Mestrado).

<sup>19</sup> SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: Fundamentos da cultura rio-grandense. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (5ª série), p. 85.

<sup>20</sup> SCHNEIDER, Edgar Luiz. Op. Cit. p. 87.

tipografia, no caso de não possuir prelo, além de se ocupar da revisão e distribuição do periódico<sup>21</sup>.

No final do século o autor destaca o surgimento de algumas melhorias técnicas, no entanto, os obstáculos ainda existiam. Entre eles, Alves (1995) enfatiza a limitação do público leitor como decorrência da baixa taxa de alfabetização, do pouco poder aquisitivo e do sistema escravagista. O autor ainda informa que, apesar da montagem de uma tipografia e do lançamento de jornais serem processos relativamente baratos, o que prejudicava a manutenção da atividade eram as despesas mais custosas com trabalhadores especializados e assalariados, os custos com papel e matéria-prima importada e o “porte de circulação”<sup>22</sup>.

Não só no Rio Grande do Sul, como em todo país, os periódicos funcionavam como espécie de palanque para discussão de questões públicas realizadas por membros da elite intelectual e política que acreditavam que seus jornais eram “os portadores de uma incumbência política e pedagógica” (GOMES, 2009, p. 19) junto à Nação. De acordo com Gisele Gomes (2009) a palavra escrita divulgada por periódicos e jornais diários assumia sua significância ao alcançar os mais variados lugares e também pela disseminação de conceitos fixados muitas vezes pela repetição (p. 20).

A autora descreve os periódicos brasileiros do século XIX como possuindo, em grande parte dos casos, na primeira página elementos constantes como o título, que expressava a posição política do jornal ou determinava certo público alvo; “a data, o número da publicação; o nome da tipografia e da localidade de sua impressão; e epígrafe - em língua nacional ou estrangeira - que permitia aos leitores conhecer as intenções [...] do jornal” (GOMES, 2009, p. 21). Para ela, contrariando o observado por Dulcília Buitoni (1981), ao tratar do mesmo assunto,

A ausência da identificação dos redatores e dos colaboradores muitas vezes fazia parte das características dos jornais. Essa estratégia utilizada permitia aos indivíduos envolvidos na impressão dos periódicos o anonimato baseado em pseudônimos ou simplesmente na identificação como “redactor” ou “redactores”. Assim, no calor dos debates, podiam desvincular sua pessoa de suas idéias evitando complicações práticas (processos, devassas...) em sua vida pública e privada. (GOMES, Gisele Ambrósio, 2009, p. 21)

---

<sup>21</sup> ALVES, Francisco Neves. Uma introdução a história da imprensa rio-grandina. Rio Grande: Universidade de Rio Grande, 1995, p. 16.

<sup>22</sup> ALVES, Francisco Neves. Op. Cit. p. 17, 18.

Outro elemento que deve ser destacado é que os jornais, além de terem se popularizado pela quantidade de publicações e pelo baixo preço, principalmente se comparados aos livros; também contribuíram para criação de novos espaços de sociabilidade. A leitura além de feita na privacidade do lar acontecia da mesma maneira nas ruas e praças públicas, onde era realizada de forma coletiva (GOMES, 2009, p. 22). No entanto, apesar da maioria da população ter acesso aos jornais, era comum que cada um deles pleiteasse um público específico, limitado e seletivo. Para isso contribuíam a própria paginação do jornal, com artigos que ganhavam continuação no número seguinte, indicando uma tentativa de fidelização do público leitor (MOREIRA, 2006, p. 74).

A partir da segunda metade do século XIX, intelectuais como José de Alencar e Machado de Assis, passaram a integrar o grupo que freqüentava e trabalhava nas redações dos mais diferentes periódicos. Os contos literários, somente depois publicados em livros, e textos mais amenos sobre variedades passaram a predominar nos jornais, auxiliando na conquista do público feminino<sup>23</sup>.

A passagem do século XIX para o XX assinalou a transição da pequena imprensa brasileira, caracterizada por Buitoni (1981) como artesanal<sup>24</sup>, à grande imprensa. Com o surgimento das primeiras empresas jornalísticas, os empreendimentos de jornais individuais começaram a diminuir.

[...] Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. Essa transição começara antes do fim do século [...]. Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas; a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. [...] Uma das conseqüências imediatas dessa transição é a redução no número de periódicos” (SODRÉ, 1999, p. 275).

Por outro lado, a área editorial foi acrescida por um aumento de títulos de revistas ilustradas; humorísticas, femininas, literárias e críticas como a *Revista da Semana*, *Kosmos*, *Fon-fon*<sup>25</sup> e a revista *Cruzeiro* de 1928.

<sup>23</sup> PACCOLA, Carina. Jornalistas e opinião no surgimento da imprensa no Brasil e durante a ditadura militar. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1254.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2009.

<sup>24</sup> BUITONI, Dulcília. Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

<sup>25</sup> BUITONI, Dulcília. Op. Cit., p. 47.

As mulheres brasileiras passaram a chamar atenção enquanto público leitor potencial ainda no século XIX. O oitocentos marcou o início do processo de “politização do espaço feminino’ graças às tentativas de estabelecer a igualdade de direitos entre os sexos; a maior participação feminina em associações” (GOMES, 2009, p. 23) e a multiplicação de jornais que tinham na mulher e em sua atuação seu segmento. Para Gomes

Através das páginas dos jornais vislumbramos a relação tensa, marcada por recuos e avanços, entre a figura feminina e as questões que fervilhavam cada linha impressa dos redatores. As mulheres, enquanto representações e público-leitor, entraram na cena dos debates e dos cotejos de idéias sobre política, educação e moralidade. (2009, p. 23)

No que diz respeito à imprensa direcionada para, e produzida por mulheres entre os séculos XIX e início do XX, vários estudos<sup>26</sup> atestam a possibilidade de esses veículos terem atuado como condutores de valores sociais que deveriam ser apreendidos por suas leitoras e leitores. Ao mesmo tempo, foi também por meio dos periódicos que muitos padrões sociais puderam ser questionados e até mesmo modificados<sup>27</sup>. A imprensa feminina constitui-se por isso, como importante material para o estudo, interpretação e compreensão de hábitos, costumes e reivindicações. É possível visualizar também, através dos periódicos, que posturas tomaram certas mulheres com relação a fatos e acontecimentos marcantes na história do Brasil, assim como nos abre a possibilidade de identificar normas e representações sociais criadas para e pelas mulheres diante da realidade vivida.

---

<sup>26</sup> Entre eles BUITONI, Dulcília. *A imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990. BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. CARVALHO, Marcus J. M. de. *A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX*. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). *Imprensa e História: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. GOMES, Gisele Ambrósio. *Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira – 1873 – 1932*. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2006. VIEIRA, Miriam Steffens. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo de caso do periódico Corimbo, 1885 – 1925*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira – 1873 – 1932*. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2006, p. 16, 49, 50.

## 1.4 Imprensa feminina

Dulcília Buitoni (1990) aponta o surgimento do primeiro periódico feminino na Inglaterra em 1693, o *“Lady’s Mercury”*. Na Itália a primeira publicação data de 1770, na Alemanha em 1774, já em 1800 surgem periódicos na Áustria. No entanto, a autora afirma que o maior desenvolvimento da imprensa feminina ocorreu na França, servindo inclusive de modelo para a imprensa que viria a surgir no Brasil (BUITONI, 1990).

A imprensa feminina francesa em sua primeira fase teve como exemplos significativos os jornais *Courrier de La Nouveauté* de 1758 e o *Journal des Dames et de Modes*, que circulou a partir de 1759. Tais publicações traziam em suas páginas poemas, resenhas e críticas de livros e de peças teatrais, moda, alguma publicidade e artigos sobre educação feminina. Após 1789 os jornais com teor feminista multiplicaram-se, entre eles podemos citar *L’ Athenée des Dames*, *La Voix dês Femmes*, e *Le Droit des Femmes*. Os assuntos passaram a ser mais polêmicos e envolviam questões como o divórcio, a remuneração adequada para o trabalho feminino e o acesso ao ensino superior<sup>28</sup>.

De acordo com pesquisas realizadas por Buitoni (1990) é de 1827 o primeiro periódico voltado para o público feminino brasileiro, era ele o carioca *“O Espelho Diamantino”*, o segundo teria sido editado em Recife e fora intitulado *“O Espelho das Brasileiras”*, ambos fazendo parte do que a autora denomina como primeira fase da imprensa feminina, quando a maioria dos periódicos foi editada por homens. Segundo Buitoni (1990),

Entre moda e literatura, duas incentivadoras da fantasia, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nome de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetivos, tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades, A Camélia, A Violeta, O Lírio, A Crisálida, A Borboleta, O Beija-Flor, [...] e assim por diante. (p. 26)

Buitoni (1990) fala ainda sobre o que considera as principais características da imprensa feminina, entre elas estão a separação entre qualidades ideais e realidade, o desprezo pela atualidade e a atenção a temas relacionados à moda, a

---

<sup>28</sup> BUITONI, Dulcília. A imprensa Feminina. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 26, 30, 31.



beleza e a culinária entre outros. Além disso, a autora destaca uma espécie de transformação da mulher em mito.

[...] a imprensa feminina é duplamente mítica. Primeiro, porque apresenta diversos conteúdos, senão todos, de forma mítica. Segundo, porque o conteúdo que a identifica mais perto do seu público – isto é, a representação subjacente do feminino – aparece sempre como mito. (BUIIONI, 1990, p. 06)

Para Roger Chartier (1995) a questão de como a mulher se relaciona com a escrita, elemento presente na segunda fase do periodismo feminino quando jornais e revistas passam a ser publicados por mulheres, não deve ser pensada somente em termo de diferenças radicais entre a escrita feminina e masculina. Ao invés disso, o autor propõe inscrever essas características em um modelo maior, pensando a escrita da mulher como aristocrática, ao mesmo tempo que, determinada por relações sociais, éticas e jurídicas. Não investindo assim, a simples diferença entre os sexos de uma força explicativa universal.

Examinemos o exemplo da escrita feminina, ou melhor, da relação das mulheres com a escrita, caracterizada no século XVII e XVIII (e talvez ainda no século XIX) por um certo número de traços: o recurso freqüente ao anonimato ou ao pseudônimo que dissimula a identidade verdadeira do autor; a distância em relação à edição, a destinação das obras a um público restrito, próximo, cúmplice. Deve-se, por isso, concluir que estes traços singularizam uma escrita feminina contida e dominada, privada de propriedades que, majoritariamente, qualificam a escrita masculina: o nome próprio, a difusão impressa, a busca de um público grande, anônimo e longínquo? (CHARTIER, Roger, 1995, p. 38)

Miriam Vieira (1995) ao buscar uma definição de imprensa feminina nos fala de certo consenso entre as pesquisas na área que vai em direção de uma imprensa feita por mulheres ou não onde o público alvo seria feminino.

O periódico literário *Corymbo* (1883 – 1944) é descrito em alguns estudos dedicados a ele, entre os quais o realizado por Miriam Vieira (1995), como sendo o periódico literário de mais longa duração do sul do Brasil e também o primeiro editado por mulheres. No entanto, o fato de ter sido editado por mulheres não faz dele, ao menos se pensarmos na definição apresentada, um órgão da imprensa feminina ou feminista.

Revocata Heloisa de Mello fundadora e redatora do *Corymbo* e sua irmã Julieta de Mello Monteiro, não definem seu público, e não direcionam seu trabalho exclusivamente as mulheres<sup>29</sup>, ao menos não o fazem de forma explícita. Entre os textos publicados no periódico, temáticas relativas ao universo feminino e a lutas e reivindicações com relação aos direitos da mulher aparecem lado a lado a colunas sobre moda e a constante exaltação do papel de mãe e rainha do lar.

No marco das discussões apresentadas até o momento e nos preceitos teóricos em tela, a presente pesquisa, abordará o período compreendido entre os anos de 1930 e 1944 do *Corymbo*, dando especial atenção à dualidade presente nos textos no que se refere ao lugar social da mulher brasileira. Contudo, acreditamos que, para um melhor entendimento do período abordado por nós, se faz necessária uma imersão maior no contexto histórico que serve como cenário para nossa narrativa.

---

<sup>29</sup> Na edição do *Corymbo* de outubro de 1935 podemos encontramos o seguinte texto, que pode corroborar nossa afirmação:

[...] Romeiro na imprensa, todas as classes sociais o tem acarinhado.

Se o artista, o operário, estendem-lhe as mãos francas, dignificadas pelo trabalho, o industrial, o comerciante, recebem-no sorridentes; o homem de gabinete, o mestre, o médico, o advogado, incluem-no nas publicações escolhidas para seus lares.

E, o poeta, o escritor, o jornalista, espíritos vestindo sempre a clamyde do ideal, não deixam de abraçá-lo enlaçando uma flor a seu bordão. (*Corymbo*, outubro de 1935, p. 01)

## CAPITULO 2. TEXTOS E CONTEXTOS

Como enfatizado no Capítulo 1, para compreender o texto vinculado em periódicos, quando tratado como documento histórico, é preciso cercar-se também de seu contexto. Tendo isso em mente no tópico 2.1 faremos uma breve descrição da situação nacional entre os anos de 1930 e 1944 para que, logo depois, seja possível caracterizar as publicações impressas no *Corymbo* a partir não só de seus elementos objetivos, como forma e estilo textual, mas também do contexto a que pertenciam e sobre o qual nos falamos.

### 2.1 Cenários e atores: o contexto nacional

O Brasil de meados do século XIX era composto de mão de obra escrava, parca urbanização e mulheres, as mais abastadas, encarceradas em seus sobrados (HANHER, 2003, p. 38). Esse é o quadro geral descrito por June Hahner em sua obra *“A Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil - 1850 – 1940”* (2003), onde a autora fala sobre algumas das impressões de estrangeiros sobre as mulheres brasileiras. Hahner observa que,

De acordo com as observações desses visitantes estrangeiros, o estereótipo comum da família patriarcal brasileira consistia no marido autoritário, cercado de concubinas escravas, que dominava os filhos e sua mulher submissa. Esta se tornava uma criatura passiva e indolente, que vivia enclausurada em casa, gerava inúmeras crianças e abusava dos escravos. (HAHNER, 2003, p. 38)

Contexto semelhante de enclausuramento feminino e dedicação exclusiva ao lar é descrito pela historiografia gaúcha. Mario Osório Magalhães (1993), ao abordar questões sobre a mulher de Pelotas, exalta sua beleza, educação e o fato de viverem essas senhorinhas sempre dentro de suas casas protegidas de qualquer influência externa. O contato com o mundo era feito através dos relatos trazidos pelas visitas vindas principalmente para os Saraus. No entanto, é importante ressaltar que a condição descrita não se fazia universal, outras vivências também eram possíveis, como por exemplo, as das mulheres que por vezes coordenavam

fazendas e aquelas provenientes de classes populares para as quais a reclusão ao lar não se fazia possível pela necessidade do trabalho que gerava o sustento das famílias (HAHNER, 2003, p. 44).

Dentro de seus lares, uma série de atividades ocupava o dia das mulheres de classe alta, elas eram responsáveis pelo bom funcionamento da casa, pelos escravos que lhe prestavam serviços, pela educação dos filhos, obrigações religiosas e qualquer outra atividade relacionada diretamente com a vida doméstica (HAHNER, 2003, p. 44). O casamento nesse contexto era tratado como uma forma de proteger a propriedade e aumentar fortunas, não dando nenhum direito às mulheres na escolha de seus pares. Além disso, uma série de restrições legais eram imposta às mulheres brasileiras, submissas primeiramente a seus pais e depois a seus maridos.

A rotina familiar sofre algumas alterações quando do aumento das atividades sociais no decorrer do século XIX. Jantares e recepções formais fizeram com que as mulheres precisassem “ostentar prendas e habilidades sociais adequadas, a fim de promover a posição da família” (HANHER, 2003, p. 50). Saber portar-se, tocar um instrumento, de preferência o piano, cantar e falar, assim como saber recitar em francês se fizeram atributos necessários às mulheres de elite, e no sul do Brasil não foi diferente (MAGALHÃES, 1993).

Também a forma de se vestir passa a ser considerada como elemento de distinção social. Saber adequar suas vestimentas à situações específicas tornou-se mais uma dentre as maneiras de ostentar a posição da família em seu meio. Segundo June Hanher (2003), “o vestuário refletia a posição de classe e indicava o tipo de tratamento devido à cada pessoa” (p. 52). No Capítulo III, poderemos observar como tal situação se manifestou nas páginas do *Corymbo* através de uma coluna dedicada ao assunto e intitulada *Moda*.

O contexto descrito como característico do século XIX começa a ser modificado já no início do século XX. O Brasil apresentava um semblante mais modernizado, ou ao menos se encaminhava para tal. As cidades começaram a receber melhorias urbanas, como vias asfaltadas e construção de passeios públicos. Mais mulheres iniciaram seus processos de alfabetização, e algumas chegaram a conseguir ingressar no ensino superior. Outras passaram a se arriscar em profissões liberais como direito e a medicina, e ainda houve aquelas que

ingressaram em carreiras ligadas ao governo, ainda que essa escolha e oportunidade tenha se constituído como uma exceção. Contudo a maioria das mulheres que adentrou o mercado de trabalho buscou a segurança do magistério, profissão permitida e bem vista às mulheres (HAHNER, 2003). Daremos mais atenção à entrada da mulher no magistério e à questões específicas da educação feminina quanto apresentarmos os textos publicados no *Corymbo* que falam sobre essa temática no Capítulo III.

O crescente número de mulheres alfabetizadas possibilitou uma aproximação cada vez maior entre o feminino, a literatura e conseqüentemente a imprensa. A relação entre literatura, imprensa e mulheres começou a ser traçada já durante a segunda metade do século XIX, quando periódicos dedicados às mulheres publicavam em suas páginas trabalhos literários de autoria também feminina. A respeito desse envolvimento e das redes de relações daí provenientes, Hahner (2003) nos diz,

Já no final do século, as fileiras das defensoras dos direitos femininos e das literatas tinham crescido de modo expressivo, e algumas mulheres se dividiam entre ambas as atividades. Quebrado o isolamento, grupos de mulheres escritoras de importantes cidades brasileiras passaram a manter contato com os grupos de centros urbanos que não aqueles em que se formaram e, geralmente, contribuía com os jornais e revistas umas das outras, consubstanciando um esforço que atingia cantos opostos do país. (HAHNER, 2003, p. 246)

A autora afirma ainda que o envolvimento das mulheres com a literatura nas duas primeiras décadas do século XX, não preocupou a porção masculina da população, pois essa era uma atividade que poderia ser desenvolvida em casa, sem se afastar de seus deveres de mãe e esposa (HAHNER, 2003, p. 247). No entanto, no decorrer dessas duas décadas a questão feminina começou a ganhar novos vultos, principalmente, aponta Hahner (2003), por conta de influências vindas da Europa e dos Estados Unidos. Para alguns a emancipação feminina não incomodava, parecia capaz de dar ao homem uma companheira que estivesse mais à sua altura, no entanto, outros, como aqueles que seguiam a cartilha positivista continuavam a advogar uma “existência puramente doméstica para as mulheres” onde sua função era a de ser a “alma da família”, uma vez que essa instituição era considerada a chave da civilização (HAHNER, 2003, p. 251).

A teoria positivista e seus diversos desdobramentos tiveram grande alcance durante a Primeira República no Rio Grande do Sul, que foi vivida sob forte égide do espírito comteano. O positivismo de origem francesa tem sua raiz justamente em Auguste Comte (1798-1857), cuja ambição era criar uma ciência capaz de analisar e diagnosticar a sociedade a partir da aplicação das mesmas leis e princípios das ciências da natureza para explicação e previsão de fenômenos sociais. A observação, a experimentação e a comparação eram os métodos aplicados nas ciências naturais que também deveriam ser observados na análise das sociedades.

No Rio Grande do Sul, uma das mais significativas repercussões dessa teoria se deu no campo político, tendo entre seus defensores figuras como Júlio de Castilhos (ISMÉRIO, 1995). Nelson Boeira (1980), afirma que de 1870 a 1930, era possível identificar ao menos três tipos de positivismo no estado, ao invés de uma simples transposição das teorias de Comte. Os três tipos eram, segundo classificação de Boeira (1980): o político, o difuso e o religioso. Para Ismério (1995) o positivismo político foi uma releitura feita por Julio de Castilhos de Comte, o difuso uniu a versão castilhista com a comtiana adicionando ainda o cientificismo evolucionista enquanto que o religioso seguia a Religião da Humanidade, criada também por Comte (ISMÉRIO, 1995, p. 16, 17). A autora ainda afirma que “a moral, a rigidez, o autoritarismo e a disciplina eram os pontos que uniam os três tipos de Positivismo, fundindo-os em um único objetivo: organizar a sociedade através de uma moral conservadora<sup>30</sup>”.

Durante esse período o lugar reservado à mulher na sociedade também foi circunscrito pelos mesmos ideais comtianos que a proclamavam como rainha do lar e anjo tutelar. Clarisse Ismério (1995) observa que,

O caráter conservador é observado no discurso positivista referente à mulher. Considerando a mulher responsável pela manutenção da moral e pela realização do culto privado, Comte impôs modelos de conduta feminina baseados na mentalidade patriarcal, formada ao longo da História da Humanidade. A mulher deveria ser a *rainha do lar* e o *anjo tutelar* de sua família e, para atingir esses modelos, seguiria normas pré-estabelecidas pelo *Catecismo Positivista*, no qual Comte codificou todo pensamento conservador em torno da mulher. (p. 19)

---

<sup>30</sup> ISMÉRIO, Clarisse. Mulher: a moral e o imaginário (1889 – 1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 17.

Historicamente a Primeira República é delimitada pelos anos de 1889 e 1930 quando Getúlio Vargas assume o poder. No entanto, tais demarcações temporais nem sempre são vivenciadas em seus contextos de origem com tamanha rigidez. A desconstrução do domínio positivista, a conquista de novos espaços e a construção de outras representações sociais em torno da figura feminina foram processos lentos que se manifestaram de maneiras variadas e, por vezes, contraditórias durante os anos que vieram. Regina Caleiro<sup>31</sup> (2002) ao falar sobre os discursos normatizadores do comportamento feminino ligados ao positivismo e disseminados na Primeira República comenta que:

As representações femininas modelares contribuíram na perpetuação dos ideais misóginos que permaneceram no imaginário social e contribuíram de forma decisiva para e com a exclusão feminina do cenário político. Evidentemente, os comportamentos periféricos de muitas mulheres sinalizaram o caminho das mudanças posteriores, mas é impossível negar a força das representações femininas e do imaginário social nos discursos que visavam a formação da identidade e da cultura nacionais durante o período político denominado Primeira República e seus reflexos que ainda subjazem na atualidade. (2002, p.09)

A partir das colocações feitas podemos identificar, na permanência do ideal positivista no Rio Grande do Sul, um dos fatores responsáveis pela idealização de modelos a serem seguidos pelas mulheres da elite gaúcha. Tais modelos, que tiveram como premissas a permanência da mulher no lar e a dedicação exclusiva aos filhos e ao marido recaem na imposição de deveres que vão ao encontro de uma moralidade e de uma condição de vida muito específicas. A modernização social experimentada nas primeiras décadas do século XX criou possibilidades de vivências externas ao lar, que acabaram por somar novas imposições às antigas, já que, para a parcela feminina da população a significativa alternância em postos políticos de grupos aparentemente distintos, que ocorreu no Brasil na década de 1930, não significou ruptura com o imaginário existente, ao menos não em um primeiro momento.

A década de 1930 teve início justamente com a alteração do grupo detentor do poder através de um movimento armado que levou Getúlio Vargas ao mais alto cargo do executivo do país. Vargas permaneceu no poder até o ano de 1945. Este intervalo temporal é o cenário de nossa pesquisa, cenário este que viu surgir

---

<sup>31</sup> CALEIRO, Regina Célia Lima. O positivismo e o papel das mulheres na ordem republicana. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002.

inúmeras transformações sociais e simbólicas que acabam por ecoar nas páginas do *Corymbo*.

De 1930 a 1945 o governo de Vargas passou por algumas mudanças, capazes de caracterizar a divisão desse período em três fases, a primeira de 1930 a 1934, governo provisório; de 1934 a 1937, governo constitucional, eleito pelo Congresso Nacional; e de 1937 a 1945, o chamado Estado Novo.

As origens históricas da revolução de 1930 podem ser localizadas na falência do modelo anterior de substituição no poder de representantes da agroeconomia exportadora paulista do cultivo do café e por fatores conjunturais internacionais como a crise de 1929 e a primeira Guerra Mundial. Helio Silva apud Derocina Sosa (2005), apresenta de forma breve os principais fatos no mundo e no Brasil que marcaram as duas primeiras décadas do século XX e que repercutiram de forma direta ou indireta na revolução de 1930:

A crise do mundo moderno se apresenta bruscamente, ao deflagrar a primeira Guerra Mundial. Serve de divisor de águas, separando duas épocas, marcando o ocaso de uma civilização e o nascimento difícil e demorado de outra forma de sociedade. A partir desse marco abre-se uma fase de transformação intensa, com a Semana de Arte Moderna; a revolta social, com a fundação do Partido Comunista Brasileiro; a revolução militar [...]. (2005. p. 05)

Para Sandra Pesavento (1985), o fato dos cafeicultores monopolizarem os centros decisórios do poder e de ditarem a política a ser seguida pelo resto do país foi o que mobilizou a articulação das oligarquias periféricas do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba. A autora enfatiza ainda a importância do apoio da ala jovem do exército, que “dotou a dissidência oligárquica de meios efetivos para dar o golpe, uma vez evidenciado que não tinha condições de assumir o poder através dos processos eleitorais vigentes” (PESAVENTO, 1985).

O resultado das eleições para sucessão de Washington Luiz, nas quais Julio Prestes, candidato da situação, venceu Getulio Vargas e o assassinato de João Pessoa na Paraíba, foram os estopins para o início do movimento armado. Os confrontos resultantes dos processos antes narrados tiveram como vitoriosos aqueles que lutaram ao lado de Vargas, que chegou a presidência da República ainda em 1930.



No Rio Grande do Sul, apesar de o *Corymbo* não pretender ser, nem ter sido tratado como um jornal noticioso ou político, foram publicados artigos tanto sobre Vargas como sobre João Pessoa. A posição do periódico foi de apoio e exaltação à vitória alcançada por Getúlio Vargas através de artigos publicados contemporaneamente aos fatos.

Em janeiro de 1930, o *Corymbo* publicou o artigo intitulado *Deslumbrante*, falando sobre a consagração popular dos então candidatos a presidente e vice-presidente da república pela Aliança Liberal no Rio de Janeiro. Em certo trecho do artigo lemos o seguinte:

O que se viu na Avenida Rio Branco no dia 30, foi o que realmente vem do povo, aos grandes vultos por ele sagrados condignamente: - aqueles que se identificam com os seus ideais e vibram e empolgam e arrastam e ganham o coração da gente. São os que sabem se impor, se integrar na consciência nacional, em feitos e cívicas virtudes. [...]

Getúlio Vargas e João Pessoa encarnam o ideal de liberdade e justiça, anhelado pelo povo brasileiro. Representam eles a nova aurora redentora, desde muito sonhada, a raiar nos horizontes pátrios. Por isso a alma nacional vibrou, falou pela alma carioca, estridulando palmas jogando flores, em substituição as fanfarras e aos cortejos oficiosos, silenciosos sem a sonoridade eloqüente, dos aplausos do coração popular, em extraordinária consagração aos seus eleitos. (CEZAR, Anna. *Corymbo*, janeiro de 1930, p. 03)

Sobre o assassinato de João Pessoa, Revocata de Mello publicou um texto de sua autoria na primeira página da edição do *Corymbo* do mês de agosto de 1930:

Na cruzada de honra em que empenhara dignidade, energia e amor pátrio, com todo desassombro com que os antigos paladinos assumiam posições de vida ou morte, foi ele inigualável.

Em presente tenebroso em que tantas são as vacilações ante a *via crucis* do Brasil, o desaparecimento de um homem como que acaba de ser sacrificado é bem uma catástrofe para os destinos da Pátria onde JOÃO PESSOA muito poderia fazer ainda.

Em toda época, em todo lance difícil de um povo, a História mostra o vulto extraordinário de então, na brecha, fazendo frente ao raio da Prepotência! Na torturante situação em que está vivendo a alma nacional, o homem destacado pela História, será o abnegado Presidente da Paraíba. (MELLO, Revocata de. *Corymbo*, agosto de 1930, p. 01)

O ano de 1932 foi marcado por um movimento contrarrevolucionário que uniu parte da burguesia gaúcha aos paulistas. A Revolução Constitucionalista de 1932 terminou mais uma vez com a vitória de Vargas.

A primeira fase do governo, como assinalado anteriormente, durou até o ano de 1934. Alguns historiadores como Sandra Pesavento (1985) consideram o período chamado de Governo Provisório (1930 – 1934), e Governo Constitucional (1934 – 1937) como um único momento denominado República Nova.

No Rio Grande do Sul, até então aparentemente unificado pela Revolução de 30, Flores da Cunha com a criação de um novo partido buscou um meio de pacificar os mais diversos setores da burguesia gaúcha (PESAVENTO, 1985). Em 1934,

[...] findava no país o Governo Provisório, que vigorava desde a Revolução de 30. Getúlio Vargas permaneceu no poder como presidente, foi elaborada uma nova constituição e, no âmbito regional, Flores da Cunha passou de interventor a governador do estado. (PESAVENTO, 1985, p. 110)

O período que vai de 1934 a 1937 foi marcado por fatos como a criação da Lei de Segurança Nacional, o início do programa de rádio *A Voz do Brasil*, o fechamento da Assembléia Nacional, levantes armados e a Intentona Comunista que acabou por justificar a radicalização das leis de segurança e contra a subversão.

Em 1937 teve início, através de golpe apoiado por diversas lideranças políticas e militares, o Estado Novo, último período da primeira era Vargas e o mais radicalizado deles. Durante esses anos a censura à imprensa foi oficializada com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, no entanto, não existem quaisquer críticas ao governo no *Corymbo*.

No tocante às mulheres a grande conquista política do período foi o direito ao voto. O movimento sufragista brasileiro há muito já se organizara e buscava apoio para sua causa. Mas foi através do Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, o qual instituiu o Código Eleitoral Brasileiro, que a conquista foi alcançada. O artigo 2º determinava como eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código. Porém, a obrigatoriedade do voto não foi imposta às mulheres.

O direito ao voto trouxe consigo também o direito de ser votada. Na eleição de 03 de maio de 1933 para a Assembléia Nacional Constituinte foi eleita a primeira deputada brasileira, a médica paulista Carlota Pereira de Queiróz, reeleita em 1934. Durante a mesma legislatura tomou posse a segunda deputada brasileira, Bertha Lutz. Também uma representante classista, Almerinda Farias Gama, foi indicada pelo Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos e pela Federação do Trabalho do

Distrito Federal para a Câmara Federal. Apesar das conquistas, o alistamento de eleitoras mulheres foi considerado abaixo do que se esperava em muitos estados.

No âmbito sociocultural a década de 1930 foi marcada pela participação de intelectuais das mais diversas matrizes ideológicas no governo. Cultura e política caminharam juntas por uma redefinição do país, com a meta principal de redesenhar a identidade nacional. Os livros lançados nos primeiros anos da década de 1930 ainda hoje ecoam. Em 1933, Gilberto Freyre publicou *Casa Grande e Senzala*, no mesmo ano Caio Prado Jr. escreveu *Evolução política do Brasil*, e em 1936, Sérgio Buarque de Holanda publicou *Raízes do Brasil*. O lançamento dessas e de outras obras representaram além de um novo enfoque sobre temas como miscigenação, a ampliação do mercado editorial brasileiro que acabou por determinar uma redefinição no conteúdo vinculado por jornais e na existência de periódicos literários. Uma das principais razões levantadas para o alto número de periódicos e revistas literárias existentes a partir do século XIX no Brasil era justamente a dificuldade da publicação de um livro, sendo que, na maioria das vezes o próprio autor precisava arcar com todas as despesas.

Durante o período do Estado Novo a principal preocupação pareceu ser a homogeneização cultural e a exaltação do trabalho e do civismo, aspectos esses existentes nos textos publicados no *Corymbo*, que relacionam constantemente trabalho, progresso e emancipação, principalmente no caso das mulheres<sup>32</sup>. Para Lucia Luppi Oliveira (1982) no período posterior a 1930 o Brasil encontrava-se as voltas tanto com seu destino como com sua história, defrontando-se também com uma elite permeada de um ideal salvacionista e messiânico. Para autora, a compreensão da época sobre o Brasil, assim como sobre suas necessidades, carências, e “valores elaborados e divulgados pelos interpretes do Estado Novo constituem um patrimônio da cultura política nacional transmitido as gerações seguintes” (OLIVEIRA, 1982, p. 10).

Quanto ao movimento feminista ou de mulheres como já descrevemos, a principal conquista foi a concessão do voto. A ideologia oficial das diversas fases do governo Vargas, não parece ter sido em muito modificada no que diz respeito ao papel que a mulher deveria desempenhar na nova república. Parece-nos que os pressupostos positivistas permaneceram praticamente inalterados enquanto outros

---

<sup>32</sup> Essas temáticas serão apresentadas com maior profundidade no Capítulo III dessa dissertação.

elementos identitários eram repensados. A mulher permanece sendo a responsável pela criação dos filhos e pelo sustentáculo moral do lar, ao mesmo tempo em que, caminha lentamente em direção a esfera pública através de lutas pelo direito “ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho” (DUARTE, 2003, p. 160). Durante as décadas de 1930 e 1940, continua crescente o número de mulheres que se dedica a literatura. Esse parece ser o principal espaço de expressão intelectual com o qual as mulheres podem contar.

No Rio Grande do Sul as décadas iniciais do século XX, assim como no resto do país, foram vividas com entusiasmo e crença no progresso (SENN, 2006, p. 152). Progresso capaz de trazer consigo um desenvolvimento cada vez maior do jornalismo impresso e conseqüentemente para o periódico literário *Corymbo*, que naquele contexto histórico já vivia sua fase de maturidade, voltando suas preocupações não mais para sua afirmação como membro da imprensa, mas sim para outros horizontes. No entanto, para uma compreensão ainda mais apurada do contexto narrado e vivido pelo *Corymbo* no século XX é preciso que primeiro voltemos nosso olhar para a história da cidade que gera tal periódico: Rio Grande.

### **2.1.1 O palco: cidade de Rio Grande de sua fundação ao século XX**

A cidade de Rio Grande nasceu como fortificação em 1737, sua localização geográfica, no extremo sul do Brasil, fez com que sua povoação fosse necessária tendo em vista principalmente questões defensivas de disputa territorial entre portugueses e espanhóis e de controle da bacia hidrográfica da região (SENN, 2006, p. 153).

Com o desenvolvimento do potencial agropastoril o principal elemento econômico passou a ser o charque, ao qual se deveu o crescimento econômico ocorrido nas décadas seguintes não só em Rio Grande, mas também em Pelotas, emancipada em 1812<sup>33</sup>. O comércio do charque foi realizado do sul do Brasil com destino a diversas outras regiões acessíveis, mais facilmente, por meio hidrográfico. A utilização cada vez mais constante e em maior volume da barra e porto de Rio

---

<sup>33</sup> Em 1812 Pelotas vira freguesia, apenas independente nas questões religiosas, ainda continua vinculada administrativamente a Rio Grande. Pelotas só adquire status de vila em 1832.

Grande criaram uma nova burguesia local proveniente justamente da renda ali gerada.

Segundo Adriana Senna (2006) o crescimento econômico e posteriormente industrial da cidade de Rio Grande fez com que ela se transformasse, já no início do século XIX, numa das localidades mais importantes do Rio Grande do Sul, fato que resultou, conseqüentemente, em investimentos na melhoria das condições de vida da população rio-grandina e na urbanização da cidade. Já em 1870 foi discutido o calçamento das principais ruas da cidade, na década seguinte foi proposto o calçamento também das demais vias públicas<sup>34</sup>.

No início do século XX, o contexto vivenciado por Rio Grande foi o de crescente industrialização, com a instalação de diversas fábricas que traziam para cidade mão de obra principalmente estrangeira (SENN, 2006, p. 156). Senna (2006) comenta que no final do século XIX, a cidade estava vivendo um momento de crescimento econômico, afirmação política e de desenvolvimento urbano acrescido de um significativo aumento populacional.

Será esta população, em ascensão crescente e permeada pelas idéias do estrangeiro que chegam com os imigrantes, que edificam rapidamente clubes, sociedades carnavalescas e de recreação, casas de teatro, salas de leitura, livrarias e a Biblioteca Rio-Grandense (1878) – fundada em 1846 como Gabinete de Leitura. (SENN, 2006, p. 157)

Quanto às formas de recreação dessa população cada vez maior e com vontade acentuada de dialogar com as principais tendências do país (SENN, 2006, p. 158), encontramos a seguinte afirmação feita a partir de reflexões sobre o trabalho do historiador Ezio Bittencourt na dissertação de mestrado de Adriana Senna (2006):

Para o entretenimento da população local, principalmente da elite, dois importantes teatros são erguidos em Rio Grande: o “Sete de Setembro” (1832) e o “Politheama” (1876), lugares estes onde diversas companhias (nacionais e internacionais) e variados gêneros teatrais se apresentaram. Além destes, outras salas menores são organizadas, nas Sociedade Dramática Particular Alemã, na Sociedade Dramática Particular União Artística, na Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira e em outras. (SENN, p. 157)

---

<sup>34</sup> ALVES, Francisco das Neves. *A vila/cidade do Rio Grande no século XIX*. IN ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luis Henrique. (orgs.) *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica*. Rio Grande: FURG, 1997, p. 40-41.

A Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes instituições fundadas no período, também contribuiu de forma importante para a modernização cultural de Rio Grande. Foi organizada originalmente pelo português João Barbosa Coelho<sup>35</sup>, no dia 15 de agosto do ano de 1846, com o nome de Gabinete de Leitura (ALVES, 2005). Quanto à sede do Gabinete de Leitura, Edgar Fontoura (1933) em conferência proferida no aniversário de 87 anos da instituição e reproduzida em livro dedicado à mesma por Francisco das Neves Alves (2005), afirma que:

E pouco depois inaugurou-se, ainda aqui sem qualquer arruído, a nova fundação, no sobrado à Rua do Arsenal, hoje Ewbank, o qual, destruído, mais tarde por incêndio, deu lugar ao prédio em que estão hoje a redação e oficina de *O Tempo*. [...]

Passado o primeiro ano, já o prédio em que se instalara se lhe tornara exíguo, em 3 de novembro de 1847 mudou-se para o 2º andar do sobrado n. 146 da Rua da Praia, propriedade do coronel Francisco Antonio Lopes.

Depois dessas ocorreram ainda outras duas mudanças de endereço até que em 1902, ocorre a conquista definitiva de espaço próprio no prédio em que se mantém ainda hoje, na Rua General Osório 454, centro de Rio Grande. Em junho de 1878 pela necessidade de legalizar a instituição<sup>36</sup>, o Gabinete de Leitura torna-se então Biblioteca Rio-Grandense.

É interessante ressaltar no relato de Edgar Fontoura (1933) a afirmação de que durante o século XIX, os jornais e periódicos editados na cidade de Rio Grande não enviavam gratuitamente exemplares a biblioteca, tal prática só era efetivada mediante assinaturas pagas, diante desta conduta por parte da imprensa, Barbosa Coelho, fundador e primeiro bibliotecário da instituição, só assinava aqueles periódicos que tivessem seus proprietários entre o quadro de associados do ainda Gabinete de Leitura. Revocata de Mello fazia parte desse quadro de associados, talvez aí resida à explicação para excelente coleção do *Corymbo* que a Biblioteca possui. Senna (2006) afirma que o hábito da leitura era muito popular entre a

---

<sup>35</sup> Barbosa Coelho contou com a colaboração de mais 21 homens para que fosse possível a fundação do Gabinete de Leitura, eram eles: José Maria Pires de Carvalho, Manuel Jose da Silva Bastos, Serafim Jose Vasques, Francisco de Paula Cardoso, José Marques Vaz, Vicente Tourinho Filho, Paulino Alvez Granja, João Joaquim Fernandes Dias, Manuel José Antunes Guimarães, Antonio Gomes de Oliveira Magano, João José de Andrade, Antonio Luiz Machado, Francisco Pinto de Carvalho, Frutuoso Machado da Cunha, Manoel Coelho da Rocha Junior, João da Costa Pinto, José Manuel de Lima, Eduardo Augusto Machado, Manuel Luiz Cardoso Guimarães e Gaspar José Martins de Araújo.

<sup>36</sup> Sobre o assunto consultar: “ALVES, Francisco das Neves. Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.”

população residente de Rio Grande fazendo com que circulassem pela cidade, diversos periódicos não só de edição local, mas também de outras regiões do país (SENNÁ, 2006, p. 158). A popularidade da leitura também é um fator importante considerando a grande variedade de jornais produzidos na própria cidade, colocando Rio Grande logo atrás na produção de periódicos da capital Porto Alegre e de Pelotas (ALVES, 1997, p. 52).

Dentre os diversos periódicos produzidos em Rio Grande e encontrados ainda hoje entre o acervo de jornais históricos da Biblioteca Rio-Grandense está o *Corymbo*, editado e de propriedade de Revocata Heloisa de Mello.

## 2. 2 *Corymbo* de 1883 -1944

O periódico literário *Corymbo* foi lançado em Rio Grande em 21 de outubro de 1883, contudo, só conhecemos essa data através de menção feita no próprio periódico em exemplares posteriores como é o caso do trecho extraído da edição novembro de 1885, reproduzida abaixo,

Rodeado de simpatia e não lhe tendo jamais faltado o favor público, completou a 21 [de outubro] o seu segundo aniversário, o *Corimbo*, que nascendo semanário elevou-se ultimamente à altura de revista mensal. (*Corymbo*, novembro de 1885.)

Citação semelhante indicando a mesma data de fundação foi encontrada em exemplar de julho de 1888, neste caso lê-se o seguinte:

[...] Assim pensamos nós quando em 83 tivemos a idéia de fazer aparecer a luz pública o *Corymbo*, então como jornal semanário, e mais tarde, quando em 85 demolhes (sic) a forma de revista mensal, caráter em que a temos sustentado, entrando com o presente número em seu quarto aniversário. Neste período de tempo, nos temos esforçado em cumprir para com os favorecedores de nossa frágil revista literária, os compromissos que essa publicação impôs-nos. (*Corymbo*, julho de 1888, p. 01)

Segundo Mauro Póvoas (2005), existe também uma nota não assinada publicada no jornal *Eco do Sul*, de Rio Grande, na página 02 da edição de 24 de outubro de 1883, marcando o começo das atividades do periódico: “início das

atividades do *Corimbo* no domingo que passara, dia 21 de outubro<sup>37</sup>. Contudo, a bibliografia que de alguma forma faz referência a data de fundação do periódico e é anterior as pesquisas realizadas por Miriam Vieira (1997), Mauro Póvoas (2005) e Hilda Flores (2009), apresenta discordância entre as datas citadas de início de circulação do *Corimbo* e também daquela que marcaria o final de suas atividades.

Há divergências nas referências quanto à duração do *Corimbo*. Ari Martins, no seu *Escritores do Rio Grande do Sul*, à página 362, informa que a duração do periódico estendeu-se por sessenta e quatro anos, desde 21 de outubro de 1890, até, portanto, 1954, informação compartilhada por Valéria Andrade Souto-Maior, no *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*, na página 43. Guilhermino Cesar indica que a revista iniciou suas atividades em junho de 1885. Já o livro *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*, de Jandira Silva et al., aponta o primeiro número com o ano de 1886. (PÓVOAS, Mauro, 2005, p. 120)

No entanto, podemos afirmar que na Biblioteca Rio-Grandense o último exemplar encontrado do *Corimbo* é de janeiro de 1944, mês anterior a morte de Revocata de Mello, fato que nos faz acreditar que as atividades do periódico não sobreviveriam à morte de sua redatora e principal escritora.

Dados referentes à periodicidade, formato e tipografias em que o periódico foi impresso nos anos anteriores a 1930 podem ser encontrados na tese de doutorado de Mario Póvoas (2005) e, na dissertação de mestrado de Miriam Vieira (1997). Segundo os autores citados, o *Corimbo*, que foi lançado como revista literária, sofreu inúmeras transformações ao longo de sua existência. Tendo surgido como semanal, em tamanho ofício, já em junho 1885 passou a ser distribuído mensalmente, em tamanho meio ofício (20 cm x 24 cm), contendo de dezesseis a trinta e duas páginas, com a capa em papel colorido que variava de cor de exemplar para exemplar, assim como a cada mês e sumário. Tal formato permaneceu até novembro de 1888, quando sofreu uma pequena interrupção em sua edição ocasionada possivelmente por conta de mudança na gráfica onde era editado<sup>38</sup>. Voltou a circular em 1889, novamente como semanário, em tamanho ofício (30 cm x 20 cm), com quatro páginas, sem capa e com anúncios comerciais na última página.

---

<sup>37</sup> PÓVOA, Mauro Nicola. Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUC, 2005.

<sup>38</sup> Miriam Vieira (1997) nos informa que no ano de 1888 o *Corimbo*, antes impresso na cidade de Pelotas, passa a ser publicado na tipografia do Diário Comercial. Por sua vez, quando o Diário Comercial transfere-se para uma tipografia em Pelotas, o *Corimbo* passa a ser impresso na tipografia do Diário de Rio Grande. Foi possivelmente essa alteração no local de impressão que causou a interrupção das atividades do periódico naquele ano.



Até metade de 1898, o periódico apresenta o mesmo formato. Uma importante mudança ocorreu no *Corymbo* no ano de 1898, quando Julieta de Mello Monteiro passou a constar do cabeçalho do periódico como redatora. Julieta Monteiro já colaborava com o *Corymbo*, pelo que se pode constatar, desde fevereiro de 1887<sup>39</sup>. Sobre o período compreendido entre 1898 e 1927, Póvoas (2005) observa que,

Dessa data [1898] até agosto de 1927 – deve-se levar em conta que houve uma interrupção entre 1910 e 1913 –, circulou quinzenalmente, novamente no formato de 20 cm por 24 cm, quatro ou oito páginas, com capa e sumário. A partir de 1928, voltou a ser semanal [...]. A cada edição, a numeração iniciava da página 1. (PÓVOAS, 2005, p. 121)

No período citado alguns exemplares, como os do ano de 1905, apresentam em suas páginas internas desenhos, normalmente motivos florais, como marca d'água. Tais marcas são impressas em cores (vermelho ou verde) e ocupam o fundo de todas as páginas dos exemplares que são ainda ricamente ornadas com letras capitulares e molduras ao redor das poesias publicadas. No exemplar de 25 de novembro de 1905, comemorativo a chegada de um navio português (a conhoneira chamada Pátria) ao porto de Rio Grande, vê-se motivos ainda mais elaborados impressos nas páginas do *Corymbo*. As figuras 1 e 2, reproduzem a capa e a primeira página do referido exemplar.

---

<sup>39</sup> PÓVOA, Mauro Nicola. Op. Cit. p.120, 121 e VIEIRA, Miriam Steffens. Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo de caso do periódico Corimbo, 1885 – 1925. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997, p. 72, 73.

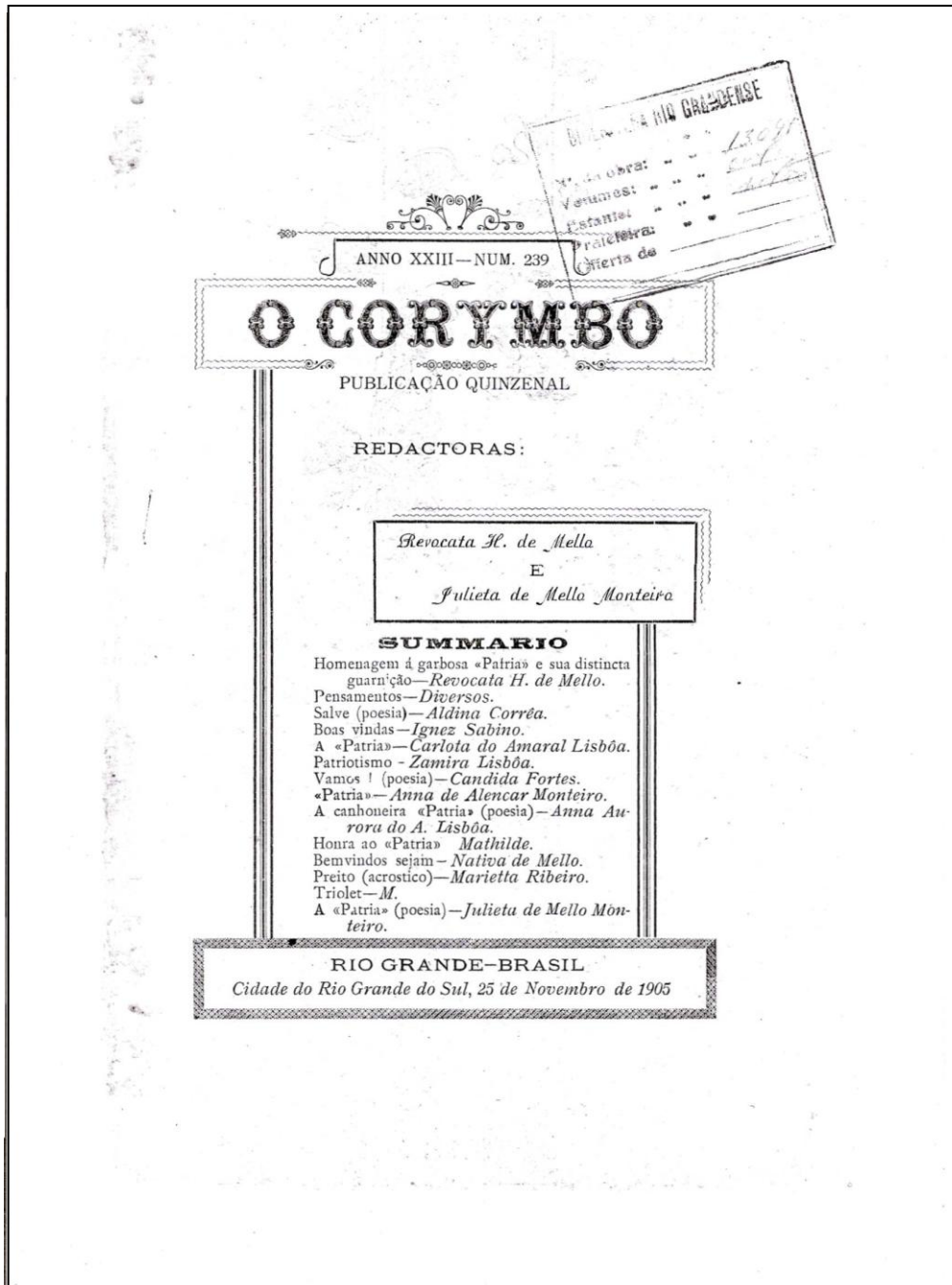


Figura 1. Fotocópia da capa do exemplar do Corymbo de novembro de 1905 (acervo Biblioteca Rio-Grandense)



Figura 2. Fotocópia da página 01 do exemplar do Corymbo de novembro de 1905. (acervo Biblioteca Rio-Grandense)

Nas páginas 02 e 03, assim como nas páginas 05 e 06, tem-se ao fundo, também como marca d'água nas cores verde e vermelho, o desenho de um navio que recobre as páginas conjuntamente. As páginas a que fizemos referência são reproduzidas pela figura 3.

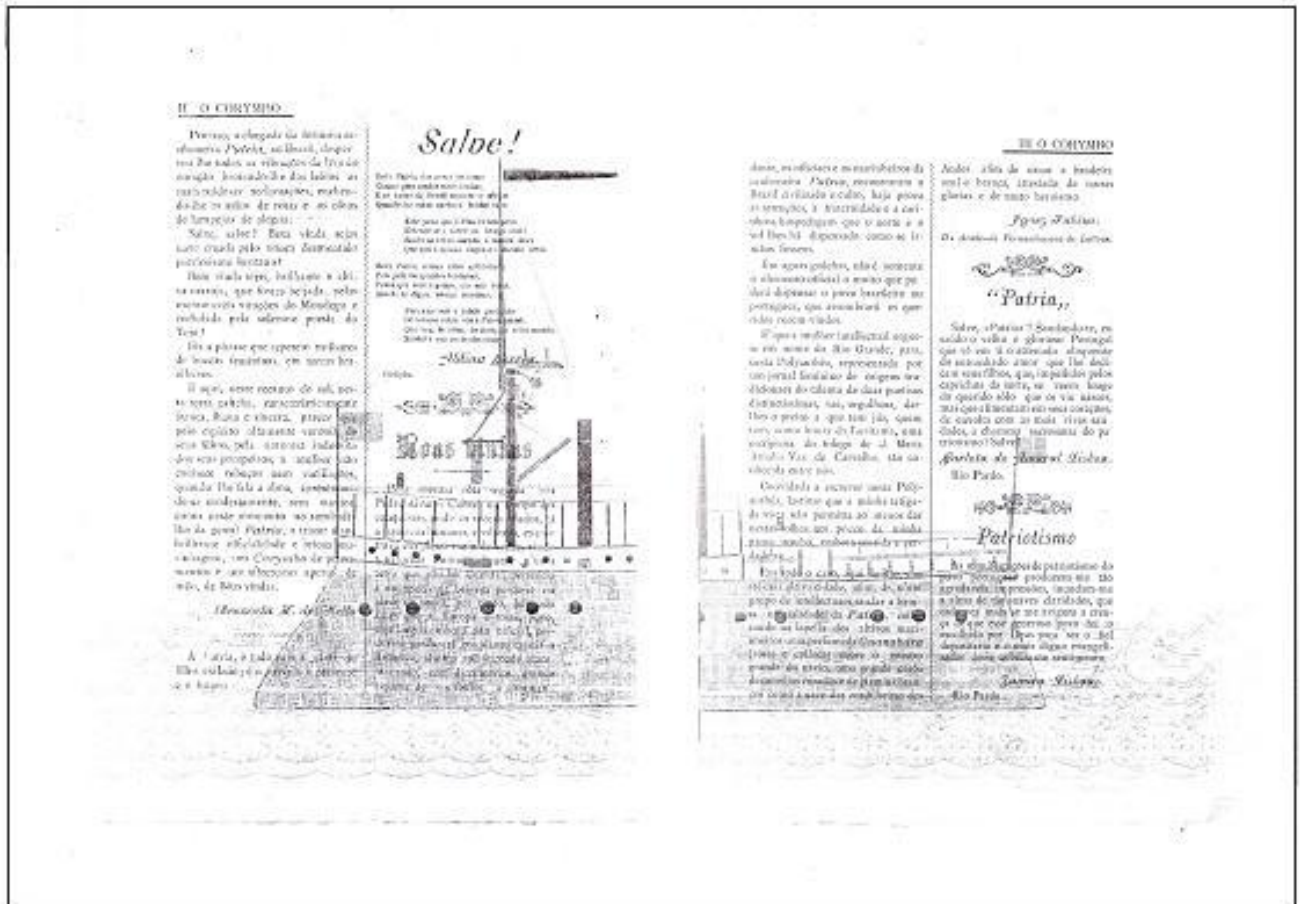


Figura 3 – Fotocópia das páginas 02 e 03 do exemplar do Corymbo de novembro de 1905 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense)

O editorial desse exemplar, reproduzido na figura 02, parece dirigir-se mais especificamente ao público feminino, conclamando a mulher brasileira a bem receber os visitantes portugueses.

A mulher brasileira, habituada desde o berço, desde os primeiros balbucios, a venerar o nome português, a amar o país das mais gloriosas conquistas ultramarinas, o país que deu a sua adorada pátria, a grande luz da civilização, não pode nem deve deixar de aliar-se jubilosamente, a todo o culto levantado em honra de seus valorosos Irmãos de além-mar.

[...]

E a mulher brasileira, que é a síntese de afeto e do carinho, que é por índole, pronunciadamente terna, por temperamento, vivamente ardente e impressionável, tem pelo Velho Mundo, a par de um inalterável amor, um encantamento raro: seu espírito, contempla-o como um sonho homérico, num desdobrar de telas gloriosas, enriquecidas pelos seus vultos épicos, pelas suas conquistas assombrosas, pelas suas temerárias explosões, pelos seus admiráveis devotamentos cívicos. [...] (MELLO, Revocata Heloisa. *Corymbo*, 25 de novembro de 1905, p. 01)

No mesmo exemplar, encontramos ainda um texto escrito por Inês Sabino, homenageando a mesma embarcação, mas também ressaltando o *Corymbo* como empreendimento feminino.

Em águas gaúchas, não é somente o elemento oficial o muito que poderá dispensar o povo brasileiro ou português, que assombrará os queridos recém-vindos.

É que a mulher intelectual ergue-se em nome do Rio Grande, para, nesta *Polyanthéa*, representada por um jornal feminino de origens tradicionais do talento de duas poetisas distintíssimas, vai, orgulhosa, dar-lhes o preito a quem tem juz, quem tem, como honra da Luzitania, uma escritora do fôlego de d. Maria Amália Vaz de Carvalho, tão conhecida entre nós. (SABINO, Inês. *Corymbo*, 25 de novembro de 1905, p. 03)

Como dito anteriormente, quanto às interrupções constatadas na publicação do *Corymbo* no período compreendido entre 1885 e 1925, ocorreram tendo como dois os principais motivos: mudanças de gráfica, que variaram entre tipografias localizadas em Rio Grande e Pelotas, ou doenças sofridas por Revocata de Mello e Julieta Monteiro.

Quanto à impressão do periódico, ela começa a ser feita na tipografia da *Livraria Americana* em Pelotas, mas já em 1886 passa para tipografia do *Diário de Rio Grande*. Em 1898 é impresso na tipografia *Trocadeiro* até que, um incêndio faz com que o periódico volte a ser impresso em Pelotas. No ano de 1913 retorna a Rio Grande, sendo impresso na gráfica do *Diário de Rio Grande*, em 1916 na *Tipografia Mignon*, retornando novamente a Pelotas, na tipografia do *Diário de Pelotas* de 1920 a 1923, quando voltando a Rio Grande passa a contar com os serviços da *Livraria Americana* para sua impressão<sup>40</sup>.

A manutenção financeira era realizada através de anúncios, assinaturas e contribuições particulares, estas vindas principalmente de lojas maçônicas situadas na cidade de Rio Grande. Em carta enviada por Revocata de Mello e Julieta

---

<sup>40</sup> VIEIRA, Miriam. Op. Cit. p. 73

Monteiro à loja maçônica Grande Oriente do Rio Grande do Sul<sup>41</sup>, podemos observar o seguinte agradecimento das redatoras do *Corymbo* a maçonaria.

Rio Grande, 05 de maio de 1918

Ao Ilustre Grão Mestre e mais digníssimos Irmãos do Benemérito Grande Oriente do Estado do Rio Grande do Sul

Cordial Saudar

Fazendo votos de inteira fraternidade pelo bem estar de todos os Obreiros desse augusto templo maçônico cumpre-nos agradecer penhoradas a amável contribuição de 50:000, que nos foi gentilmente entregue por mão do devotado Irmão, Grande Tesoureiro Coronel A. Guerreiro de Lima com destino ao nosso jornal *Corymbo*, cuja remessa faremos com o máximo prazer e justo desvanecimento a biblioteca dessa benemérita e gloriosa Oficina.

Aproveitando a feliz ocasião, almejamos toda prosperidade, todo engrandecimento a esse Grande Templo do Bem, da Luz e da Justiça, onde os espíritos, as idéias, as energias se congregam a serviço das santas causas da humanidade em prol do aperfeiçoamento moral e social em defesa da sublime Caridade.

Com a melhor harmonia de idéias, vos desejamos

Saúde paz e prosperidade

Atentas e gratíssimas

Revocata H. de Mello

Julieta de M. Monteiro

Considerando os valores informados por Vieira (1997, p. 73) de assinatura do periódico entre os anos de 1896 (1\$000 mensais) e 1913 (12\$000 anual e 3\$000 mensal para remessa para fora da cidade), poderíamos supor que o valor citado na carta, 50:000, seria referente a uma assinatura anual acrescido de doação.

Os anúncios comerciais, que surgem em 1894 (VIEIRA, 1997), assim como as assinaturas são outras das maneiras encontradas para manter o *Corymbo* circulando. Quanto à tiragem do periódico foi impossível realizar tal verificação, pois, ao contrário da prática comum entre os periódicos da época de trazer essa informação no cabeçalho, no *Corymbo* não existe nenhum dado referente a isso.

Já em relação ao local onde o periódico era produzido, escritório para o qual os colaboradores deveriam enviar material, podemos constatar uma intensa mudança de endereços que parecem ter ocorrido de acordo com a necessidade das redatoras, já que essas, além do periódico, mantinham outras atividades relacionadas ao magistério que demandavam espaço. Em 1885, o escritório do *Corymbo* estava localizado na Rua Jatahy, número 55, em Rio Grande, já em 1886 ficava na Rua General Neto 69 e logo em seguida na mesma rua no número 71. Em

---

<sup>41</sup>Carta cedida a Zeni Silveira da Silveira pela secretaria e administração do *O Delta*. A reprodução do documento consta do trabalho realizado pela autora intitulado Revocata Heloisa de Mello e Maçonaria, que faz parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

1896, a localização era Praça São José do Norte, número 52. Era muito comum que o escritório de jornais e revistas funcionassem na casa dos redatores dos mesmos, no entanto, no que se refere ao período mencionado, é impossível fazer tal afirmação.

Já a partir de 1930 o *Corymbo* é editado em tamanho ofício (30 cm x 20 cm) e sob a forma de caderno contendo de quatro a seis páginas não grampeadas. As imagens a seguir são ilustrativas das edições de outubro de 1939 (figura 4) e janeiro de 1944 (figura 5) do *Corymbo* e demonstram de que forma eram apresentadas as capas do periódico para seu público.

Na capa o elemento de maior destaque é o nome do periódico escrito em caixa alta, negrito e centralizado. Como exemplificam as figuras 4 e 5, não existiu qualquer modificação na tipografia utilizada para impressão do título entre 1930 e 1944. Logo após o nome, é colocada a inscrição em letra menor, também em caixa alta, “publicação bi-mensal”, apesar da não exatidão desse dado, já que na maior parte do tempo o periódico era publicado mensalmente. Entre linhas aparece o nome de Revocata de Mello e Julieta Monteiro como fundadoras e abaixo Revocata como redatora. Logo depois lemos a inscrição “nova fase” seguida da data e número de cada edição. Já os textos apresentados são sempre divididos em três colunas paralelas, tanto na capa como interior do *Corymbo*.



Figura 4 – Capa de 1939  
(acervo Espaço Blau Nunes)





Figura 5 – Capa de 1944  
(acervo Espaço Blau Nunes)

Anúncios comerciais já não são mais publicados a partir de 1930, no entanto, por conta da lacuna<sup>42</sup> existente atualmente na coleção do *Corymbo* da Biblioteca Rio-Grandense, nos foi impossível verificar quando os anúncios deixaram de aparecer nas páginas do periódico e se alguma explicação foi dada para isso. O mesmo parece não acontecer com as contribuições advindas da maçonaria. O periódico possui uma seção intitulada *Coluna Maçônica* que está presente em todos os exemplares encontrados no intervalo de tempo entre 1930 e 1944.

Miriam Vieira (1997), apesar de não conseguir encontrar nenhum dado referente à tiragem do periódico, afirma que o mesmo era enviado para diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul, dentre as cidades citadas por ela estão: Rio Grande (cidade onde era produzido), Pelotas, Bagé, Porto Alegre, Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Encruzilhada do Sul, Sant'Ana do Livramento, São Lourenço do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Tapes e Arroio Grande. Nacionalmente O *Corymbo* chegava ao Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia, Pará, Goiás, Maranhão e Espírito Santo. Em alguns desses estados encontravam-se grandes colaboradoras do periódico tais como: Maria Lacerda de Moura, de São Paulo; Inez Sabino, do Rio de Janeiro e Delminda Silveira, de Santa Catarina (VIEIRA, 1997, p. 75).

Miriam Vieira (1997) também aponta algumas seções e assuntos recorrentes na publicação entre os anos de 1885 e 1925. Dentro do campo da literatura, assunto ao qual o periódico é dedicado, a autora identifica poesias, crônicas, contos publicados em série, artigos sobre imprensa e literatura e artigos de crítica literária. Vieira (1997) também observa uma divisão do periódico em outras seções, que apresentam no decorrer do tempo alterações em seus títulos, ou, ocasionalmente, deixam de ser publicadas (VIEIRA, 1997, p. 80, 81,82). Segundo ela:

De uma forma geral, identificamos alguns conteúdos que foram freqüentes no periódico: a) informações sobre os jornais recebidos e com os quais o *Corimbo* realizava permuta; b) divulgação de livros recebidos, contendo alguns comentários críticos sobre as obras; c) divulgação de acontecimentos sociais, principalmente da cidade de Rio Grande, como bailes, teatro, artes plásticas, música e sobre casamentos, aniversários e mortes, com ênfase para os (as) colaboradores (as) do periódico e personalidades ligadas às "letras" (imprensa e literatura) como também para políticos, administradores locais e personalidades com destaque social (médicos, professoras (es), membros de entidades locais, etc.) e d) informações sobre escritores(as) e personalidades ligadas às artes

---

<sup>42</sup> Os exemplares referentes aos anos de 1920 até 1929 não constam do acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

(pintura, música) como nascimento, morte e frases homenageando-os. Estes conteúdos apareceram sob o título de seções que variaram no nome, como, “Expediente”, “Crônica mensal” (ou “da semana”), “Durante a quinzena”, “Notas”, “Resenha de notas”, “Aqui e além”, “Ontem, hoje e amanhã” e “Galeria artística”. (1997, p. 80)

Algumas das seções citadas, assim como vários dos assuntos permaneceram na pauta do *Corymbo* até janeiro de 1944. Trataremos dessas recorrências e de seus possíveis significados no Capítulo III.

Como mencionado anteriormente, a morte de Julieta de Mello Monteiro em 1928 foi de grande impacto para Revocata de Mello, que seguiu sozinha à frente do *Corymbo* por mais 15 anos. Conhecer e tentar compreender a trajetória de Revocata de Mello nos permitirá lançar um olhar mais atento sobre seu trabalho, suas lutas e conquistas. É preciso ressaltar que o objetivo de nossa pesquisa não é reconstruir a trajetória de vida de Revocata de Mello, mas sim, apresentá-la tanto como indivíduo, como quanto sujeito social<sup>43</sup>, no sentido de que, apesar de imersa em um contexto determinado e determinante, também esse sujeito é capaz de estabelecer suas próprias normas de conduta criando assim, uma relação dialética com a história.

Compreendemos assim, os acontecimentos biográficos apresentados acerca de Revocata de Mello como “alocações e deslocamentos no espaço social<sup>44</sup>”. Como conjunto de posições sociais ocupadas concomitantemente, em determinado momento, por uma “individualidade biológica socialmente construída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua interação como agente eficiente nos diferentes campos<sup>45</sup>”.

### 2.3 Revocata Heloisa de Mello

[...] se existe uma verdade, é que a verdade é um lugar de lutas.  
(BOURDIEU, 1996, p. 183)

Revocata Heloisa de Mello nasceu na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 31 de dezembro de 1853. Filha de Revocata dos Passos Figueirôa e Mello, escritora, professora e poetisa e do negociante João Corrêa de Mello. O

<sup>43</sup> ZIMMERMAN, Tania; MEDEIROS, Márcia. Biografia e Gênero. IN\_Revista de História Regional, 9(1), Verão 2004, p. 34.

<sup>44</sup> Bourdieu, (1996), p. 183

<sup>45</sup> Idem

casal, natural de Rio Grande teve outros quatro filhos Julieta de Mello Monteiro, nascida em Rio Grande em 21 de outubro de 1855, Romeu dos Passos Mello, cuja data de nascimento é desconhecida, mas que faleceu em 1911, Octaviano Augusto de Mello, nascido em 1864 e falecido em 09 julho de 1889 e João, sobre o qual pouco se sabe<sup>46</sup>.

Ao que tudo indica, os pais de Revocata Heloisa de Mello residiam em Porto Alegre quando da morte de sua mãe, que veio a falecer antes que ela completasse dez anos. Por conta disso, João Correia de Mello teria resolvido voltar para Rio Grande com seus filhos. Uma hipótese provável é de que João de Mello ainda contasse com família no interior do estado tanto de sua parte como da sua esposa, apoio necessário para criação de quatro crianças.

Em 1878, as irmãs Revocata Heloisa de Mello e Julieta Monteiro, que nessa data já havia contraído casamento com o jornalista Francisco Guilherme Pinto Monteiro, fato provavelmente ocorrido em 1876<sup>47</sup>, lançaram o periódico literário *A Violeta*, que circulou somente até 1879. De acordo com Francisco das Neves Alves (1995), *A Violeta* foi um “periódico literário, instrutivo e crítico” (p. 76) que possuía tipografia própria e era comercializado através de assinaturas. Ainda de acordo com o mesmo autor, *A Violeta* “além de apresentar a peculiaridade de ser escrito por uma mulher, tinha também por público alvo, embora não exclusivamente, a comunidade feminina, defendendo inclusive novas idéias para formação cultural desse grupo” (ALVES, 1995, p.77).

Em 1882, Revocata teria aceitado, com a permissão de seu pai, emprego como redatora do Diário de Pelotas, tendo permanecido nesse cargo por oito anos<sup>48</sup>. Em 1883, Revocata, mesmo residindo em Pelotas, lançou em Rio Grande o primeiro número do periódico literário *Corymbo*, ao que tudo indica o periódico era impresso em Pelotas e posteriormente enviado para Rio Grande.

---

<sup>46</sup> João é citado por Revocata na coluna *Do meu diário de dor* publicada no *Corymbo* de maio de 1931, no entanto, não existem outras referências a existência desse quarto irmão.

<sup>47</sup> MINASSI, Maria Cristina Pereira. Julieta de Mello Monteiro e sistema literário rio-grandino no século XIX. IN\_ ENLACES, Rio Grande, 3: 8-10, 2006.

<sup>48</sup> NEVES, Decio Vignoli das. Vultos do Rio Grande. 2º tomo. Rio Grande: Artexto, 1987.

Além dos dois periódicos publicados em parceria, Revocata e Julieta colaboraram escrevendo artigos para diversos jornais e revistas, dentre eles para revista do Parthenon Literário, na qual, anteriormente também sua mãe e tia materna Amalia Figueiroa haviam realizado publicações<sup>49</sup>.

A dedicação à literatura ainda resultou na publicação de vários livros em coautoria entre as irmãs e algumas obras solas de ambas. Dos anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de 1967 constam dois livros das irmãs Mello: *Folhas Errantes* e *Beryllos*. O primeiro livro, obra solo de Revocata, foi publicado pela Tipografia Hildebrandt, no Rio de Janeiro, no ano de 1882 e é descrito como sendo um livro de contos e divagações. Já o livro intitulado *Beryllos*<sup>50</sup> de autoria conjunta de Revocata e Julieta, foi publicado no ano de 1911, no Rio Grande do Sul<sup>51</sup>. Revocata e Julieta publicaram também em coautoria o romance *Coração de Mãe* editado pela livraria Rio-Grandense em 1893, *Grinalda de Noiva* e *Mário*, ambos dramas. Julieta teve ainda um livro de contos de autoria solo publicacado em vida intitulado *Alma e Coração*, e *Oscilantes*, escrito entre 1881 e 1888, além de outro de publicação póstuma chamado *Terra Sáfara*, organizado e editado por sua irmã logo após sua morte. Sobre este livro encontramos não poucas descrições no *Corymbo*. Dentre elas destacamos os seguintes trechos:

Quando se nos deparam obras como *Terra Sáfara* que traduzem uma alma delicada, sensível, superior a vulgaridade terrena, sentimos um bem estar como se topássemos em meio da jornada, um jardim castelão, sombreado por magnólias e glicínias azuis. (Pamphilo d'Assumpção, 1931, p. 01)

Julieta de Mello Monteiro foi parnasiana, mas parnasiana do Brasil, o que vale dizer daquele núcleo de artistas-poetas que não sacrificavam a rutilância da idéia ao esplendor formístico. Em versos bem trabalhados, exterioriza emoções de grande elevação moral, de um amargo pessimismo não raro, mas pessimismo que não chega a desesperação, pois quase sempre o percorre o sulco indestrutível da fé cristã. As produções de caráter mais subjetivo guardam a miude a lembrança das pessoas que a poetisa amou e que e a cujo convívio as roubou a morte. (MARTINS, Ari, 1934, p. 01)

<sup>49</sup> VIEIRA, Miriam Steffens. Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo de caso do periódico Corimbo, 1885 – 1925. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

<sup>50</sup> *Beryllos* seria a palavra grega de onde foi derivada a palavra brilho, originalmente significava a “jóia verde do mar”.

<sup>51</sup> Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 87, 1967. Divisão de Publicação e Divulgação. Rio de Janeiro, 1969. Pág. 38 e 43

Julieta Monteiro ficou viúva em 1889, aos 34 anos depois de ter permanecido 13 anos casada. Apesar da duração considerável de seu casamento, não há registros de filhos resultantes dessa união. Julieta de Mello Monteiro faleceu em 1928, aos 73 anos de idade, deixando a irmã mais velha como única redatora do *Corymbo*. Antes da morte de Julieta, Revocata já havia perdido os irmãos, Otaviano Augusto faleceu em 1889, mesmo ano que Pinto Monteiro, já Romeu em 1911. O único deles que teve filhos foi Otaviano Augusto, pai de uma menina chamada Alda que morreu aos quatro anos de idade.

Sobre a morte de Julieta Monteiro, encontramos no jornal Rio Grande, de 28 de janeiro de 1928, o seguinte texto,

Julieta de M. Monteiro

Vitimada por longa e cruel enfermidade, faleceu ontem a tarde nesta cidade a nossa distinta e talentosa colega de imprensa exma. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro, uma das diretoras do apreciado quinzenário local "O Corymbo".

Cultora apaixonada das letras, poetisa inspirada e escritora de mérito, a venerada senhora, que era viúva e desaparece aos 66 anos de idade<sup>52</sup>, gozava no seio de nossa sociedade do mais elevado apreço, oriundo dos belíssimos atributos que lhe ornavam o espírito e o grande e generoso coração motivo pelo qual ecoou dolorosamente a notícia de seu falecimento. As cerimônias de sepultamento da inditosa senhora d. Julieta de Mello Monteiro, que era uma das figuras representativas da intelectualidade feminina riograndense estavam marcadas para hoje às 17 horas, a cargo da seção funerária da Santa Casa.

Registrando com pesar intenso a notícia do seu desaparecimento, enviamos a quantos lhe pranteiam a morte, especialmente a sua idolatrada irmã exma. Sra. D. Revocata Heloisa de Mello, as expressões de nossa profunda mágoa.

A seguir reproduzimos a foto que adorna o túmulo de Julieta de Mello Monteiro, enterrada no Cemitério Católico de Rio Grande no mesmo jazigo de seus irmãos.

---

<sup>52</sup> Apesar do jornal afirmar que Julieta falecera aos 66 anos sua data de nascimento está registrada como tendo sido 21 de outubro de 1855. Portanto, Julieta de Mello Monteiro morreu aos 73 anos de idade. O registro de seu nascimento foi feito pela avó materna, Ana dos Passos Figueroa, em 27 de maio de 1860, na Diocese de Rio Grande. DIOCESE de Rio Grande. Livro de Batismos n. 16 (14 fev. 1858 a 8 maio 1863); folha 56 verso.



Figura 6 – Julieta de Mello Monteiro  
(Fonte: Itabajara da Silva Vaz, outubro de 2006<sup>53</sup>)

No *Corymbo*, após a morte de Julieta, foram publicados inúmeros artigos celebrando a memória e o trabalho dela, que se tornou presença constante nas páginas do periódico. Entre os anos de 1930 e 1944 foram publicados 22 trabalhos da autora, entre poesias, contos e artigos e 28 trabalhos em homenagem a ela, além de notas anuais sobre a passagem de seu aniversário de nascimento e de morte. No exemplar de janeiro de 1933, na primeira coluna da primeira página logo após uma saudação de ano novo lê-se o seguinte texto em memória a data de morte de Julieta Monteiro:

---

<sup>53</sup> Imagem originalmente publicada em: MINASE, Maria Christina Pereira. Julieta de Melo Monteiro e o sistema literário rio-grandino no século XIX. ENLACES, Rio Grande, 2006.

27 de Janeiro

(A santa memória da amada Julieta)

[...] Para nós, as recordações, como os rochedos à beira-mar, batidas constantemente pelas incertas asperezas da vida, não se abalam. Impávidas vivem em noso espirito, refletem-se nítidas em nossa alma.

É por isso, que o 27 de janeiro de 1928, está preso a uma recordação tão palpitante, tão enraizada, tão lancinante a nosso coração, que nunca, nunca deixará de mostrar-se em acre relevo em o breve ou longo decorrer de nossa vida!

Cinco anos!

É verdade que há um lustro, que Ela, a nossa adorada Julieta, se foi; deixou vazio o lar, o lar, onde foi uma santa, onde foi um gênio bom, um astro inconfundível, a efígie de virtudes raras, a flor de puríssimos perfumes, a ave de eburneas penas de trinados cristalinos. (MELLO, Revocata de. *Corymbo*, janeiro de 1933, p. 01)

A constante presença de artigos lembrando datas especiais na família de Revocata de Mello, assim como as inúmeras biografias publicadas a respeito da mãe, irmãos (principalmente de Romeu dos Passos Mello<sup>54</sup>) e da tia materna Amalia Figueirôa, poderiam se configurar como uma espécie de tentativa de legitimação e afirmação por parte de Revocata em um meio predominantemente masculino. Para Vieira (1997), que centra sua análise do *Corymbo* entre os anos de 1885 e 1925, a constante citação da origem familiar e principalmente do trabalho da mãe e da tia materna; ambas escritoras<sup>55</sup>, seria uma forma de legitimar a presença de Revocata no meio intelectual, meio este, não tão frequentado por mulheres naquele contexto de finais de século XIX e início do século XX.

Apesar das menções a família e do tom confidente adotado por Revocata em colunas como “*Do Meu Diário de Dor*”, publicada no *Corymbo*, ela mantém reservas quanto a sua vida pessoal, parece-nos pouco provável conhecer a mulher Revocata através de sua escrita, o que aparece é a escritora cercada de ética e moral rígidas e sempre disposta a homenagear a família.

Durante sua vida, Revocata de Mello parece ter conquistado prestígio e respeito na sociedade riograndina. Ela recebeu inúmeras homenagens das mais diversas instituições, tendo sido agraciada com diplomas de membro honorário de clubes e associação. Foi dado seu nome a uma aula noturna ministrada na Biblioteca Rio-Grandense e, ainda hoje sua imagem ilustra os corredores da

<sup>54</sup> Segundo Miriam Vieira (1997) Revocata de Mello passou a receber uma pensão após a morte do irmão. Tal pensão seria fundamental para realizar a manutenção financeira do *Corymbo*. O fato de Romeu ter lutado na Revolução Federalista também é importante por ter aproximado as irmãs Mello do Partido Republicano Rio-grandense, grupo que apoiariam dali por diante. Tais fatos, podem estar relacionados à constante aparição de homenagens a Romeu.

<sup>55</sup> Revocata Figueirôa de Mello e Amalia Figueiroa foram escritoras que alcançaram relativo sucesso em suas carreiras.



instituição. A Figura 04 reproduz a imagem de Revocata de Mello que orna a Biblioteca Rio-Grandense.



Figura 7 – Revocata Heloisa de Mello  
(acervo Biblioteca Rio-Grandense)

Ao que parece, Revocata foi a única mulher brasileira a receber o título de membro honorário do Grande Oriente do Brasil. Como já apontado anteriormente, a maçonaria foi uma das grandes apoiadoras do *Corymbo*, tendo lugar de destaque em suas páginas através da *Coluna Maçônica*. Além disso, Revocata foi uma das fundadoras do Clube Beneficente de Mulheres, fundado por ela e por esposas de maçons, instituição que ainda hoje atua na benemerência na cidade de Rio Grande.

A respeitabilidade alcançada por Revocata pode ter suas dimensões medidas pela homenagem feita a ela, no ano de 1939 através do jornal de Rio Grande *O Tempo*. Em 29 de agosto de 1939, Luiz Emilio Léo, diretor e redator do jornal lança em editorial de primeira página a “Semana Revocata de Mello”.

Abriga a cidade de Rio Grande, a nossa progressista e bela aldada, um vulto extraordinário de mulher: Revocata de Mello.

É possível que não tenhamos a necessária autoridade para apreciar, embora em largos traços, a vida de Revocata, dizer de seus altos méritos e de sua estranha alma de eleita. Não faltou, porém, autoridade em Julio Ribeiro<sup>56</sup>. E foi este grande homem de cultura e valor quem fez o elogio de Revocata. [...]

Alma caridosa e nobre, Revocata esteve sempre a testa dos movimentos em bem dos desamparados.

Bastaria lembrar unicamente, essa organização soberba, alicerçada no coração da mulher rio-grandense: o Clube Beneficente de Senhoras.

Revocata é a única fundadora viva e é hoje a sua grande sócia benemérita, a sua ilustre presidente de honra.

Professora, de sua escola saíram belas inteligências femininas, hoje respeitáveis senhoras de nossa sociedade. [...]

Cumprindo um dever, honrando quem é um legítimo padrão de orgulho para a encantadora e progressista cidade do Rio Grande, ao lançar, aqui, a realização da “Semana de Revocata de Mello”, na qual deverão ser prestadas várias homenagens a ilustre e consagrada rio-grandense. (LÉO, Luiz Emilio. *O Tempo*, 29 de agosto de 1939, p. 01)

Revocata faleceu em fevereiro de 1944, tendo trabalhado para que a publicação do *Corymbo* fosse realizada até seu último mês de vida. Quando de sua morte, diversas foram as homenagens prestadas a sua memória através de necrológios e biografias suas publicadas em jornais de Rio Grande e da região. Como exemplo, transcrevemos o texto publicado no jornal Rio Grande em 24 de fevereiro de 1944.

Faleceu ontem, nessa cidade, aos oitenta e oito anos de idade a ilustre escritora e jornalista brasileira Revocata Heloisa de Mello.

Esta morte representa para as letras gaúchas um profundo golpe.

Revocata Heloisa de Mello representou entre nós um grande símbolo da mulher de letras brasileira. Em sua época, lutando contra os preconceitos de uma sociedade, seu espírito arejado abordou palpitantes problemas sociais, com coragem e espíritos combativos admiráveis. Em recuadas épocas, D. Revocata H. de Mello, foi em plena monarquia, uma defensora da República, cujos princípios ela defendeu como jornalista emérita. Abolicionista, Revocata de Mello se colocou na tribuna e na imprensa ao lado dos grandes abolicionistas, objetivando seus ideais, mesmo quando de porta em porta, corajosamente, angariava meios para comprar a liberdade aos escravos.

<sup>56</sup> Escritor e gramático paulista. Criador da bandeira de São Paulo e autor do livro *A Carne*, obra polemica quando de seu lançamento em 1888 por tratar de temas como o divórcio e novos papéis sociais a serem desempenhados pela mulher.

Ela foi uma grande amiga da liberdade e defendeu, com denodo, durante mais de 64 anos de jornalismo, os grandes princípios da liberdade, as mais belas conquistas da civilização.

Defensora da democracia, bateu-se pelo sufrágio universal, pela emancipação da mulher, pelo voto secreto. Foi a única mulher no Brasil que mereceu do Grande Oriente Brasileiro o diploma de grande benemérita.

Jornalista vigorosa, durante 64 anos redatou o *Corimbo*, o periódico mais antigo do Brasil. Nele colaboraram penas solares e, entre os nomes de seus colaboradores, basta salientar os de Múcio Teixeira, Belém de Sarraga, Ramiz Galvão, Luiz Guimarães, Damasceno Vieira, Lobo da Costa, Zeferino Brasil, Eva Canel e tantos outros.

Poetisa de invejável estilo, dramaturga, oradora de fibra, cronista, possuidora de uma inteligência admirável e de uma formosa cultura, seu espírito andou em todas as repúblicas das letras sempre vibrante, sempre culto, sempre forte e sempre grande.

Quem a conheceu, semeando emoções, dizendo palavras de consolo, enxugando lágrimas, traçando versos admiráveis e amando acrisoladamente a família, com o culto de verdadeira mulher romana, não lhe pode esquecer o perfil admirável.

Aquela sua casa era um santuário admirável onde, quem a buscava saía com a impressão de ter achado um pedaço do mundo diferente, onde homens melhor se entendiam e onde os grandes problemas tinham a sua solução definitiva.

Não lhe regatearam elogios nomes solares de nossa literatura. Seu nome foi várias vezes elogiado na França, nos Estados Unidos, em Portugal e nas Republicas Americanas.

Foi fundadora com sua irmã e saudosa poetisa Julieta de Mello Monteiro, do Clube Beneficente de Senhoras. Fez parte do Parthenon Literário do estado.

Escreveu “Folhas Errantes” e “Berilos” contos, “Segredos do Marcial”, “Grinalda de Noiva” e “Coração de Mãe” dramas.

Mas foi como jornalista e grande democrata que a sua obra intelectual se destacou.

Excepcionais homenagens foram prestadas a insigne poetisa. A Maçonaria local, ontem a noite transportou o corpo de Revocata de Mello para loja União Constante, onde lhe foram prestadas as honras fúnebres.

Com sua morte cobrem-se de luto as nossas letras e o Rio Grande perde uma de suas figuras mentais mais destacadas e mais impressionantes.

Grande coração voltado ao bem, Revocata de Mello soube conquistar corações, deixando sempre, em cada um que dela se aproximava os traços de seu grande espírito e a marca de sua profunda sensibilidade. (Rio Grande, fevereiro de 1944)

No período abordado na presente pesquisa, que corresponde aos anos em que Revocata esteve sozinha à frente do *hebdomadário*, parece-nos que a redação do *Corymbo* funcionava no mesmo local em que ela residia, gerando assim um espaço híbrido entre sua vida particular e pública. Muitas são as menções e homenagens feitas a Revocata em jornais. Nestes textos, sua casa e a recepção recebida pelos intelectuais que por lá circulavam são lembranças constantes.

O *Corymbo*, periódico ao qual dedicou 60 anos de sua vida é também o lugar em que mais fez publicar sua obra. Revocata de Mello, além de proprietária e redatora chefe, foi a pessoa que mais publicações fez durante o recorte temporal

analisado no *Corymbo*, totalizando 253 textos de 1930 a janeiro de 1944. É importante ressaltar que só foram contabilizados como sendo de fato textos de autoria de Revocata aqueles que foram publicados contendo sua assinatura, além disso, excluímos de nossa análise e, portanto, da quantificação, a seção *Resenha de Notas*. Ressalva feita, nos parece que o número de publicações de autoria da redatora do *Corymbo* seria ainda mais expressivo caso contabilizássemos aqueles trabalhos que, apesar de não apresentarem assinatura, coincidem com a forma de escrita de Revocata, por exemplo, a citada seção *Resenha de Notas*, que aparentemente era de responsabilidade absoluta de Revocata, assim como grande parte dos textos de apresentação de colunas e editoriais do periódico. O *Corymbo*, mais do que o lugar de onde essa mulher fala, parece ser representação da própria voz de Revocata, pois além de responsável diretamente por várias das publicações, provavelmente também era ela quem decidia o que, quando e onde seriam publicadas as colaborações recebidas, assim como que instituições, eventos e pessoas ganhariam destaque nas páginas de seu periódico em detrimento de outras. Sendo assim, as tensões latentes nos trabalhos autorais de Revocata estão da mesma forma presente no *Corymbo*, considerando o periódico como unidade discursiva e não somente como a soma da totalidade de seus artigos e colunas.

Ao realizar a leitura dos trabalhos de Revocata de Mello, considerando em especial aqueles que falam sobre os desafios das mulheres modernas, percebemos a tensão referida no afirmar a igualdade entre os sexos, sem jamais transgredir limites bem definidos e aceitos. O papel de mãe, esposa e responsável pela moral dentro da família aparecem como características essenciais da mulher, ao lado da necessidade da conquista de novas oportunidades de trabalho, de exercer o direito ao voto e da busca de uma melhor educação. Tais tensões, tratando-se do *Corymbo*, são deslocadas para a aceitação do periódico enquanto veículo importante e reconhecido como tal ao mesmo tempo em que a afirmação e legitimação por parte de outros, que parecem ser considerados mais autorizados, ainda se mantém como busca constante.

A publicação de colunas homenageando o *Corymbo*, Revocata de Mello e sua família, é comum no periódico. Essas homenagens em forma de artigos e poemas eram, muitas vezes, mandadas diretamente para o *Corymbo*, em outras ocasiões, os elogios eram retirados de outros periódicos e publicados com a devida

menção<sup>57</sup>. Tal prática, pode ser entendida como afirmação do periódico através do outro, seja esse outro um igual, no caso de menções originalmente publicadas em outros periódicos, ou um sujeito particular. Transcrevemos a seguir uma poesia enviada ao *Corymbo* por motivo de seu aniversário por Luiz Emilio Léo em outubro de 1939, consta como explicação prévia uma nota, provavelmente de autoria de Revocata.

Propositalmente deixamos para esta seção, a fim de fechar o CORYMBO de hoje com um laço de cintilas multicores, a inspiração do emérito Poeta Luiz Emilio Léo, em cartão encantador:

Ao brilhante CORYMBO  
 “A ti, galhardo CORYMBO  
 - pincel de eterno fulgor –  
 Da gratidão mando a rosa  
 Duma lira invaliosa  
 Para teu caminho em flor

De que te vale a modesta  
 Singela flor que te mando?  
 Tu vives cheio de flores  
 De aromas, luzes, amores,  
 Estrada triunfal trilhando!

Mas recebe-a com carinho  
 Na tua grandiosidade  
 Simboliza a flor modesta  
 A minha eterna amizade!”  
 Rio Grande – 1939  
 (Corymbo, outubro de 1939, p. 04)

Para Miriam Vieira (1997, p. 105), a publicação desse tipo de material pode ser entendida por um lado como forma de legitimar o próprio *Corymbo* através da demonstração do apoio recebido, e por outro, também como reconhecimento aos empreendimentos e escritores ou escritoras que faziam tais homenagens. No caso da poesia de Luiz Emilio Léo nos parece que ambas as hipóteses ocorreram ao mesmo tempo, já que, o autor em questão foi um intelectual, jornalista e escritor de destaque em Rio Grande no início do século XX. Redator do jornal diário *O Tempo*, e membro da Academia de Letras do Rio de Janeiro, Luiz Emilio Léo pode ser considerado autorizado a falar sobre outros periódicos, pois naquele momento já era

---

<sup>57</sup> Tais afirmações são possíveis pela presença no *Corymbo* de referências aos jornais em que as notas eram originalmente publicadas, assim como, várias das homenagens feitas ao *Corymbo* ou a Revocata traziam a inscrição: para o *Corymbo*, ou especial para o *Corymbo*.

Honrosa referência

Não é possível deixar sem um gratíssimo reparo a forma porque a brilhante “Folha do Povo” de Pelotas, noticia o natal do *Corymbo*. A notícia segue, bem como nossa resposta a gentileza [...] *Corymbo*, janeiro de 1939, p. 05.

reconhecido entre os seus como uma voz importante. Ao mesmo tempo, antes da notoriedade, ele figurou nas páginas do *Corymbo* como um poeta iniciante, recebendo o apoio de Revocata<sup>58</sup>. Já na coluna transcrita abaixo podemos observar a afirmação da importância e particularidade do *Corymbo* através da observância de ser ele o mais antigo periódico feminino em circulação e da exaltação da figura de Revocata de Mello enquanto mulher de pulso. Da mesma forma, o autor do texto liga a existência do *Corymbo*, a existência de Revocata, afirmando que um só deixaria de existir quando o outro também sucumbisse.

O “Corymbo”

Orgulha-te, Corymbo!

Na vasta arena da publicidade tu viste o aparecimento de muitos muitíssimos periódicos, revistas, diários que não lograram triunfar. E tu, sem vaidades, sem falsa ostentação, viste, através de tuas colunas de luz, o triste funeral dos fracos que tombaram... E sereno, continuaste no teu caminho contemplando complacente e bom, os destroços das publicações efêmeras, Magnífico exemplo de vontade tenaz!

Jornal fundado por uma inteligente mocinha... Ora! Quanto poderia durar? Revocata de Mello, porém, era muito diferente dessas mocinhas que fazem literatura inútil, trivial.

A pesar de muitíssimo jovem, Revocata era pulso forte e uma vontade enérgica. Herança de um berço ilustre que ela mais ilustrou com seu nome aureolado.

Os desgostos, as regras e profundas magoas que lhe ferem o coração, não puderam arredá-la de seu posto. Chora, mas não treme, sofre, mas não se abate. É como as grandes árvores cheias de cicatrizes, golpeadas pelas tempestades, mas cobertas de folhas imponentes e majestosas!

E continua a frente do *Corymbo* essa figura singular de mulher e de artista, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo ardor.

Um dia o *Corymbo* não circulará mais. Será o dia em que Revocata descer os degraus do túmulo, marchando para posteridade. Antes disso, o *Corymbo* continuará na sua marcha triunfal pela terra. Faz parte da alma, do coração e da saudade de Revocata, sem a qual não poderá viver.

Mulher extraordinária!

E se nenhum título merecesse o *Corymbo* (quantas penas ilustres e imortais o saudaram, tecendo-lhe os maiores encômios!) teria este: o de ser a mais antiga publicação periódica feminina no Novo Mundo! (PEREIRA, Clemente. *Corymbo*, outubro de 1935, p. 01)

A percepção do autor do elogio parece confirmar a hipótese que formulamos através das leituras do periódico, ou seja, a de que o *Corymbo* é representação, entendida como aquilo que ocupa o lugar do outro, de Revocata de Mello fazendo do periódico “parte da alma, do coração e da saudade” da redatora do *Corymbo*, título pelo qual, ela faz referência a si própria, inúmeras vezes, fazendo da escrita do jornal a escrita de si, de suas memórias e de uma história singular, mas representativa das contradições vivenciadas pelas mulheres de determinado

<sup>58</sup> Falaremos novamente sobre Luiz Emilio Léo ao abordar a seção Resenha de Notas no Capítulo 3.

contexto histórico. Essa afirmação do eu através do fruto do trabalho, no entanto, encontra algumas limitações. Revocata parece falar acerca de si, principalmente, por meio da exaltação da memória do outro, especialmente de Julieta de Mello Monteiro e da rememoração de sua família, mas a mulher Revocata nunca aparece nos textos. Sua solidão jamais é explicada, tampouco detalhes de sua vida particular transparecem nas inúmeras narrativas. Revocata, parece construir com o auxílio de homens e mulheres que escrevem a seu respeito, uma espécie de personagem monumento, erigindo em torno de si uma memória e uma história muito específicas, sem contradições aparentes. A mulher descrita é a síntese da moral e da ética de uma época. Em texto publicado na primeira página do *Corymbo* em maio de 1943, Marcus Josefar descreve uma visita feita a Revocata, sobre o ocorrido diz ele,

Que chama de vida em idade! E quão suave foi sua palestra, que prendeu-me e fez-me experimentar a mais doce espiritualidade. Contou-me ela uma série de fatos e acontecimentos históricos principalmente de sua querida cidade, que ela conhece como nenhuma outra, e todas essas reminiscências de um passado tão distante e fugidio, desfilavam no meu cérebro como a visão maravilhosa de uma coisa que se amou outrora [...] Revocata de Mello é uma dessas expressões bem raras de mulher, que impelida por uma vocação verdadeira e especial, tornou-se com o correr dos tempos, uma dessas representantes do verdadeiro feminismo, lutando com as armas benéficas e salutareas do jornalismo no seu mimoso *Corymbo*, pela dignificação da função da mulher na família e na sociedade, lutando para que a mulher dominasse o ambiente humano com as armas benditas da beleza, da virtude, da graça e do talento, reinando na alma máscula e impulsiva do homem, pela atração e delicadeza de suas atitudes, do seu fascínio, enfim de sua mais alta expressão, que a de esposa e mãe. [...] (JOSEFAR, Marcos. *Corymbo*, maio de 1943, p. 01)

Esses foram os rastros deixados intencionalmente por Revocata de Mello, testemunhos que parecem afirmar uma vida transcorrida sem contradições aparentes e que apesar, de como é o caso do texto, ressaltar o papel de esposa e mãe que deveria naturalmente ser desempenhado pela mulher, não a condenam por não ter cumprido nenhum dos requisitos.

No Capítulo 3, iremos apresentar os principais assuntos e temáticas recorrentes no periódico de 1930 a 1944. O que pretendemos com isso é enfatizar o universo apresentado pelo periódico, para que, em seguida, possamos nos aprofundar na análise de alguns artigos publicados no *Corymbo* e que fazem menção a construção de outras representações de mulher.

### **CAPITULO 3. “NOVOS HORIZONTES PARA A MULHER”: SEÇÕES, COLUNAS, TEMÁTICAS E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO CORYMBO DE 1930 A 1944**

Na seção 2.3 *Corymbo 1883 – 1944*, do Capítulo 2, fizemos uma apresentação geral dos 60 anos de publicação do *Corymbo*, tendo por base, principalmente trabalhos realizados por outros pesquisadores sobre o periódico e, que cobrem com mais ênfase, os anos entre 1885 até 1925. Nossa motivação agora é esquematizar um perfil da publicação entre 1930 e 1944, dando especial atenção a linha editorial seguida por Revocata de Mello enquanto única redatora. Discorreremos então sobre as seções, colunas, tipologias e temáticas presentes no periódico a partir de 1930, para depois de posse dessas informações, apresentar e analisar os textos que abordam temáticas que possuem em comum um certo universo feminino e tipos específicos de mulher.

#### **3.1 Recorrências: seções, colunas, temáticas e assuntos**

Destacaremos a partir de agora as colunas de publicação constante no *Corymbo* entre 1930 e 1944. Algumas delas já se faziam notar no período anterior e são importantes, pois, de certa forma, nos ajudam a perceber que tipo de linha editorial foi adota por Revocata de Mello no espaço de tempo por nós investigado, assim como suas diferenças e semelhanças com o apresentado anteriormente pelo *Corymbo*. Logo depois, através da sistematização dos textos e de dados obtidos através desse processo, apontaremos assuntos e grupos temáticos também de aparição contaste e que começam a de fato determinar de forma mais clara a intencionalidade da publicação.

Dentre as colunas recorrentes publicadas no *Corymbo* no período destacado, chama a atenção aquela denominada *Resenha de Notas*. Em meio a todos os assuntos publicados no *Corymbo*, sempre houve espaço para comentários de cunho social. A partir de 1930 a seção que traz notícias sobre esses acontecimentos passa a se chamar definitivamente *Resenha de Notas*. Nessa seção



são publicadas notícias sobre personalidades, lançamentos de livros, obituários, nascimentos e casamentos. Essas notas ocupam a última página do periódico, sendo que em algumas edições já iniciam na página 05 e continuam em toda página 06 (ou respectivamente nas páginas 03 e 04). É interessante notar que o grupo retratado na *Resenha de Notas* é pequeno e fechado, tratam-se de famílias provavelmente abastadas de Rio Grande e próximas à redatora do *Corymbo*, que constantemente a visitam. É possível, por conta do longo período em que acompanhamos o periódico, testemunhar a ascensão de certas figuras no meio social e intelectual de Rio Grande, caso de Luiz Emilio Léo. Sua apresentação a Revocata é feita por um amigo desta e noticiada; logo poemas de Léo começam a figurar no *Corymbo*. Acompanhamos também sua chegada na *Academia de Direito* em Pelotas, seu casamento, e sua trajetória como redator do jornal *O Tempo*. Ainda é possível saber da publicação de seus livros, de sua entrada para a *Academia Brasileira de Letras* no Rio de Janeiro e finalmente das homenagens recebidas por ele, organizadas por Revocata de Mello. A vida de outros personagens podem ser igualmente acompanhadas através das notas, provavelmente redigidas por Revocata de Mello<sup>59</sup>.

Para exemplificar as notas publicadas na *Resenha* reproduzimos a seguir três informes impressos no *Corymbo* do ano de 1935. O primeiro do mês de janeiro presta contas do regresso de uma senhora rio-grandina de viagem realizada, já o segundo de maio do mesmo ano faz uma recomendação de leitura enquanto que o terceiro trata-se de uma nota de desculpas de setembro de 1935 e faz referência à não publicação do *Corymbo* nos dois meses anteriores por motivo de doença sofrida por Revocata de Mello.

**De Regresso** – De sua viagem a capital da República, veio há pouco a distintíssima Exma. Esposa do nosso estimado patrício conceituado oculista Snr. Augusto Barcellos. A Exma. jovem senhora, veio acompanhada de seu galante e estremecido primogênito, Luiz Augusto. (*Corymbo*, janeiro de 1935, p. 04)

**Malho** – Excelente o número a vista. Esta publicação, contando anos de existência, se recomenda pela parte intelectual e pela ilustração que é atraentíssima.

---

<sup>59</sup> Não é possível afirmar com certeza absoluta quem redigia a *Resenha de Notas*, no entanto, vários textos por conta da linguagem usada e da forma como se referem as pessoas indicam que a redação era feita por Revocata de Mello.

O MALHO é revista a ser adquirida por pessoas que se prendem a arte. Belíssima em todo seu conjunto. (Corymbo, maio de 1935, p.04)

**A enfermidade da redatora do Corymbo** – Dois meses de dolorosa doença, hão dado margem a que tenha estado este quinzenário paralisado. Graças porém a imensa benevolência dos seus assinantes, foi essa emergência recebida pelos mesmos, sob toda demonstração de gentilezas, prolongadas até então, em que o restabelecimento da saúde, de todo não se operou ainda. (Corymbo, setembro de 1935, p. 04)

Outra coluna de aparição constante era *Coluna Maçônica*, que na grande maioria dos exemplares precedia a *Resenha de Notas*. Nela eram publicados artigos sobre a maçonaria, seus membros e feitos, assim como notas sobre acontecimentos e cerimônias realizadas nas lojas maçônicas de Rio Grande. Também sob o título de *Coluna Maçônica* foram publicados ao longo dos anos artigos defendendo a participação ativa da mulher na maçonaria. No texto reproduzido, Revocata de Mello convoca as mulheres a se unirem na defesa da instituição maçônica e contra falsos preconceitos.

Não nos é possível compreender a negação do aplauso da Mulher, a excelsa Maçonaria.

A mulher hoje muito mais esclarecida que em tempos idos, deve sacudir de si, errôneas suposições, quanto as normas, a ação, os alevantados propósitos maçônicos. A Maçonaria não exclui de seu templo o nome de Deus. O estudo, é como esponja apagando por completo o que tem de dar lugar a novas deduções. E, a Mulher do presente, estuda, melhor compreendendo assim os atrasos de arcaicos espíritos. [...]

A Maçonaria visa também, o desenvolvimento intelectual da mulher, aspira ampará-la nas difíceis lutas pela subsistência, tendo mais a instrução do sexo feminino merecido de seus mais preclaros Irmãos, acurado estudo.

Sempre a alargar seus horizontes, a abrir novas sendas, a rasgar espaços luminosos, a mulher deve ter banido de seu investigador espírito, todo esse mundo de superstições de errôneos preconceitos, de juízos ridículos, com que, no passado, encarava essa filantrópica Instituição. [...] (Corymbo, novembro de 1936, p. 02,03)<sup>60</sup>

Os textos publicados na coluna maçônica podem ser classificados em dois grupos. O primeiro grupo traz textos que falam sobre os maçons dirigidos para um público leigo, portanto, não maçom e, preconceituoso, já que a grande maioria do material aponta falsas ideias a respeito da maçonaria. Tal conjunto parece ter por objetivo promover e/ou manter a instituição, seus membros e feitos a uma posição de prestígio na sociedade. O texto transcrito acima faz parte deste primeiro grupo, que dialoga com homens e mulheres. Já o segundo grupo é composto por textos

<sup>60</sup> As transcrições de textos publicados originalmente no Corymbo foram atualizadas ortograficamente, no entanto, elementos de concordância gramatical e pontuação não sofreram quaisquer modificações.

que falam com os maçons e tem como principal tema a participação da mulher na maçonaria. A maior representante deste grupo é Maria Lacerda de Moura, que tem vários trabalhos publicados no *Corymbo*. Os textos de Maria Lacerda de Moura são agressivos e diretos, ao contrário dos escritos por Revocata que, apesar de bradar pelo mesmo motivo o faz de forma mais contida. A seguir um trecho de um trabalho de Maria Lacerda de Moura publicado na *Coluna Maçônica* em maio de 1930.

Maçons!

Se “a Maçonaria é a personificação da humanidade caminhando para Luz”, como reza o vosso ritual, se o seu fim é a felicidade coletiva, e o seu meio a Fraternidade universal, se ela reuni em um templo comum todas as filosofias políticas e sociais, que tendo a razão por guia e a justiça por ideal, querem por em pratica os três termos de nossa sublime divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, se a terceira fase da maçonaria passou e ela entra no quarto ciclo – é brilhante a trajetória de luz que a si mesmo se traçou, mas, - a luta desses Cavalheiros gloriosa e heróica não pode ser encetada sem a mulher.

E a mulher na hora presente reclama também Liberdade, Igualdade e Fraternidade! Um mito essa divisa que brilha apenas na letra, nas formas dos nossos pavilhões...

Que Igualdade é essa de uma civilização de cartas e preconceitos e miséria, que não dá a mulher senão deveres?

Que Liberdade é essa que estende um palio sobre os fortes e não assegura ao pária e ao fraco o direito de viver? Que Fraternidade que arranca as entranhas das vítimas dentro do sorriso maquiavélico, astucioso na ânsia de uma concorrência brutal, esmagadora?

Liberdade, Igualdade, Fraternidade! Triste ironia. (MOURA, Maria Lacerda de. *Corymbo*, maio de 1930, p. 03)

Quanto a Revocata de Mello, é interessante notar que, ao que parece, grande parte do periódico é escrito por ela, que assume sozinha a chefia da redação depois da morte de sua irmã Julieta de Mello Monteiro. A perda de Julieta é assunto constante de outra coluna que passa a ser permanente, ao menos a partir de 1930<sup>61</sup>, chamada de *Do Meu Diário de Dor*, e escrita por Revocata.

Tarde de sombra. Há uma chuva fina, espécie de peneira, a enganar os que desdenham de maior tempo. Tarde bem ao sabor do que passa, do que vai na alma.

Não estou só minha adorada Julieta. Tenho aqui duas inseparáveis companheiras – a Recordação e a Saudade. (Mello, Revocata de. *Corymbo*, novembro de 1934, p. 02)

As visitas ao túmulo de Julieta e dos demais integrantes da família de Revocata, a narrativa de sonhos tidos com a irmã e a recordação das datas de morte dos pais e irmãos são os assuntos mais constantes dessa coluna. Com o

<sup>61</sup> Não podemos fazer afirmações quanto a data em que teve início a publicação dessa coluna já que os exemplares dos anos 1928 e 1929 não foram encontrados para consulta.

passar dos anos, Revocata demonstra cada vez mais solidão e melancolia. Apesar da coluna *Do Meu Diário de Dor* ser escrita em forma de diário íntimo, através dela não é possível saber detalhes da vida pessoal de Revocata. Por exemplo, o fato dela não ter contraído casamento, como já mencionado anteriormente, permanece uma incógnita jamais citada, mas justificada em homenagens prestadas por terceiros, por ser ela uma mulher dedicada ao belo e a solidão. No último texto publicado na coluna *Do meu diário de dor* em janeiro de 1944, lemos o seguinte,

27 de janeiro – Recordação pungentíssima, fere meu coração na data de hoje...  
 Minha idolatrada Julieta!  
 Vivesse eu tempos sem fim, a lembrança desse dia negro, torturante, nunca se apagaria!  
 Ante teu querido retrato, sobre minha mesa de trabalho, por vezes quedo-me a pensar, como tenho vivido sem ti, e sem todos os nossos adorados, hoje na eternidade?!...  
 Minha Julieta, a natureza humana tem segredos indizíveis!  
 Viver, sem o calor de almas uma d'aquele amor, daquele carinho que enchia-nos a vida, de alentos venturosos é como que estar sempre no anseio de uma gota d'água.  
 A companheira que tenho constantemente, fala muito, lê para mim, todo o livro do passado, põe-me ante os olhos d'alma, fisionomias queridíssimas, e, mesmo quando durmo, acompanha-me no sonho!  
 Abençoada Saudade, não me deixes!  
 Adeus, minha Julieta. (MELLO, Revocata de. Corymbo, janeiro de 1944, p. 03)

Novas colunas surgem ao longo dos anos, a maioria de duração efêmera ou aparição esporádica. Esse é o caso da coluna que passa a ser publicada em abril de 1932, chamada *Cartas de Várias Cores*, onde são reproduzidas algumas correspondências enviadas para Revocata de Mello ou por ela, tratando de temas diversos. Já, em junho do mesmo ano, foi publicada a coluna *Echos Feminis*, escrita sempre por Mathilde Monteiro<sup>62</sup>, única pessoa, além de Revocata de Mello a ter um espaço próprio e de aparição constante no periódico. *Echos Feminis*, em princípio se dedica a assuntos relacionados à mulher, como a conquista de novos postos de trabalho, mas logo passa a tratar de temas mais variados como acontecimentos sociais e críticas literárias. A seguir reproduzimos breves trechos das colunas *Cartas de Várias Cores* e *Echos Feminis*. No primeiro deles Revocata de Mello responde a carta de uma amiga que, ao que tudo indica havia lhe notificado acerca da morte de Delminda Silveira, importante professora e escritora natural de Santa

<sup>62</sup> Pouco se sabe sobre Mathilde Monteiro pois não foram encontradas informações sobre ela a não ser nas páginas do próprio Corymbo. podemos constatar somente que ela já colaborava, ao menos esporadicamente com o Corymbo desde novembro de 1905 e que morava no Rio de Janeiro.

Catarina. Já no segundo trecho, Matilde de Almeida enaltece as conquistas alcançadas por mulheres na aviação.

#### **Cartas de Várias Cores**

Maura, caríssima colega

Como foi sensacional, grandemente emotiva, tua carta de 8 de abril p. p. [...] Apesar de um tanto de desalento físico e moral vazar da última missiva de Delminda a mim dirigida a 18 de fevereiro último, estava eu longe de crê-la tão perto da morte!

Pobrezinha, foi uma grande sofredora! [...]

Delminda Silveira foi uma das tantas sacerdotisas do Ideal, com os pés sempre a sangrarem nos sorções do infortúnio.

Não a conheci pessoalmente, porém nossa correspondência foi íntima. Uma dessas simpatias que embora de longe, estendem fortes liames, aproximou nossas idéias e nossos corações.

Ela principalmente parecia vivamente identificada a mim, cartas extensas, de onde, sem rebuços, transbordavam confidências, como só se fazem a alguém que nos merece estima de alto alcance e muita confiança. Achava-se bem com minhas divagações sobre como a mulher de espírito de apurado sentir é pouco compreendida pelos homens que vivem mais para o lado positivo da vida.

Enfim... a morte a libertou do guante do infortúnio.

E, a ti bela artista do lindo "Cântaro de Ternura" vai um estreito amplexo. (MELLO, Revocata Heloisa de. Corymbo, maio de 1932, p. 02)

#### **Echos Feminis**

Comparando os dias de obscurantismo de outras eras com os dias de luzes do presente em que a cada momento se registra um novo surto de vitória nos arraias femininos, fico a pensar que "sentença caberia ao dono dessa prenda" se, com mais dilatada visão sobre o futuro, tivesse a ousadia de arquitetar e dizer que a mulher também voaria como voam Amelia Eanhart, Elly Beinhort e Ruth Nichols em arriscadas provas nas direções diversas do globo. [...]

Não há mais dúvidas sobre as capacidades femininas nos ares. (ALMEIDA Mathilde de. Corymbo, novembro de 1932, p. 02)

Tendo possuído várias denominações nos anos anteriores a 1930, a coluna *A Moda*, voltou a ser publicada, agora sempre com a mesma nomenclatura. Tratando de tendências e aconselhando a leitora sobre roupas e acessórios, a coluna contou ao longo dos anos com duas escritoras, Blanche e Marion, além de algumas transcrições feitas a partir de outros jornais e textos publicados de forma anônima. Parece-nos que, mais do que informar sobre tendências, o objetivo da coluna era aconselhar, dizer o que deveria ou não ser usado pelas mulheres da "fina flor da sociedade".

#### **A moda**

As saias curtas para o giro do dia

Felizmente as muitas moças que vestem com elegância, e não exageram no cumprimento das saias nem do deselegante vestido "habilé".

Chapéu mexicano, tendo bridas atadas na nuca.

Os véus ornando os chapéus continuam na ordem do dia.

As mangas curtas, requerem luvas compridas.

A luva, como em todos os tempos, tem império; e muito principalmente, dentre a fina flor da sociedade.

Para as cerimônias da arte, os vestidos compridos, lindos, faiscentes dentre as ornamentações de lantejoulas.

A Moda, com seus notados caprichos, com sua voz de mando, a que o mundo inteiro não resiste, faz agora dos brilhantes e das perolas verdadeiras e de fantasia, um verdadeiro chamado para as jóias atuais. (BLANCHE, outubro de 1937, p. 03)

A publicação de contos em série, muito comum segundo Miriam Vieira (1997) até 1925, tem sua última aparição no ano de 1930. Tratava-se de uma tradução realizada por Rubio Ferreira, especialmente para o *Corymbo*, do conto chamado *Coroa de Espinhos*, do francês Jean Betheroy. Em 1943, outros contos são publicados, mas dessa vez, são pequenas histórias apresentadas sempre em um único exemplar.

### 3.1.1 Tipologias

Para fins de análise, classificamos os escritos publicados no *Corymbo* em tipologias que respeitam critérios de estrutura formal relativas a cada texto. Por vezes, em algumas tipologias, aparecem mais de um assunto e mais de uma coluna, o que ocorre porque, apesar de publicados sob o rótulo de colunas diferentes, os diversos textos podem apresentar estruturas formais semelhantes. Por exemplo, as colunas *Coluna Maçônica* e *Moda*, apesar de tratarem de assuntos diferentes trazem escritos opinativos o que justifica sua classificação na mesma tipologia. Identificamos assim seis tipologias:

1. Artigo - textos de caráter opinativo. A tipologia engloba as seguintes classificações:
  - 1.1 Biografias e obituários;
  - 1.2 Cartas;
  - 1.3 Coluna maçônica (coluna);
  - 1.4 Echos feminis (coluna);
  - 1.5 Moda (coluna);
  - 1.6 Considerações sobre instituições da cidade.

2. Crônica Histórica - textos que tratam de eventos históricos, considerando o distanciamento a partir daquele que fala e não de nosso contexto;
3. Prosa Literária – textos com características narrativas mais ficcionais. A tipologia engloba:
  - 3.1 Contos;
  - 3.2 Do meu diário de dor (coluna).
4. Poesia – poemas.
5. Críticas – textos críticos sobre assuntos relacionados a cultura. A tipologia divide-se em:
  - 5.1 Crítica literária;
  - 5.2 Crítica de música;
  - 5.3 Crítica de arte.
6. Outros – a necessidade dessa tipologia se deve a publicação esporádica de notas sociais e outros tipos de texto que normalmente estariam associados à seção *Resenha de Notas*, mas apareçam fora dela. Dessa forma temos:
  - 6.1 Notas sociais – convites para eventos;
  - 6.2 Publicidades;
  - 6.3 Receitas;
  - 6.4 Citações.

A quantificação de artigos, crônicas, críticas, poesias e outros estilos de escrita observados no *Corymbo* entre os anos de 1930 a 1944, resultaram na construção da tabela 1. Nele apresentamos o número total de cada estilo publicado no período de tempo já referido. Na primeira coluna é possível observar a tipologia de cada texto e a seu lado o número de publicações de cada um.

**Tabela 1 – Quantificação Geral, nº absoluto de estilos publicados no *Corymbo* 1930 - 1944**

	<b>Fonte: <i>O Corymbo</i></b>
	1930 - 1944
Artigos	497
Crônica Histórica	14
Prosa Literária	241
Poesias	305
Críticas	35
Outros	29

Dos textos publicados nesses quatorze anos (1930 – jan. de 1944), 526 deles são de autoria feminina, 345 de autoria masculina e 392 circularam de forma anônima ou apresentando apenas as iniciais de sua autora ou autor. Dentre os homens aquele que mais figura entre as páginas do *Corymbo* é Rubio Brasileiro Ferreira com 32 textos enquanto que entre as mulheres, Revocata foi à autora de 253 dos 526 textos escritos por mulheres.

### 3.1.2 Temáticas

Depois dos textos classificados pelo tipo de estrutura formal apresentada, procuramos descobrir a existência de temáticas recorrentes na publicação do periódico. Tal investigação mais minuciosa se fez importante para que posteriormente pudéssemos elaborar categorias. A partir da análise do conjunto de tipologias, temáticas e categorias, pretendemos ser capazes de interpretar as mudanças ocorridas entre os anos de 1930 e 1944 nos papéis sociais atribuídos as mulheres e nas representações simbólicas que cercavam as mesmas.

As temáticas mais recorrentes, observadas no *Corymbo* são apresentadas abaixo em ordem alfabética:

- Comportamento: os textos que compõe essa temática englobam aqueles sobre saúde e moda, assim como as críticas literárias, musicais e de arte. A temática comum entre os escritos está no caráter de aconselhamento e distinção entre o que deve ou não ser feito, usado, lido ou prestigiado.

- Educação: abrange questões relativas a importância do ensino obrigatório e da instrução, no entanto, no as problemáticas relativas a educação feminina encontram-se na temática mulheres;



- Família: destaca a importância da família como pilar da sociedade e os papéis que devem ser desempenhados por cada um dentro desta instituição;

- Filantropia: instituições de caridade, como o “Clube Beneficente de Senhoras”, são constantemente citadas no *Corymbo*. Da mesma forma, iniciativas públicas e privadas, coletivas e individuais que tenham por objetivo a caridade aparecem com destaque.

- História: textos que apresentam opiniões ou versões sobre fatos históricos, assim como comentários tecidos sobre livros e artigos históricos publicados em outros meios.

- Imprensa: temática que engloba notícias sobre outros veículos da imprensa regional e nacional. Textos que situam o *Corymbo* dentro deste contexto também fazem parte dessa temática.

- Maçonaria: abrange a coluna maçônica e outras publicações que se referem direta ou indiretamente à maçonaria e as atividades desenvolvidas por seus membros.

- Mulheres: textos que abordam reflexões sobre os papéis desempenhados pela mulher na sociedade, dando destaque aquelas que de alguma forma obtêm sucesso. Assim como aqueles que versam sobre educação feminina, feminismo e reivindicações sociais;

- Política: conjunto de publicações que faz referência a fatos políticos em si, ou a contextos que poderiam ser entendidos como tais, como a aprovação do direito ao voto para mulheres e a liberdade de imprensa.

- Trabalho: o trabalho aparece sempre como precursor do progresso, representando civilidade para a sociedade como um todo.

### **3.2 Textos referentes à temática mulheres**

Passaremos a apresentar e analisar a partir de agora os textos referentes à temática mulheres. A partir desses textos faremos a análise de questões relativas à memória e representação feminina no *Corymbo*. No período analisado (1930 – 1944) foram localizados 61 artigos que pertencem a temática *mulheres*. É importante lembrar que dessa classificação figuram os textos classificados anteriormente como

artigos, assim ficam de fora as colunas *Resenha de Notas* (pequenas notícias), *Do Meu Diário de Dor* (prosa literária), e também *A Moda*, por tratar de tema muito específico e não relacionado diretamente com o objetivo da pesquisa. Além das colunas citadas, não foram analisadas poesias e outros textos classificados como *prosa literária*. Na tabela 2 apresentamos os artigos pertencentes ao grupo temático *mulheres* entre os anos de 1930 e 1931. Na primeira coluna localiza-se o título dos textos ou colunas, a seguir o estilo do texto, sua autoria<sup>63</sup>, página e edição da qual foi retirado.

**Tabela 2 – Textos do grupo temático mulheres 1930/1931**

**Fonte: Corymbo**

<b>Título</b>	<b>Estilo</b>	<b>Autora/Autor</b>	<b>Página/Mês/Ano</b>
Coluna maçônica	Artigo	Maria Lacerda de Moura	03/maio de 1930
Coluna maçônica	Artigo	Maria Lacerda de Moura	03/junho de 1930
A educação na família	Artigo	Revocata	03/outubro de 1930
Coluna maçônica	Artigo	Revocata	03/fevereiro de 1931
Voto feminino	Artigo	NI	03/março de 1931
O que a sociedade moderna espera da mulher	Artigo	Ana de Castro Osório	01/abril de 1931
Dois nomes	Biografia	Rubio Brasileiro Ferreira	01,02/janeiro de 1931
Belém de Sarraga	Biografia	Revocata	01/maio de 1931
Dr <sup>a</sup> Carolina Michaelis de Vasconcelos	Biografia	Ana de Castro Osório	01/junho de 1931
Dr <sup>a</sup> Carolina Michaelis de Vasconcelos	Biografia	Ana de Castro Osório	01/julho de 1931
Datas nas letras gaúchas - 27 de agosto	Biografia	NI	04/setembro de 1931
Datas nas letras gaúchas - 17 de setembro	Biografia	NI	04/setembro de 1931
Ronda jornalística	Artigo	Mariana Coelho	02/novembro de 1931
Homenagem do Corymbo a sua redatora Julieta Monteiro	Artigo	Vários	01,02/outubro de 1931
Anita Garibaldi	Artigo	Revocata	02/dezembro de 1931
Ronda jornalística	Artigo	Mariana Coelho	02,03/dezembro de 1931

<sup>63</sup> No caso de textos publicados anonimamente utilizamos o símbolo NI, ou seja, autor não identificado.

Dentre o conjunto de textos destacados chamam atenção aqueles escritos por Mariana Coelho, Ana de Castro Osório e Maria Lacerda de Moura, três nomes importantes para o feminismo brasileiro e português, no caso de Ana de Castro Osório. É interessante notar também que entre os 16 textos, apenas um é de autoria masculina.

A tabela 3 dá continuidade à apresentação dos textos que integram a *temática mulheres*, dessa vez destacamos aqueles localizados entre 1932 e 1934.

**Tabela 3 – Textos do grupo temático mulheres 1932/1933**

**Fonte: Corymbo**

<b>Título</b>	<b>Estilo</b>	<b>Autora/Autor</b>	<b>Página/Mês/Ano</b>
Corymbo	Artigo	Mathilde de Almeida	02,03/janeiro de 1932
Emancipação feminina	Artigo	Mariana Coelho	01,02/fevereiro de 1932
Alice Pestana - Caiel	Biografia	Ana de Castro Osório	02/março de 1932
Alice Pestana - Caiel	Biografia	Ana de Castro Osório	01/abril de 1932
Iveta Araujo	Obituário	Revocata	01,02/abril de 1932
Carta de várias cores - carta de arte e magoa	Artigo	Revocata	02/maio de 1932
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01/junho de 1932
Josephina Vidal Fuão	Obituário	NI	02,03/julho de 1932
Amália Figueiroa	Biografia	Revocata	02/agosto de 1932
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01,02/setembro de 1932
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	02/novembro de 1932
A mulher e sua educação	Artigo	J.M.V.S.	03/janeiro de 1933
Eduquemos nossos filhos	Artigo	NI	02/abril de 1933
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01/maio de 1933
Carmen de S. Pereira	Obituário	NI	03/maio de 1933
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01/dezembro de 1933

As mesmas autoras que ressaltamos anteriormente continuam a figurar como colaboradas assíduas do periódico, no entanto, a tabela 3 nos mostra que nos anos de 1932 e 1933 nenhum homem pode ser identificado através dos textos da *temática mulheres*. Também podemos notar o início da publicação da coluna *Cartas*

de *Várias Cores* por Revocata de Mello e de *Echos Feminis* de responsabilidade de Mathilde de Almeida que no período representado pela tabela 3 torna-se a colaboradora de maior frequência.

A partir da tabela 4 poderemos visualizar o conjunto de textos da temática mulheres publicados entre 1934 e 1935.

**Tabela 4 - Textos do grupo temático mulheres 1934/1935**

**Fonte: Corymbo**

<b>Título</b>	<b>Estilo</b>	<b>Autora/Autor</b>	<b>Página/Mês/Ano</b>
Discurso	Biografia	Aracy Froes	02/março de 1934
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01,02/abril de 1934
A evolução do feminismo	Artigo	Ermelinda dos Stuart Gomes	02,03/abril de 1934
Colunas que tombam - Julia Lopes de Almeida	Biografia	NI	01,02/abril de 1934
Discurso	Biografia	Aracy Froes	03/abril de 1934
Discurso	Biografia	Aracy Froes	02/julho de 1934
Discurso	Biografia	Aracy Froes	02/agosto de 1934
Echos feminis	Artigo	Mathilde de Almeida	01,02/outubro de 1934
Discurso	Biografia	Aracy Froes	03,04/outubro de 1934
A evolução do feminismo - fragmento	Artigo	Mariana Coelho	01/novembro de 1934
Echos feminis - o feminismo é isso	Artigo	Mathilde de Almeida	02/janeiro de 1935
A inferioridade intelectual da mulher	Artigo	Ana de Castro Osório	01/março de 1935
Ana de Castro Osório	Obituário	Revocata	01,02/maio de 1935
Porque as mulheres ideais ainda são tão raras	Artigo	Brasil Gerson	03/junho de 1935
Andradina de Oliveira	Obituário	Revocata	01/novembro de 1935

Destacamos nesse período o texto intitulado *Discurso* de autoria de Aracy Froes, que de fato é a transcrição de um discurso realizado por essa literata em homenagem a Amália Figueiroa, tia materna de Revocata de Mello. O texto, devido a sua extensão foi publicado em fragmentos ao longo de cinco meses não consecutivos. Também é importante enfatizar que o ano de 1936 parece ter sido um ano atípico para o *Corymbo*, que não publicou nenhum texto que pudesse ser enquadrado nessa temática.

A tabela 5, a última a representar a temática mulheres trás os títulos, autoras e autores, assim como a localização dos textos publicados entre 1937 e 1943. Na edição de janeiro de 1944 do *Corymbo*, última a ser publicada não encontramos nenhum texto que abordasse assuntos referentes ao universo feminino.

**Tabela 5 - Textos do grupo temático mulheres 1937/1943**

**Fonte: Corymbo**

<b>Título</b>	<b>Estilo</b>	<b>Autora/Autor</b>	<b>Página/Mês/Ano</b>
Página feminina - educação moderna	Artigo	NI	03/fevereiro de 1937
Mariana Coelho	Artigo	Revocata	01/abril de 1938
Obediência	Dialogo	Lola de Oliveira	03,04/abril de 1938
Colleta da Silva Miller	Obituário	NI	03/agosto de 1938
Novos horizontes a mulher	Artigo	Revocata	01,02/setembro de 1938
O Brasil e as Annas	Artigo	Mathilde de Almeida	01/outubro de 1938
Homens do passado - Julieta de Mello Monteiro	Biografia	Aimoré	01/novembro de 1939
A educação da mulher	Artigo	S.S.	01,02/março de 1940
Julia Figueiroa Nepomuceno da Silva	Obituário	Revocata	04/novembro de 1940
Carta à Marina	Carta	Revocata	02,03/jul, agosto de 1941
Josephina Costa	Obituário	NI	01,02/fevereiro de 1943
Anna Cesar	Obituário	NI	01/março de 1943
Academia literária feminina	Artigo	NI	03/março de 1943
Revocata de Mello	Biografia	Marcus Josef ar	01/maio de 1943

Através das tabelas apresentadas (tab. 1, tab. 2, tab. 3, tab. 4 e tab. 5) podemos observar a variação ocorrida na publicação de artigos relacionados à temática mulher ao longo dos anos, entre 1930 e 1935 foram publicados 64 textos, já entre 1936 e 1942 apenas 40. Sendo que, como pode ser observado a partir da listagem, nos anos de 1940 a 1942 (com 06 textos publicados em cada ano), existe uma redução significativa no aparecimento da temática no *Corymbo*. Tal fato pode ser atribuído a diversos fatores como os meses em que o periódico não foi editado, o falecimento de algumas das principais colaboradoras como Mariana Coelho e Anna de Castro Osório Lisboa, e as constantes doenças sofridas por Revocata de Mello. O que pretendemos demonstrar é que nos períodos de ausência de Revocata de Mello da redação do *Corymbo*, o periódico acaba por deixar de lado algumas publicações que o caracterizam. Revocata como proprietária e redatora chefe

parece ter feito *Corymbo* mais do que seu instrumento de expressão ideológica, construindo para si, um jornal autoral.

Passaremos agora para análise dos textos selecionados. Os artigos reproduzidos e analisados foram escolhidos por apresentarem, dentro da temática mulheres, temas que atravessam toda produção textual publicada no *Corymbo*. Daremos atenção especial a questões relativas à educação feminina e a constituição de ideais diferenciados de representação para mulheres não intelectuais e intelectuais.

### **3.2 1 Corymbo: memória e representação feminina**

A memória pode ser entendida como um processo de constante ajuste. Como nos diz Polack (1989), lembramos sempre a partir do presente, o que nos permite a atualização das lembranças conforme necessidades colocadas no agora. Poderíamos então dizer que os sujeitos estão sempre a editar suas memórias. Da mesma forma, as tentativas de reconstrução e interpretação do passado poderiam ser pensadas como processos abertos, nunca concluídos, pois sempre sujeitos a novas evidências e a outros olhares. Ainda mais complexo se torna esse processo de olhar para o passado se considerarmos a impossibilidade de uma visão global e neutra de fatos e acontecimentos.

Nosso olhar sobre a década de 30 e início da década de 40 do século XX não pretende ser de forma alguma universal, ao contrário, nosso objetivo é observar aquele momento através de representações muito singulares, registradas através das páginas do periódico literário *Corymbo*. Tendo considerado a riqueza e, a quantidade de registros feitos através de textos nesse suporte de memória, foi preciso adotar alguns critérios de seleção para que o trabalho não se perdesse na imensidão de dados. Os textos selecionados revelam um passado através da recuperação da memória de um fragmento do que foi a sociedade e, principalmente, as mulheres de Rio Grande do Sul. Outras possibilidades de interpretação continuam abertas a diferentes leituras e olhares distintos.

Para que a análise fosse possível adotamos como primeiro critério para seleção de textos, após o processo de sistematização geral dos dados descrito nos primeiros itens do capítulo III, a exclusão das notas sociais publicadas na seção *Resenha de Notas*. A decisão foi tomada levando em consideração o objetivo do trabalho, ou seja, a costura entre gênero, memória e representação. Mesmo na ausência de tal seção contávamos ainda com 1464 registros de textos. O próximo passo foi dado no sentido de excluir alguns desses registros com base em seu estilo textual. Sendo assim, deixamos de fora de nosso universo de análise os estilos: anúncios; contos; críticas de arte; críticas literárias; críticas musicais; crônicas históricas; frases; notas; piadas; poesias, prosas literárias e receitas. Já os estilos compreendidos pela pesquisa foram: artigos; biografias; cartas e obituários. Ainda assim, passamos a trabalhar com 645 registros. Seleccionamos então somente os textos apontados anteriormente como fazendo parte da temática *mulheres* chegando ao total de 61 publicações, os quais já foram listados anteriormente.

Desses 61 textos constam 33 artigos, 17 biografias, 09 obituários e 01 carta. No entanto, a sistematização adotada foi distinta: os textos, considerados agora como objetos, foram divididos por recorrências de assunto e proximidade de discursos. Dessa forma, algumas regularidades acabaram por se destacar formando subconjuntos de falas dentro da temática *mulheres*. Essas categorias formam espécies de lugares de fala, evocando memórias em comum e construindo discursos por vezes regulares, por vezes contraditórios sobre a realidade que pretendem representar. Por conseguinte, abordaremos cada uma dessas unidades separadamente. A primeira delas diz respeito às possibilidades que uma educação mais completa seria capaz de oferecer para as mulheres. A segunda ainda faz referência a necessidade e importância da educação feminina, mas passa a associá-la a entrada da mulher no mercado de trabalho. Já a terceira unidade, relaciona as duas primeiras aos retratos de mulheres construídos textualmente por Revocata de Mello, os quais expressam contradições e tensão com relação aos ideais anteriormente propagados.

### 3.2.2 “A inferioridade intelectual da mulher”

No Brasil, uma das principais intenções da imprensa feminina, no século XIX, foi inserir a mulher nos debates sobre educação e moralidade (NASCIMENTO, 2009, p. 32). Ao que parece, ao menos através da leitura do *Corymbo*, os mesmo ideais ainda eram dignos de atenção na primeira metade do século XX.

Os processos educativos formais e dirigidos pelo estado foram, durante muito tempo, ignorados no Brasil. No caso da educação feminina alguns agravantes foram adicionados. Durante o período colonial, a maioria das meninas, ainda que brancas e pertencentes à elite, não recebiam qualquer tipo de educação oficial. O mais comum, para aqueles que desejavam fornecer instrução para seus filhos era a contratação de professores particulares. O contexto educacional só começa a sofrer alterações após a Proclamação da República, quando a necessidade de criação da imagem de uma nação moderna passa a exigir a constituição de cidadãos.

A educação surge então como elemento qualitativo, capaz de contribuir para a efetiva modernização e industrialização do país. Após uma queda no interesse pelo assunto, as décadas de 10 e 20 do século XX, marcam o momento de retomada da discussão, o motivo pode ser identificado em algumas reformas pedagógicas e em movimentos como a Escola Nova. Já na educação feminina, o objetivo quando de fato instituída, era preparar a mulher para as funções de esposa e mãe (NASCIMENTO, 2009).

Educar a mulher para as tarefas do lar passa a fazer um sentido cada vez maior se pensarmos tal processo a luz da teoria positivista. No início do século XX essa teoria já representava uma grande influência no cenário nacional e, principalmente no Rio Grande do Sul. O pensamento positivista sobre o lugar que a mulher deveria ocupar na sociedade é fundamental para compreensão do progresso da educação feminina e da feminização do magistério nesse período. Mulheres e homens são percebidos como seres que se completariam em aspectos como o mental, o biológico e o social, não havendo, portanto, superioridade, considerando que a afetividade maior na mulher, seria correspondente ao caráter racional mais acentuado do homem. À mulher, caberia então a responsabilidade pela família, instituição fundamental para o progresso da sociedade. Dentro da família, a educação dos filhos seria umas das principais tarefas da mãe. Destarte, uma mulher



instruída poderia educar melhor seus filhos e ser uma companheira mais agradável para seu marido.

Nos artigos publicados sobre educação feminina no *Corymbo*, a ótica de diferentes autores parece incidir sobre os mesmos argumentos, e estes, coincidem com as idéias apresentadas acima. A seguir transcrevemos um trecho do texto chamado “*A educação da mulher*”, publicado somente com as iniciais S.S., da autora ou autor, em um exemplar do *Corymbo* de 1940.

O amor materno é a providência visível de nossa raça; a sua influência é constante e universal e começa com a educação do homem no princípio da vida, prolongando-se durante toda ela por virtude dessa poderosa influência que a mãe exerce sobre seus filhos [...]

Pode asseverar-se que a felicidade ou miséria, as luzes ou a ignorância, a civilização ou a barbárie do mundo dependem muito do modo porque a mulher exerce o seu poder no seu reino da família. [...]

O homem é o cérebro e a mulher o coração da humanidade; ele é o juízo, ela o sentimento; ele é a força, ela a graça, o ornamento e a consolação. O próprio entendimento das melhores mulheres parece atuar essencialmente através de suas afeições. E assim enquanto o homem dirige a inteligência, a mulher cultiva os sentimentos que, mais que tudo, determinam o caráter, enquanto aquele enche a memória, esta ocupa o coração; ela apenas nos faz crer, e somente por meio dela é que seremos capazes de chegar a virtude. (*Corymbo*, março de 1940, p. 01, 02)

O texto anônimo transcrito, afirma a perspectiva positivista ao responsabilizar a mãe não só pelo sucesso ou fracasso de sua prole, mas da sociedade onde tais sujeitos atuarão, a lógica seguida é a de que a família é a representação direta da pátria. Assim, qualquer desvio observado no “reino familiar” seria transferido para esfera pública. As estratégias discursivas observadas reforçam processos de formação que direcionam e auxiliam na manutenção de estruturas formadoras e transmissoras da ideologia dominante, dificultando interpretações e transformações advindas de significações diversas. No último trecho do texto, podemos observar ainda oposições entre o que seriam características “naturais” de mulheres e homens. Essas oposições reforçam mais uma vez os estereótipos que identificam homens como seres racionais e fortes, portanto, aptos a vida pública, enquanto que as mulheres são consideradas o “coração da humanidade”, associadas assim ao lar e responsabilizadas pela felicidade dos filhos. Apesar da autora ou autor ter intitulado seu trabalho de “*A educação da mulher*”, a texto nos fala a respeito das responsabilidades da mulher na família e na educação dos filhos. A instrução feminina, no sentido da possibilidade da mulher adquirir conhecimentos, não faz parte da discussão proposta.

Em outro artigo publicado no *Corymbo* em 1933, a idéia que finaliza o texto anterior associando a mulher à virtude, também se faz presente. Outra semelhança entre os textos está em seus títulos, enquanto aquele chamava-se “*A educação da mulher*”, este é intitulado “*A mulher e sua educação*”. O anonimato da autora ou autor é novamente mantido através da utilização somente das iniciais J.M.V.S. O primeiro parágrafo do texto nos fala sobre o que significa educar a mulher. A idéia apresentada não diz respeito ao incremento de qualquer noção diretamente relacionada ao conhecimento, mas sim, ao maior desenvolvimento da virtude.

Educar a mulher é desenvolver-lhe os bons instintos e dar-lhe a idéia luminosa de sua ingente superioridade, é povoar-lhe o cérebro de noções do justo, do útil e do honesto, e levantar seu coração à suprema altura de todos os sentimentos nobres dando realce a suas ingêntas virtudes.

Perspícaz e adivinhadora, a mulher acha sempre uma verdade a mais no âmago das ciências e vai com celeridade ao alcance e ao fim das disciplinas que aprende. [...]

Eis quanto pode a mulher dirigida pelos caminhos das letras e das ciências, eis como ela há de se tornar o sustentáculo e guia do saber e da moralidade das novas gerações, eis como ela há de ser a estrela polar guiando a nau da vida ao porto da salvação. (J.M.V.S, *Corymbo*, janeiro de 1933, p. 03)

Apesar de nesse caso haver menção a superioridade da mulher, essa declaração acaba convergindo para utilização da educação feminina como caminho e guia da “moralidade das novas gerações”, a ênfase, assim recai, mais uma vez em educar a mulher para que esta seja capaz de melhor educar seus filhos. Outro elemento que merece destaque é a ligação feita entre o feminino e a intuição expressada através do adjetivo “adivinhadora”, qualidade que, no texto, aparece como um dos meios com qual a mulher pode se aproximar da ciência e do conhecimento. O conhecimento propagado pelo positivismo tem por base a observação, a experimentação e a análise. Nada mais contraditório a isso do que a intuição.

Um terceiro artigo, igualmente publicado em 1933, é mais direto e severo a respeito da responsabilidade da mãe na educação e felicidade de seus filhos. Dessa vez o texto foi intitulado “*Eduquemos nossos filhos!*” publicado também anonimamente, faz uso da autoridade do discurso médico, nos parece, que com a intenção de aterrorizar as mães, conscientizando-as assim de suas obrigações. O responsável pelo trabalho inicia falando sobre a perfeição e inteligência com que uma criança nasce, diz que essas qualidades, só começam a degenerar quando os adultos insistem em fazer de seus filhos um igual. Assim, o que estragaria uma

criança seria o fato de que “ao redor delas há um homem e uma mulher que lhes arruínam a alma com o exemplo de suas mentiras, de sua incapacidade e de seus vícios” (Corymbo, 1933). O texto continua narrando os estragos que uma família desestruturada pode causar na criança; novamente são enfatizados aspectos do desenvolvimento emocional e físico, dando atenção especial para a saúde, nesse ponto é apresentado o Dr. Robin da faculdade de Paris. Apesar de o texto ter citado o pai e mãe e destacado a família, a culpa pela má formação da moral e da saúde da criança é jogada sobre a mulher.

O Dr. Robin acusa severamente a responsabilidade das mães, pelos prejuízos da saúde física e moral dos filhos.

Pobre infância – diz – cheia de dores e de complicações funestas, em mãos de mães perversas, descuidadas, delirantes de inveja, irritáveis, más, débeis e incultas. [...]

Muitas vezes – acrescenta – tenho sido consultado por pais de crianças anormais, loucas, maníacas, e tenho pensado: Mais necessidade tem de assistência a mãe do que o filho.

Ela é a culpada: o filho, a vítima. (Corymbo, abril de 1933, p.02)

Segundo observa Ana Paula Vosne Martins (2008), foi no século XIX que textos médicos aliados a literatura começaram a dar mais atenção para assuntos relativos a criança. Surgem as primeiras preocupações com educação e saúde, principalmente entre as classes mais abastadas (VOSNE, 2008, p. 158). Tal valorização da criança coincide com o surgimento da pediatria e de um mercado editorial de livros, revistas e artigos em periódicos sobre como as mulheres deveriam criar e educar suas filhas e filhos. Na América Latina, tal produção ganha visibilidade principalmente nas décadas de 20 e 30 do século XX (VOSNE, 2008, p. 141), coincidindo com a publicação de um texto embasado por um médico no *Corymbo*. A autora destaca ainda que a abordagem científica do lar e da maternidade começa a ser defendida por mulheres e homens privilegiados economicamente, como forma de resolução de problemas referentes a questão da mulher. Assim, para uma concepção mais científica e liberal da sociedade, admitir que as mulheres eram inferiores aos homens não se fazia mais possível, era preciso fornecer educação para elas, para que “cada um pudesse desempenhar seus papéis de forma mais adequada aos tempos modernos” (VOSNE, 2008. p. 141).

Entre os trabalhos publicados no *Corymbo* que versam sobre a temática educação feminina se destaca o texto de Ana de Castro Osório chamado “A inferioridade intelectual da mulher” de 1935. A escritora foi uma das pioneiras na luta

pela igualdade de direitos em Portugal, tendo escrito o primeiro manifesto feminista português. Também se dedicou a literatura infantil, sendo considerada a fundadora desse estilo naquele país. Sua passagem pelo Brasil ocorreu entre os anos de 1911 e 1914, quando residiu em São Paulo<sup>64</sup>. Ela atuou como conferencista, por conta disto, esteve no Rio Grande do Sul, ocasião na qual foi apresentada a Revocata de Mello<sup>65</sup>. Depois desse encontro, Ana de Castro Osório passou a enviar colaborações para o *Corymbo*, entre elas o trecho reproduzido a seguir.

De resto as faculdades e colégios de altos estudos estão cheios de senhoras duma superior personalidade intelectual. [...]

- Em resumo – diz o ilustre e sábio professor, - a pretendida inferioridade da mulher não passa dum velho preconceito. Dêem a mulher a mesma cultura intelectual que dão aos homens e elas mostrarão na massa uma igual aptidão para o saber.

Além do Dr. Delacroix, cuja autoridade ninguém pode negar, outros ilustres depoentes confirmaram esta opinião lisonjeira e justa para a mulher, não por a colocar acima dos homens seus colegas, mas por a por numa perfeita camaradagem intelectual, que só honra a humanidade superior em seu conjunto. (OSÓRIO, Ana de Castro. *Corymbo*, março de 1935, p. 01)

A diferença do texto de Ana de Castro Osório para os anteriormente apresentados está na utilização das mesmas estratégias discursivas para fins opostos. Ao invés de propagar já no título termos como “educação da mulher” ela inicia falando em “inferioridade intelectual”, para, a partir da desconstrução dessa aparente afirmativa anunciar igualdades conquistadas e admitidas não somente por homens, mas por homens intelectuais, autorizados e conhecedores do tema, como médicos e professores universitários. A autora termina o texto lamentando não serem os intelectuais mais influentes e em maior número na sociedade, pois, se o fossem, seriam capazes de impor sua verdade, a de que a inferioridade intelectual da mulher é mera falácia.

Os três primeiros fragmentos de textos apresentados podem ser vistos como um conjunto coerente e coeso de idéias, no entanto, a fala de Ana de Castro Osório tendo sido publicada no mesmo meio impresso, causa certo estranhamento ao pensarmos que a pessoa responsável pela seleção dos trabalhos foi a mesma. Essa aparente incoerência observada nos pontos de vista dos artigos publicados no *Corymbo* que dizem respeito à educação feminina, também é observada com relação a outros assuntos de igual importância. Nos parece que, Revocata de Mello

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://www.rtp.pt/gdesport/?article=606&visual=3&topic=1>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2009.

<sup>65</sup> Informação retirada do obituário de Ana de Castro Osório publicado no *Corymbo* em maio de 1935.

circula entre dois tipos distintos de racionalidade, por vezes adotando estratégias discursivas de legitimação da ordem vigente advindas do cosmos masculino, enquanto que, em outros momentos apresenta certa radicalidade, ainda que expressa através da voz de outros sujeitos. A adoção dessas estratégias de legitimação advindas do cosmos masculino por mulheres vai ao encontro da definição de violência simbólica feita por Pierre Bourdieu (2003). Para o sociólogo a violência simbólica para ser efetivada necessita da colaboração do dominado que age de acordo com seu dominador sem possuir a consciência de seus atos.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de seu ser social é produto. (Bourdieu, 2003, p. 47)

No entanto, práticas e representações sociais, poucas vezes permanecem em espaços herméticos, o que complexifica a tentativa de catalogação dos sujeitos enquanto dominados ou dominadores. Durante suas existências, os sujeitos vivenciam situações que os colocam diante de papéis sociais diversos e, não poucas vezes, contraditórios. O que podemos observar através dos dois últimos textos transcritos é justamente a utilização das mesmas estratégias discursivas, ou seja, a busca pelo discurso autorizado para apoiar e sustentar aquilo que é dito por alguém não tão autorizado assim; para se chegar a objetivos opostos. Ana de Castro, vai além em seu artigo ao afirmar que a diferença entre a capacidade intelectual de mulheres e homens é fruto da educação fornecida com desigualdades agudas a cada um deles, e não da emotividade e propensão para os sentimentos que seriam características naturais das mulheres, como afirma a autora ou autor do texto “A educação da mulher”, subvertendo assim a lógica estabelecida por Bourdieu (2003) ao não ceder aos argumentos formulados pelos “dominadores”, mas reformulando-os.

Os artigos publicados no *Corymbo*, e apresentados até o momento podem ser identificados entre dois pólos. Os primeiros identificados com o positivismo, falam sobre educação feminina sem de fato propor mudanças ao modelo que

diferencia as habilidades e conhecimentos que deveriam ser ensinados para uns e outros. A educação feminina é vista como capaz de aperfeiçoar as características já naturais da mulher e assim prepará-la melhor para educar seus filhos, sua tarefa mais importante. Enquanto que a autora do quarto texto, nos fala sobre as possibilidades da mulher quando educada da mesma forma que os homens, vistos então como seus companheiros e iguais.

Outros artigos que circularam através do *Corymbo* entre 1930 e 1944 relacionaram a necessidade de fornecer a mulher uma educação mais completa as novas habilidades e competências exigidas pela entrada no mercado de trabalho do público feminino. Observaremos esse conjunto com mais detalhes a partir de sua transcrição e análise na seção seguinte.

### 3.2.3 “O que a sociedade moderna espera da mulher”

Os textos enviados ao *Corymbo* por suas colaboradoras nem sempre retratam a realidade vivida em Rio Grande. Muitas das mulheres e homens que publicaram no periódico produziam trabalhos que refletiam sobre contextos distantes, normalmente sobre o lugar a que pertenciam<sup>66</sup>. No entanto, essas publicações se justificam se pensarmos que o universo em que o *Corymbo* circulava era amplo e complexo, não só com relação a seu público indefinido<sup>67</sup>, mas também a sua indefinição de território geográfico. Tendo em vista o exposto, podemos compreender melhor a fala de Ana de Castro Osório sobre a mulher portuguesa publicada num periódico do interior do Rio Grande do Sul.

O tema educação emerge novamente para autora no texto intitulado “O que a sociedade moderna espera da mulher” de 1931, onde ela afirma que “a incompetência e inferioridade feminina não provem do sexo, mas tão somente de sua falsa educação” (Ana de Castro Osório, 1931). E ainda adverte que a mulher portuguesa ainda não entendeu que o trabalho não deve ser executado somente por

---

<sup>66</sup> Lembrando que o *Corymbo* além de ter circulado em várias cidades do Rio Grande do Sul ainda era enviado para diversos estados do Brasil e para alguns países como Portugal, Espanha e Argentina.

<sup>67</sup> O *Corymbo* ao contrário da prática adotada por outros periódicos da época não anuncia ou delimita seu público alvo. Alguns textos são dirigidos para mulheres, no entanto, é impossível afirmar que esse fosse o único nicho que o periódico pretendia alcançar.

necessidade, mas sim para adquirir, através dele, dignidade e independência econômica.

Isto dá-nos uma satisfação e uma garantia de melhor futuro, porque ele depende do equilíbrio perfeito da elite social em que a mulher ocupa seu verdadeiro lugar não só como elemento de trabalho e cultura que a tornem ser consciente e economicamente autônomo, mas como defensora dos altos princípios de dignidade e moralidade que ela é o eixo dentro da família e conseqüentemente a responsável social.

Que os homens principalmente os novos, que são a garantia do futuro compreendam essas verdades respeitando e estimando suas companheiras pelo seu valor intelectual e moral e não as adulem aparentemente – pois que no fundo as desprezam – pela sua futilidade, que elas cultivam – as pobrezitas – tomando a sério essas palavras de cumprimento, julgando assim agradar-lhes mais.

Porque a verdade é que não sairemos tão cedo desse circulo vicioso sem um grande e equilibrado esforço de todos, mas que naturalmente tem que partir dos superiores em inteligência e pelo caráter. – A mulher não se eleva em conjunto temendo desagradar ao homem; o homem não apoiando o esforço feminino pela libertação do trabalho superior e consciente, temendo que a mulher o respeite e estime menos quando se julgue sua igual. (OSÓRIO, Ana de Castro. *Corymbo*, abril de 1931, p. 01)

O artigo faz a associação entre a necessidade da educação feminina e a possibilidade do trabalho, e narra a situação da mulher em Portugal a partir da afirmação da não naturalidade de qualquer tipo de superioridade masculina. Para a autora falta à mulher portuguesa a compreensão de que, através do trabalho se conquista elevação moral e intelectual que atinge não só as mulheres, mas também seus filhos. Também ganha destaque a “mocidade inteligente libertada” que estaria aceitando a colaboração feminina no trabalho, considerando a mulher como uma igual.

É possível notar semelhanças entre os dois textos de Ana de Castro Osório, como, por exemplo, na desconstrução da idéia de diferença entre homens e mulheres através da culpabilização de um fenômeno social: a educação, ao invés da legitimação do processo pela exaltação de qualidades consideradas intrínsecas a um ou outro gênero por outros autores publicados no *Corymbo*. Contudo, a ligação da mulher com a família e com a moralidade não é negligenciada, ao contrário, é mais uma vez afirmada e utilizada como justificativa para reivindicação de emancipação feminina através da melhor qualidade de ensino que a mãe seria capaz de oferecer a seus filhos. O elemento inovador está no apelo feito aos homens para que estes contribuam no processo vivido pelas mulheres. A autora clama para que os homens não incentivem futilidades por meio de falsos elogios e

ainda adverte que as mulheres não se elevam com medo de desagradar a seus companheiros.

Em junho de 1935, o *Corymbo*, foi a público com um texto de Brasil Gerson chamado “Porque as mulheres ideais são tão raras”. O artigo traz à superfície os mesmos temas tratados por Ana de Castro, mas dessa vez, sob a ótica masculina.

Felizmente o mundo, neste século, esta passando por transformações alucinantes nos seus costumes, e a vida vai humanizar-se melhor. Os preconceitos cederam o seu lugar a lógica, e nós chegaremos breve a uma época, em que a sensação de viver será mais gostosa e mais ampla. Mas as mulheres ai terão que estar já emancipadas, graças a outra fórmula de educação diferente da que se usa hoje, da que fez com que a mulher entrasse para vida como uma coisa inútil, necessitada do amparo do homem. Ela está assim sujeita a proteção econômica daqueles que deveriam ser apenas seus companheiros, e são na realidade seus patrões. Imaginemos um mundo que, colocasse o amor acima dos interesses econômicos que agora o dominam! Seria um mundo ótimo! Mas porque os homens continuam insistindo em negar a mulher o direito de ter a mesma independência integral que eles tem, e gozam? É fácil uma explicação para este mistério. No dia em que as mulheres chegarem a esse estado, possuirão também, é lógico, um nível intelectual muito mais desenvolvido, e serão inteligentes, mais bonitas. Para conquistá-las, os homens não apareceriam mais com baratangas, apartamentos e cheques: teriam que aparecer com virtudes outras, mais altas e mais finas e todas revestidas de muito “it” espiritual, “it” físico, etc. Como a maioria é vulgaríssima está reagindo. Como não sou da maioria, não estou. Pelo contrário: quero encontrar sempre no meu caminho autênticas Marlenes, autênticas Garbos. Por culpa dos que pensam como um meu amigo, é que as mulheres ideais, para os homens inteligentes, ainda são tão raras. (GERSOM, Brasil. *Corymbo*, junho de 1935, p. 03)

O artigo inicia sua argumentação apresentando a idéia de que um mundo melhor está em processo de formação ao afirmar que “os preconceitos cederam o seu lugar a lógica”, o autor alia a idéia de progresso de um “mundo que passa por transformações alucinantes” a racionalidade e a lógica. No entanto, para que o progresso seja absoluto a mulher precisa também se “modernizar”. A inadequação da mulher aos novos tempos, para o autor, é resultado de uma educação defasada “que fez com que a mulher entrasse para vida como uma coisa inútil, necessitada do amparo do homem”, e dos próprios homens que preferem que as mulheres se mantenham nessa situação para que sejam mais facilmente conquistadas. Novamente o trabalho aparece como elemento redentor, para Brasil Gerson a mulher só será capaz de se libertar através do trabalho, pois só a independência econômica faria com que as mulheres também se elevassem intelectualmente. Já os



homens, ou “a maioria dos homens” parecem não ter cedido ao apelo de Ana de Castro Osório e são descritos como insatisfeitos com a situação. Na penúltima frase do texto, Brasil Gerson ainda descreve o que seriam para ele mulheres ideais através das imagens das atrizes Marlene Dietrich e Greta Garbo, estrelas do cinema. A idéia do trabalho como elemento do moderno e essencial tanto para o progresso da nação como para libertação feminina aparece diversas vezes no *Corymbo*. A mesma associação pode ser vista no artigo de Lidroneta Rosa Teixeira, onde ela afirma que “o trabalho é a lei que regula nossa existência – o principio vivo que faz os homens e as nações progredirem, é o nosso melhor preservativo contra as más influências e é o melhor antídoto contra os pesares que nascem do amor próprio” (Corymbo, fevereiro de 1931, p. 01). Apesar desse texto em particular não discursar sobre a situação das mulheres, nota-se a mesma associação entre trabalho e progresso que une os artigos escritos por uma mulher portuguesa e por um homem brasileiro.

Ao falar sobre posição da mulher na sociedade, as autoras e autores publicados no *Corymbo*, parecem aos poucos assumir uma nova vertente ao dirigir-se também aos homens como interlocutores e não somente aquele público que seria o primeiro interessado. A mulher agora, além de reivindicar uma melhor educação para si, necessita sair em busca de trabalho e conquistar o respeito de seus companheiros através dessa atitude. Podemos observar um conjunto de rupturas que começam a ser desenhadas, ao mesmo tempo em que continuidades do que seriam padrões de comportamento ainda estão colocadas propiciando que distinções entre homens e mulheres permanecessem bem marcadas.

Dois elementos de aspectos mais subjetivos aparecem nos últimos textos reproduzidos e dizem respeito diretamente ao universo masculino: a culpa e a possibilidade de solidão imputada aos homens. Tanto Ana de Castro Osório, quanto Brasil Gerson, falam sobre a responsabilidade dos homens que incentivam comportamentos fúteis em suas mulheres. Ambos concordam que, o motivo de tal falha está no anseio masculino de não ser mais respeitado por uma mulher que se torne independente intelectual e economicamente. O que está em jogo é o controle não só do marido sobre sua esposa, mas conseqüentemente sobre sua família. O binômio “dominação” e “submissão” parecia estar ameaçado pelo surgimento de novos padrões de comportamento. A aparição desse cosmos masculino em textos

antes dirigidos para mulheres sugere que de fato essa preocupação com a emancipação feminina estava se tornando corriqueira. Talvez possamos considerar a constante lembrança da importância da família e da moralidade na vida das mulheres como uma forma não só de mantê-las confinadas a um espaço e a uma imagem delimitada, mas como forma também de afirmar aos homens que o objetivo não era a subversão completa dos valores tradicionais. Ana de Castro lembra ainda que assim como uma sociedade absolutamente masculinizada não seria desejável, uma sociedade dominada pelas mulheres tampouco (*Corymbo*, 1931).

É interessante notar também a queda de status que a frivolidade feminina alcança nos dois últimos textos expostos. A primeira autora afirma que a mulher dedica-se ao culto a aparência para agradar aos homens que a elogiam, já Brasil Gerson relaciona a beleza a capacidade intelectual. Parece que a vaidade já não é mais condizente com os novos espaços que as mulheres pretendem ou devem ocupar na ordem moderna em formação. Contudo, a coluna *A moda*, continua a ser publicada com regularidade. A imagem da mulher que adorna o espaço privado com sua educação requintada, mas é de certa forma ineficaz no ambiente de trabalho, parece estar sendo substituída pela imagem de uma mulher que necessita ser educada de maneira semelhante aos homens, mas sem esquecer jamais a ênfase na moral e na virtude. O trabalho, antes visto como valor negativo, pois associado aos escravos por uma elite que via no ócio seu verdadeiro ofício, passa a ser positivado com a ascensão de uma burguesia que tinha no comércio seu meio de sobrevivência (PEDRO, p. 67, 68). O trabalho passa então a ser desejado e festejado como elemento de progresso e distinção.

A menção ao trabalho é constante no *Corymbo* a partir de 1930, elemento de libertação, emancipação, elevação intelectual, símbolo do progresso e do moderno deve também ser conquistado pelas mulheres. A importância da conscientização do valor do trabalho<sup>68</sup> parece estar justamente em sua associação ao moderno e a sua nova configuração como elemento de distinção social. O trecho reproduzido nos fala brevemente sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho.

---

<sup>68</sup> É importante lembrar, como faz Joana Maria Pedro, que a conquista do direito ao trabalho e a conscientização do trabalho como valor positivo é um empreendimento que tem como público alvo as mulheres das classes mais abastadas economicamente, que precisam ser convencidas a trabalhar. Para as mulheres de classes populares a realidade era em absoluto diferente, o trabalho era parte da rotina e não podia ser negligenciado ou desvalorizado, pois dele dependia seu sustento.

A mulher no Brasil vai tomando lugar saliente na vanguarda dos empregos. Já não somente dedilha a *Remington* e *Royal*, agora também folheia o Libello.

Quer queira, quer não, imperceptivelmente, o desdobrar do tempo lhe vai passando a destra os direitos equiparados que pleiteia. (ALMEIDA, Mathilde de. *Corymbo*, junho de 1932, p. 01)

Ao citar duas marcas de máquinas de datilografia, *Remington* e *Royal*, símbolos por si só do moderno, Mathilde de Almeida faz referência direta a profissão de secretária, comum e aceita como caminho a ser seguido pelas mulheres. Mas ao afirmar que agora elas também folheiam o Libello<sup>69</sup>, a autora de fato introduz o assunto tema de seu comentário, a nomeação de Maria Alexandrina Ferreira Chaves para a promotoria pública do município da Lapa no Rio de Janeiro, como exemplo de conquista feminina, que apesar de individual é tratada como coletiva. Em outro artigo, publicado também em 1932<sup>70</sup>, a mesma autora narra a saga das mulheres na aviação citando a Amelia Eanhart, Elly Beinhorn e Ruth Nichols, como exemplos de agilidade, habilidade e bravura. Conforme Mathilde de Almeida tomando como exemplo essas mulheres não haveria mais motivos de dúvidas sobre a capacidade feminina nos ares.

Apesar da aparente aprovação e entusiasmo com as conquistas femininas, de acordo com June E. Hahner (2003), as primeiras médicas formadas no Brasil encontraram dificuldades para exercer a profissão, tendo sido alvo de hostilidade e ridicularização. Esse dado é especialmente relevante para o contexto abordado se lembrarmos que Rita Lobato Velho Lopes, a primeira médica brasileira, que foi formada pela faculdade de medicina da Bahia, era natural de Rio Grande (REZENDE, Jofre, 2009). É possível considerar a hipótese de que muitos dos sujeitos que defendiam a emancipação feminina através do exercício de profissões, não desejavam de fato que as mulheres pertencentes a suas famílias ocupassem profissões de prestígio como a Medicina, o Direito ou sequer que conquistassem os ares através da aviação. Mas, faziam-se ver como modernos por meio da defesa do progresso feminino. Também é necessário frisar que, apesar dos artigos destacando as possibilidades femininas no mundo do trabalho não há notícias publicadas no *Corymbo* sobre esses avanços na cidade de Rio Grande. As mulheres no sul do

---

<sup>69</sup> Peça jurídica de acusação. Termo derivado do mundo jurídico.

<sup>70</sup> Artigo já reproduzido na página 73.

Brasil parecem continuar a exercer seus papéis tradicionais de senhoras do lar e professoras.

Em 1938, Revocata de Mello faz publicar um texto de sua autoria onde proclama os benefícios da modernidade e do desenvolvimento intelectual da mulher utilizando para isso de indicadores do novo tempo e de uma nova percepção de valores.

De dia a dia mais se manifesta quão natural é o desenvolvimento, a fecundidade de pensamento, em uma imaginação de mulher.

Reconhece-se perfeitamente que o poder da época, d'esta época banhada pelas águas de uma fonte límpida, vivificadora, certamente trará um batismo de novas e sublimes idéias, verdadeiras antagonistas deste estacionário viver que aniquila as forças intelectuais e morais.

A mulher de hoje entusiasmada saúda a voz eletrizadora que acompanha o silvo das locomotivas, o transmitir dos telefones e telégrafos, e as viagens dos arrojados aviadores.

Graças aos dedicados adeptos do seu progredir. – Ela parece no suntuoso litígio dos nobres cometimentos; encara enlevada os largos caminhos das artes e industrias, compreendendo toda grandeza da prometedoras marcha d'esse assombroso trem onde tremula a rubida bandeira do Progresso.

Não virá tarde a feliz era em que a mulher aprofundando as ciências, os vastos conhecimentos, ria do impossível, e possa ao lado do homem douto resolver os mais intrincados problemas e acompanhá-lo nos sérios e proveitosos estudos de gabinete.

Ela saberá mostrar que essa obscuridade em que a deixaram durante largo tempo não foi que um letargo em umbrosa selva, onde penetrando a luz de uma aurora de evolução, apontou-lhe todas as maravilhas que convivem com o saber.

A mulher caberá então uma apoteose levantada pela sociedade moderna; será a perfeita educadora do coração e do espírito, o manancial do lar doméstico.

Saudemos essa época bendita. (MELLO, Revocata de. *Corymbo*, setembro de 1938, p. 01,02)

Além de reconhecer a conquista de novos postos de trabalho como fenômeno mundial e fruto do esforço de inúmeras personagens, as escritoras que publicavam suas obras no *Corymbo*, também sabiam da importância de acontecimentos como a guerra. A primeira guerra mundial foi vista por muitos como um fator importante para a conquista do espaço público pelas mulheres. A realidade vivenciada na Europa e nos Estados Unidos parece ter produzido eco no Brasil. Conforme é observado no texto de Mariana Coelho intitulado “Emancipação Feminina”.

A vida atual com todos os seus males, e bens, que a guerra mundial nos legou – (invenções, reforma de leis e o rápido aperfeiçoamento da aviação, enfim, muitos e importantes melhoramentos sociais e científicos, devem-se a guerra. A maior calamidade mundial que a história registra, fez mais pelo feminismo, em quatro anos, que todas as sufragistas no decurso de sua ruidosa propaganda e de seu por vezes censurável proceder. Foi o principal

fator da igualdade sexual – o apavorante fantasma que pouco a pouco vai reduzindo ao silêncio os antifeministas incrédulos -) impele a mulher a alargar sua esfera de ação fora do tradicional acanhamento da vida doméstica. Ela é hoje chamada a deveres sociais diferentes e inadiáveis pela urgente luta, que tem de sustentar, fazendo, assim, concorrência ao homem e, por uma verdadeira cadeia de diversos elos – que partem desse forte impulso, se foi acelerando e desenvolvendo o movimento mundial que tão fortemente agita o sexo feminino e se denomina: Feminismo (ou humanismo), - movimento que já em fins do século XIX principiou a intensificar-se, e que atualmente está em plena primavera de sua estabilidade real consumada. (COELHO, Mariana. Corymbo, fevereiro de 1932, p.01, 02)

Se a honra e a nobreza do homem com o início da Primeira Guerra Mundial pareciam estar ainda mais ligadas à defesa da pátria, a honra da mulher por sua vez permaneceu no início do século relacionado à manutenção e defesa dos valores sociais na educação dos filhos, e em sua atividade doméstica. No entanto, o grande progresso tecnológico ocorrido no período anterior, assim como durante a Grande Guerra, alterou a relação de mulheres e homens com suas funções. Os equipamentos e facilidades modernas como o saneamento das cidades, a distribuição domiciliar de água e o surgimento de novos utensílios domésticos eliminaram grande número de tarefas no lar, reduzindo também o esforço e tempo empregado em sua execução. A redução de esforço não ocorreu somente no ambiente privado, a tecnologia foi empregada, sobretudo, na produção industrial o que fez com que tarefas antes impensadas de serem executadas por uma mulher, agora fossem possíveis, como é o caso da aviação citado por Mathilde de Almeida, Revocata de Mello e Mariana Coelho como símbolo da capacidade feminina. Ao mesmo tempo, a expansão econômica que acompanhou a modernização tecnológica contribuiu para trazer a mulher a novas atividades, por necessidade de mão de obra. Mariana Coelho faz uso justamente desse contexto para afirmar conquistas, mas ao mesmo tempo, para criticar a “ruidosa propaganda” e o “proceder” por vezes “censurável das sufragistas”. Assim como no texto de Revocata de Mello o progresso tecnológico é celebrado como sinal de um novo tempo em que a mulher pode abraçar novas oportunidades, “alargando sua esfera de ação para fora do lar”. Na continuação do artigo, a autora retorna aos mesmos argumentos apresentados anteriormente, ou seja, a necessidade da educação para que a emancipação da mulher possa se concretizar.

Em regra a mulher latina – principalmente em alguns países, não se acha ainda satisfatoriamente disposta para a conquista da igualdade política; é mais preocupada com a moda, com a elegância no trajar que com os sérios problemas sociais; e porque? Porque a sua educação tem sido até hoje meramente feminil, ao passo que a educação da mulher entre as raças saxônicas, anglo saxônicas e eslavas, tem sido sempre mais masculinizada, mais apropriada a conquista da igualdade entre os sexos, imposta pela natural evolução e pelo espontâneo impulso da justiça. Todo desenvolvimento do feminismo e conseqüente procedimento e seus fins, devem ter por fundamento, nos povos latinos, e nos bárbaros [...] uma sã e apropriada educação da mulher moderna, para que esta surja aos olhos dos pessimistas digna de ser respeitada e não ridicularizada. (COELHO, Mariana. *Corymbo*, fevereiro de 1932, p.01, 02)

Ao definir a boa educação para mulher, a autora faz uso da oposição entre o feminino através do adjetivo “feminil” e o masculino através de “masculinizada”, provavelmente como forma de hierarquizar valores relativos à educação em maus e bons. A educação masculinizada oferecida a mulheres de raças saxônicas, anglo saxônicas e eslavas, seria o elemento que as distinguiria das demais mulheres e as tornaria aptas a conquistar igualdade. Contudo, a igualdade entre os sexos é vista como um processo natural ligado ao progresso e ao moderno. O mesmo subterfúgio pode ser visto na fala de Revocata de Mello que diz “de dia a dia mais se manifesta quão natural é o desenvolvimento, a fecundidade de pensamento, em uma imaginação de mulher” (*Corymbo*, 1938). A naturalidade, antes utilizada para confinar a mulher ao lar e ao papel de mãe, agora é explorada para relacionar o desenvolvimento da capacidade intelectual feminina ao progresso da civilização moderna. Segundo Mariana Coelho,

Com esta base incontestável (educação), *sem grande esforço, ela atingira naturalmente, suavemente*<sup>71</sup> a igualdade ambicionada. É tal o progresso das conquistas femininas, que hoje até a imprensa de todo mundo acha retrogrado pensar que as aspirações feministas sejam um absurdo; a prova mais concludente da sua justiça é que o ideal toma corpo, se generaliza e se impõe perante o universo, pois que não há diques que possam impedir ou neutralizar estas impetuosas correntes progressivas – aurora de um risonho porvir que nos assegura uma nova era equitativa e igualitária. (*Corymbo*, fevereiro de 1932, p.01, 02)

Mais uma vez a igualdade é vista como resultado do progresso e deve ser atingida naturalmente, com suavidade. O progresso é também novamente citado comparado agora a força das águas que não pode ser contida por um dique, insinuando que não existiriam barreiras capazes de tornar impossível aquilo que

---

<sup>71</sup> Grifo nosso.

deve ocorrer pela ordem natural das coisas. Ainda mais contundente a esse respeito é a colocação que segue, extraída do mesmo texto.

Conclui-se, em face da celeridade com que se desenvolvem os fatos feministas – incontestáveis e positivos - que de toda parte surgem, que o movimento feminista – como que impelido fortemente por uma mola propulsora e infalível irrompeu de todos os pontos do globo, demonstrando triunfalmente, principalmente desde que a guerra convulsionou e submergiu num mar de sangue a humanidade, que o feminismo – a mais surpreendente e ruidosa transformação social do nosso século, a qual assistimos maravilhados, não pode deixar de ser encarado e recebido como progresso. E o progresso é fatal. (COELHO, Mariana. Corymbo, fevereiro de 1932, p.01, 02)

A autora deixa ainda mais clara a relação que faz entre progresso, feminismo e destino ao sentenciar a fatalidade da situação. Ela segue o texto através da narrativa de outros momentos de conflito na história que geraram como resultado, ou conseqüência, segundo a visão exposta por Mariana Coelho, a libertação de povos, como os indígenas, e a melhoria nas condições vividas pelo proletariado. Logo em seguida ela enaltece o esforço empreendido pelas mulheres que substituíram com louvor os homens engajados na luta armada. Para a autora, a Primeira Guerra Mundial veio “sancionar o direito ao trabalho, modificar velhas rotinas e preconceitos da sociedade antiga” (COELHO, 1932), fundando enfim, uma sociedade esperançosa e nova sobre as ruínas da antiga. A autora parece tentar reservar um lugar natural ao feminismo na corrente da história como resultado do progresso e elemento ligado ao novo. O direito ao trabalho mais uma vez aparece como elemento de civilidade e modernidade, como direito que deve ser respeitado e cumprido com louvor e dignidade. O feminismo encontra assim seu lugar, na narrativa da autora, na esteira do positivismo ao ser posicionado como o resultado natural da evolução da sociedade e, portanto, incontestável.

Retomaremos alguns dos aspectos levantados como símbolos do moderno, como educação e trabalho, mas agora utilizados como forma de distinção na trajetória de vida de mulheres biografadas por Revocata de Mello em ocasião de suas mortes. O entrelaçamento de padrões de modernidade e de valores tradicionais nas biografias dessas mulheres nos fornecerá os dados necessários para compreensão do pensamento de Revocata de Mello acerca da representação da mulher na primeira metade do século XX, possibilitando que nos encaminhemos enfim para as considerações finais da pesquisa proposta.

### 3.2.4 Entre o real e a mulher ideal: biografias/obituários

A imprensa periódica foi ganhando destaque e importância na vida dos sujeitos conforme foi se tornando mais comum, no entanto, o tornar-se comum não fez com que a mística que envolvia o meio impreso fosse abalada. Revocata de Mello afirma que a imprensa é o advogado do povo, devendo agir sempre em prol da verdade (Corymbo, 1936). A idéia de verdade defendida por ela imputa credibilidade aquilo que é impresso e legitimação aqueles que recebem homenagens por parte desse veículo tão importante. Podemos ponderar que a aparição nas páginas de um jornal seria motivo de orgulho e distinção social. No *Corymbo*, a forma mais comum de homenagem e reconhecimento era feita através de biografias, em sua grande maioria, redigidas pela proprietária do periódico. No entanto, poucas vezes essa honra era concedida as pessoas ainda em vida.

Entre os textos selecionados para análise na temática *mulheres*, estão 26 biografias e obituários. Como mencionado, muitos desses textos foram escritos por Revocata, e através de um olhar mais atento lançado sobre eles podemos perceber que apesar de descreverem mulheres distintas entre si, acabam incidindo na mesma forma discursiva, atribuindo as mesmas características através de adjetivos e mesmo na descrição dos trabalhos realizados por mulheres muito diferentes.

A temporalidade apresentada nos jornais e periódicos é linear e encontra-se presa a uma conjuntura específica, fatos que certamente influenciam na forma como as mulheres e suas famílias são apresentadas e representadas. A demonstração de distinção e a exposição pública do âmbito privado da vida dessas mulheres era realizada somente para aquelas pertencentes a uma determinada classe social, estendendo assim, a distinção a suas famílias. O fato da maioria das homenageadas o serem depois de mortas não implica em seu não reconhecimento durante a vida. Muitas das personagens que iremos apresentar apareceram inúmeras vezes nas páginas do *Corymbo*, seja através de notas sobre suas realizações, viagens e vida social presentes na *Resenha de Notas*, ou através de artigos, poemas e obras literárias publicadas. A escolha específica pelos obituários se justifica pela abordagem mais aprofundada feita a respeito da vida dessas mulheres quando de sua morte o que nos oferece maiores possibilidades de interpretação e análise.



Entre biografias e obituários destaca-se o fato da grande maioria deles descreverem mulheres intelectuais. No entanto, iniciaremos nossa exposição pelos textos que prestam reverências a mulheres da alta sociedade de Rio Grande, e como as representam segundo modelos tradicionais do ideal de mulher, como o obituário da professora Iveta Araujo, publicado em 1932.

A morte, o desaparecimento inesperado de Iveta de Araujo, do meio social rio-grandense, teve proporções de golpe que afeta, não, uma ou outra alma, mas muitos e muitos corações; projeta-se largamente no espírito popular; porque, Ela, de há muito, dera-se de corpo e alma, a afanosa, a nobre, a inconfundível labuta do ensino primário.

Dedicação rara a sublime causa que abraçara num devotamento notório, a ilustrada preceptora tudo sacrificou em proveito do pão espiritual a seus alunos.

Digamos com a verdade por base e a justiça por norma, que a querida Mestra sucumbiu em seu posto de honra.

Quase em vésperas de partida para região do além Iveta ainda desprenhia dentre a infância e a adolescência que a ouviam na atração de sua palavra autorizada e bela, todas as cintilas de robusto engenho intelectual.

Consagrou o melhor de sua preciosa existência – a mocidade, a tarefa árdua do tirocínio escolar; foi das mais corretas, das mais distintas, das mais identificas ao sacerdócio tomado aos ombros com abnegação rara, a pranteada educadora. [...]

Iveta foi também um digno ornamento no convívio social, onde granjeou notado número de amigas. Alma de desdobramentos puros, peito onde como em sacrário augusto, se confundiam sentimentos que eram perolas de alta valia. [...]

Quem a conheceu de perto, dirá sem medo de errar: “era capaz de grandes afetos, porque era capaz de grandes sacrifícios

Adorava aqueles que, pelos laços de família, constituíam elos da cadeia de seu lar. [...] (MELLO, Revocata de. Corymbo, abril de 1932, p. 02)

Após o lamento inicial pela morte de Iveta nos é apresentada sua profissão: professora primária. Revocata passa a descrever os atributos da falecida através da dedicação a seu trabalho, definindo-a em função do exercício do magistério. Logo o elemento sacrifício aparece relacionado a seu ofício de duas formas: através da labuta diária e anteriormente da renúncia de sua “mocidade”. A palavra devotamento também aparece relacionada à renúncia, dando um tom de santidade aquela que tudo dedicou em favor “do pão espiritual” de seus alunos através do “sacerdócio” do magistério com “dignidade” e “abnegação”. A consagração do magistério como sacerdócio está relacionado à sua associação as ordens religiosas e ao papel que deveria ser cumprido pelas professoras, principalmente as que se dedicavam as séries iniciais. A escola vista como extensão da casa, conseqüentemente estendia também à professora o papel de mãe, uma das grandes razões da feminização do magistério. Se levamos em consideração ainda o modelo educacional vigente no

Brasil no início do século XX, que incumbia à escola a formação não só intelectual, mas também moral de suas crianças através da assimilação de modelos ideais (como os grandes vultos históricos e personagens marcantes), nada mais sensato do que exigir que também as professoras fossem modelos de virtude, moralidade e inteligência (SCHAFFRATH, 2007), estereótipo afirmado por Revocata de Mello como características da personalidade de Iveta de Araujo. É impossível para nós sabermos se de fato aquela mulher assimilou esse personagem durante sua vida, mas o testemunho obtido através de *Corymbo* nos mostra um indivíduo enquadrado nas exigências que seu papel social a impunha. Sobre a vida de Iveta de Araujo fora da sala de aula, nos é informado que ela era um “digno ornamento no convívio social”. Outra professora também teve sua morte lamentada, Josephina Costa, a seguir trecho de seu obituário.

Depois de grandes sofrimentos deixou de existir, embora cercada da extremosa Família e sob o empenhado esforço de hábeis médicos. Sua energia, sua mocidade, seu anseio em continuar nas lides do magistério, foram em vão, doença fatal zombou de todos os predicados, sonhos e esperanças a povoarem a existência da gentil trespassada. Inteligente, estudiosa, simpática, meiga, a bela desventurada Josephina não pode vencer o rigor da morte. (*Corymbo*, fevereiro de 1943, p. 01,02)

Da mesma forma que Iveta Araujo, a profissão de Josephina Costa nos é apresentada nas primeiras linhas da homenagem prestada. Pela descrição, supomos que esta veio a falecer ainda jovem, talvez por isso a pouca extensão de seu obituário. No entanto, não lhe foram poupados elogios. Associados a sua inteligência estão qualidades como simpática, meiga e bela, utilizados como demonstrativos da distinção da jovem em seu meio social, o que torna ainda mais trágica sua partida.

Outra representação de mulher descrita por Revocata de Mello através de obituário é a de mãe modelar, apresentada através da figura de Josephine Vidal Fuão.

Mais uma existência paralisada pela gelidez que leva ao túmulo. Ferida acrememente a sociedade rio-grandense , - quase que inesperadamente, - tem a lamentar o passamento de um de seus membros cercados de toda estima e consideração, na pessoa da Exma. e respeitável D. Josephina Vidal Fuão, criatura boníssima, delicada, atenciosa, fazendo da alma um cofre de jóias nada vulgares, de jóias onde estavam refletidas tantas e tantas virtudes, que a tornavam alvo de todo esse acolhimento de viva estima de que era cercada.

Nossa muito apreciada amiga, foi esposa modelar, sendo mãe e irmã de extremos, de afetos, como só os grandes corações podem conter. [...]

A digníssima trespassada deixa duas caras filhas, as Exmas. Esposa do conceituado notário Snr. Carlos Miranda, e, a amável Snha. Alda, bem como os acatados filhos, Snrs. Alberto, Alvaro e Jayme Fuão. (Corymbo, julho de 1932, p. 03).

Dessa vez a personagem em questão nos é apresentada primeiramente como membro distinto da sociedade rio-grandense, para depois serem elencados seus adjetivos “criatura boníssima”, delicada, atenciosa, repleta de virtudes, características mais facilmente relacionadas à boa mãe de família e esposa exemplar do que ao sacerdócio do magistério. Josephina é de fato definida como mãe extremosa e esposa modelar, mas nenhuma profissão ou adjetivo referente a intelectualidade lhe é atribuído. Talvez mais interessante do que a referencia a falecida seja a menção feita as suas filhas. A primeira é citada como “Esposa do conceituado notário Snr. Carlos Miranda”, sem que seu nome seja revelado, como se o fato de estar relacionada a seu marido já fosse o suficiente para lhe definir, assim como sua posição. A segunda filha é brevemente apresentada. Já a seus filhos homens é associado o adjetivo acatados. Ao marido de Josephina não é feita menção no texto, mas sim a seu irmão descrito como “funcionário da alfândega e conhecido homem de letras” (Corymbo, 1932). O mais provável quanto a ausência de menção ao marido é que este já fosse falecido. Outra representação do ideal materno foi feito através da notícia da morte de Julia Figueirôa Nepomuceno da Silva, prima de Revocata de Mello.

É com muito pesar que trazemos para nossas colunas, o passamento em Porto Alegre, onde residia, a Exma. Snra., nossa prezada Prima, cujo nome enlaça essa sentida nova. Julia foi uma distinta lutadora na vida, atendendo que enviuvou cedo, e com toda coragem, toda energia, educou e manteve cinco Filhos, vencendo sobranceiras as agruras que aparecem sempre no trilhar da existência. Foi Mãe extremosíssima. Espírito todo voltado ao bem, era prestativa, amiga sincera, pronta a auxiliar em dadas emergências de padecimentos alheios. Virtuosa e boa contava vasto número de relações, que a acompanharam até seus derradeiros dias. [...] A extinta era Filha do Dr. Manuel dos Passos Figueirôa e irmã do Coronel Manuel dos Passos Figuerôa. Ambos já falecidos, ambos homens de letras, espíritos cultos que muito brilharam na sociedade em que laboraram. (Corymbo, novembro de 1940, p. 04)

O ideal de maternidade representado por Julia começa a ser desenhado a partir da menção da morte de seu marido e da postura corajosa assumida por ela ao criar sozinha seus cinco filhos. Mãe extremosa, mesmo adjetivo utilizado na caracterização de Josephina Vidão; prestativa, sincera, boa e virtuosa, adjetivos que nos levam a considera - lá como uma mulher dedicada mais aos outros do que a si

própria, como diz Revocata de Mello ao afirmar que estava sempre disposta “a auxiliar em dadas emergências de padecimentos alheios” (Corymbo, 1940). Assim como no obituário de Josephina, neste nos são apresentados os membros de sua família que obtiveram alguma relevância no campo intelectual, seu pai e seu irmão. Ao escrever sobre Carmen de S. Pereira, Revocata de Mello utiliza a mesma estratégia de legitimação do morto através de parentes próximos ao apresentar a jovem como irmã de Maura de Senna Pereira Lamote, escritora e poetisa. Sobre Carmen, que faleceu aos dezenove anos, Revocata diz em um trecho de seu obituário,

Carmen de Senna Pereira, tal é o nome da pranteada extinta, era uma encantadora, uma formosa e delicadíssima flor, no meio social de Florianópolis.  
Era um gênio bom, um astro de indeléveis irradiações, no seio de arminho do lar querido, que hoje a chora sem consolo. [...]  
Inteligente, culta, diplomada pela Escola Normal e sendo ainda muito prendada em trabalhos manuais. (Corymbo, maio de 1933)

O nome da jovem encabeça a notícia sobre sua morte, no entanto, ele só é novamente mencionado no terceiro parágrafo do texto, os dois primeiros são dedicados a apresentação de sua irmã. No caso de Carmen, que não chegou a contrair casamento ou exercer profissão os elogios recaem sobre o fato de ter se formado na Escola Normal e em suas habilidades manuais que parecem completar a afirmação de sua inteligência. Outros adjetivos tipicamente utilizados na descrição de modelos ideais de mulheres descrevem a jovem como encantadora e formosa.

Os obituários dessas mulheres mais do que descreverem individualidades representam tipos ideais do feminino restritos a campos de atuação previamente delimitados: a professora, a mãe e a jovem educada. Tipos esses que já nos haviam sido apresentados através dos artigos publicados no *Corymbo* sobre educação, trabalho e modernidade.

Já as biografias/obituários de mulheres que poderíamos chamar de intelectuais por conta das atividades que exerceram em vida, tendo sido em sua maioria escritoras, apresentam outras particularidades, apesar de também conter inúmeras semelhanças e aproximações dos papéis já delimitados outra categoria parece ser evocada: a do artista romântico.

Podemos definir, sem a intenção de esgotar o conceito, o Romantismo como tendo sido um movimento artístico, político e filosófico que emergiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa e permaneceu em voga durante grande parte do século XIX. O Romantismo acabou por se transformar em uma atitude perante a vida definida por uma visão de mundo centrada no indivíduo, em seus dramas domésticos e espirituais<sup>72</sup>. Para Arnold Hauser (2003), sempre que um romântico descrevia suas concepções sobre a arte e o mundo, “a palavra e a idéia de desamparo insinuava-se” (HAUSER, 2003, p. 673). Ainda segundo Hauser (2003),

Uma nostalgia do lar e uma nostalgia do que está muito remoto – são esses os sentimentos que dilaceram os românticos; deixam escapar o que tem à mão, sofrem com seu isolamento dos homens, mas ao mesmo tempo, evitam os outros homens e buscam fervorosamente o remoto, o exótico e o desconhecido. (HAUSER, 2003, p. 674)

Hauser (2003) aponta para a tristeza e a melancolia como características intimamente relacionadas ao Romantismo; além da crença na genialidade inata, fato que, para os românticos lhes concederia uma espécie de licença para o exercício de atividades artísticas. Todas essas características parecem terem sido consideradas por Revocata de Mello ao escrever as biografias/obituários que publicou no *Corymbo* entre 1930 e 1944.

Segundo Mauro Póvoas (2005), o *Corymbo*, devido a seu longo período de circulação vivenciou momentos estéticos distintos, tendo no início de suas atividades em 1883 começado sob a égide do romantismo, porém, quando esse “dava seus últimos passos em território sulino” (p.120). Ao mesmo tempo surgia como corrente estética predominante o Realismo. O *Corymbo* presenciou ainda a consolidação do regionalismo, e de uma poesia fortemente marcada pelo Parnasianismo e, posteriormente, pelo Simbolismo (PÓVOAS, 2005, p. 120). Ainda em circulação, o periódico viu a literatura brasileira ser “afetada pelas inovações do Modernismo, embora a produção publicada na revista não acusasse, em suas páginas, o sopro renovador” (PÓVOAS, 2005, p. 120). Tendo vivenciado momentos tão distintos, é difícil que a escrita de Revocata de Mello não tenha sofrido qualquer influência, no entanto, nossa percepção a respeito de sua aproximação com o romantismo não se pretende uma análise literária de sua escrita, mas uma interpretação das imagens

---

<sup>72</sup> HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 557, 663.

construídas por ela sobre mulheres intelectuais. Isso posto, apresentamos o fragmento da notícia da morte da escritora Andradina de Oliveira, publicado no *Corymbo* em novembro de 1935.

Há bastantes meses que a notícia do passamento da conhecida escritora rio-grandense Andradina de Oliveira, corria pela imprensa do país. Era porém a mesma tão cercada de contradições que nunca quisemos dar-lhe curso [...].

Agora que temos sobre nossa mesa de trabalho, a expressão da triste verdade, firmada por sua digna filha, a escritora e poetisa Lola de Oliveira, a trazemos a nossos leitores.

Andradina residia já há alguns anos em São Paulo, onde faleceu, entregue de tempos a esta parte, a sofrimentos físicos, tendo se lhe alterado as faculdades mentais, sob dolorosas impressões [...]

Espírito culto, formoso talento, e coração ajustado ao sentir, que é como que a flor que vive na estufa, mas guarda um encanto particular em seu perfume incomparável.

Lutou muito, tendo tido sombras na vida, em que conheceu o travo da dor.

Todo espírito fora da craveira do banal, é sofredor, porque encara as coisas do mundo, com a visão da alma, e não com os olhos do positivismo rude. (MELLO, Revocata de. *Corymbo*, novembro de 1935, p. 01)

O último parágrafo do texto transcrito apresenta a escritora como um espírito incomum, já que sofredora e dotada de uma visão da alma, capaz de observar o mundo sob outras perspectivas que não aquela do “positivismo rude”. A dor e a loucura ainda fizeram parte da vida da intelectual descrita, que é comparada a uma flor de estufa, isolada do mundo, diferentemente daquela flor que nasce em seu ambiente natural, mas contando com um “formoso talento” e “coração ajustado ao sentir”. Dois elementos trabalhados como características particulares de Andradina de Oliveira em seu obituário aparecem de forma muito semelhante na descrição feita por Revocata de Mello sobre Delminda Silveira em uma carta enviada por ela para Maura Senna e publicada no *Corymbo*. A carta parece ser uma resposta a correspondência anteriormente enviada por Maura Senna para Revocata informando essa sobre a morte da escritora Delminda Silveira e já citada anteriormente. Em certo trecho lê-se o seguinte:

Apesar de um tanto de desalento físico e moral, vazar da última missiva de Delminda a mim dirigida a 18 de fevereiro último, estava eu longe de crê-la tão perto da morte.

Pobrezinha foi uma grande sofredora.

Não sei por que reservadas tantas asperezas a espíritos onde facilmente transparece o imáculo de suas intenções, o perfume santo que se evola das almas de eleição, almas que passam a vida em luta heróica [...].

Delminda Silveira foi uma de tantas sacerdotisas do Ideal, com os pés sempre a sangrarem nos sarçais do infortúnio. [...]

Ela principalmente, parecia vivamente identificada a mim, cartas extensas, de onde, sem rebuços transbordavam confidencias, como só se fazem a

alguém que nos merece estima de alto alcance e muita confiança. Achava-se bem com minhas divagações sobre o pouco que a mulher de espírito e de apurado sentir, é compreendida pelos homens que vivem mais para o lado positivo da vida. [...]

Delminda revelava-se triste, descrente [...]

Imensamente carinhosa, compreendia-se que era uma flor estiolada, cheia de ternura, em terreno árido. (MELLO, Revocata de. Corymbo, maio de 1932)

Delminda, assim como Andradina foi uma grande sofredora. Também ela passou a vida em “luta heróica”, apesar de que, em nenhum dos dois textos nos são dados os motivos dessas lutas, talvez Revocata refira-se ao fato de terem sido mulheres que se dedicaram a literatura. Delminda também é comparada a uma flor, dessa vez vivendo em terreno árido. Da mesma forma aparece novamente a idéia de homens ligados ao pensar positivo, enquanto que a mulher é um “espírito de apurado sentir”. Podemos supor que ao relacionar o pensamento masculino ao positivismo, Revocata esteja evocando o caráter racional e analítico em contraposição ao exacerbado sentir feminino. O texto transcrito também traz de volta a idéia do sacerdócio, antes relacionado ao magistério, agora a ofícios ligados as letras. Ao contrário do que vimos nos obituários de mulheres que não faziam parte do campo intelectual, que concentravam-se em descrever suas qualidades relacionadas a família e ao convívio social, aqui a ênfase parece estar nos sofrimentos vividos e na bondade da alma dessas musas predestinadas ao verso. No obituário da poetisa Colleta da Silva Miller, a descrição que encontramos é a seguinte,

Penosíssima a notícia do falecimento da afetuosa e fulgurante poetisa Colleta Miller, bela colaboradora deste quinzenário, quando residente desta cidade.

A malograda adoradora do verso possuía em realidade, um fino e predestinado espírito.

Suas inspirações possuíam todas o encanto do verso espontâneo, rebrilhante, artístico. Poesia cheia de sentimento, de alma vibrátil.

Pobre Colleta, tão meiga, tão gentil em seu trato, tão vivamente sensível.

Fatalidade morrer tão cedo. (Corymbo, agosto de 1938, p. 03)

A idéia da predestinação aparece, sendo completada pela espontaneidade do verso de que era dotada a poetisa meiga e cheia de sentimento. A descrição de Colleta parece apresentar uma grande parte dos predicados ideais de um artista romântico. Sobre sua família, nada mais do que abraços oferecidos a mãe e ao esposo da falecida, nos é informado.

Predestinação, gentileza, timidez no divulgar seu trabalho e sofrimento foram as características mais comumente atribuídas por Revocata de Mello a suas biografadas. Da mesma maneira, foram usados também para descrição da própria Revocata de Mello em homenagens recebidas por ela em forma de texto. Ao que tudo indica a representação ideal de mulher intelectual continuava relacionada a características tipicamente femininas e aceitas como o bom trato social e a gentileza e esse modelo era somado ainda o construto romântico que envolvia tristeza, melancolia e predestinação como resultado da sensibilidade que tornava a mulher capaz de escrever.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na reta do mesmo caminho

O “Corymbo” tem perseverado, e, com isso, merecido um acolhimento de justiça, dos que sabem e podem avaliar de suas lutas no terreno público. Volve nesta data, - 21 de Outubro, uma outra folha em seu Diário de existência já timbrado pela honrosa mão do tempo em Decênios vencidos. Não lhe tem sido possível atingir escala ideal; mas, tem sabido dar um exemplo de firmeza, de coragem, de abnegação as lides de imprensa, no sonho ardente de concorrer com seu pequeno contingente para as letras do querido torrão gaúcho.

O padrão de seu hercúleo esforço, está no desaparecimento de muitos de seus colegas, sendo que não poucos no brilho de um aspecto prometedo dando a idéia de fortes alicerces.

Tem o “Corymbo” a indiscutível demonstração, de que o pulso da Mulher também pode firmar, dirigir, encaminhar, mesmo em face de tropeços, de entraves...

Não pode porém o “Corymbo” deixar de lamentar profundamente, neste dia, a falta de seu adorado astro, de sua prolecta redatora *Julieta de Mello Monteiro*, d'aquela que a fatalidade da morte, bruscamente arrebatou para sempre.

Ele bem sabe o quanto perdeu d'aquela lira consagrada por inúmeros espíritos de ouro de lei; d'aquela pena cingida pelo aplauso de outras penas que vivem e viverão na glorificação das letras.

É este um traço de pesado luto, que perdurará nesta redação, até o dia em que o “Corymbo” desapareça com sua atual diretora.

Se flores tem colhido em seu caminho, as divide com os colaboradores, aqueles que o tem auxiliado na jornada.

Enlaça em amplexo de apreço e afeto, Amigos, em cujo número estão distintos Maçons, Confrades e Favorecedores. (Revocata de Mello, Corymbo, outubro de 1932, p. 01

O período que engloba os anos de 1889 a 1930 conforma a Primeira República no Brasil. Fortemente marcada pelo projeto político e moral positivista, a Primeira República delimitou e atuou na subjetivação da representação de ideais femininos muito específicos. A mulher deveria atuar como anjo tutelar e rainha do lar, sendo, portanto, responsável pela moralidade e pela família; pilares fundamentais de uma sociedade que desejasse para si o progresso. Um dos meios de maior potencia na divulgação desse ideal foi a imprensa.

A imprensa brasileira surgiu tendo como uma de suas mais marcantes características, a força de sua opinião. Nas primeiras décadas de sua existência, as preocupações relativas a idéia de neutralidade do discurso sobre os acontecimentos eram ignoradas, fato muito coerente se pensarmos que os jornais eram abertamente lançados para que fosse possível a defesa de interesses específicos de grupos

políticos e ideológicos. Portanto, os periódicos constituíram-se, como instrumentos pedagógicos divulgadores de civilidade e moralidade, e conseqüentemente, como formadores de opinião pública. Outra característica que parece ter sido comum aos empreendimentos jornalísticos, ao menos aqueles que surgiram no século XIX, foi seu caráter artesanal e familiar.

O *Corymbo* surgiu imerso nesse cenário. No entanto, em 1883, data de seu lançamento público, não se declarava defensor ou propagandista de um partido político, mas sim, um periódico literário dedicado a contos, poesias e por vezes, crônicas. Ao iniciarmos esse trabalho apontamos dois elementos que distinguem o *Corymbo* dos inúmeros outros periódicos surgidos no Brasil do século XIX. Foram eles a sua longa duração, sendo que só encerrou suas atividades em janeiro de 1944, e o fato de que manteve durante todo tempo como proprietária e redatora chefe, uma mulher, fosse ela Revocata de Mello ou Julieta Monteiro. No entanto, outros elementos de natureza por vezes diversa, por vezes convergentes, fazem do *Corymbo* um objeto singular para pesquisa histórica e para a reconstrução da memória da imprensa feminina no Rio Grande do Sul.

Acreditamos que, apesar das inúmeras transformações sofridas pelo periódico ao longo de seus vários decênios de existência, poderíamos pensar em duas fases distintas: aquela que vai de 1883 a 1928 tendo Julieta Monteiro como colaboradora assídua e depois como redatora, e o período final, que vai de 1928, ano da morte de Julieta até janeiro de 1944, quando o *Corymbo* encerra suas atividades por conta da morte de Revocata de Mello em fevereiro daquele ano. Durante esses anos, o *Corymbo* passou por mudanças de gráfica, de diagramação, dimensão, de descrição formal, vivenciando da Monarquia a Proclamação da República. Porém, uma constante foi mantida: Revocata de Mello esteve à frente do periódico durante toda sua existência.

Revocata de Mello parece ter sido a responsável direta pela sobrevivência do periódico, o manteve firme apesar das dificuldades financeiras, da perda da irmã, e de suas atividades paralelas como professora e escritora. O *Corymbo* jamais se modernizou no sentido de ter se tornado uma empresa, seu escritório, ao que tudo indica, funcionava na residência de Revocata, a responsável pela redação da maioria dos textos publicados em cada um dos exemplares e os seus colaboradores, eram ou tornaram-se seus amigos.

Ao mesmo tempo, a relação do periódico com certo círculo social riograndino foi constantemente reforçada através da publicação de notas referentes a eventos realizados por instituições da cidade. Foram destacadas iniciativas da prefeitura municipal, da Biblioteca Rio-Grandense, de clubes sociais e carnavalescos, de entidades filantrópicas, principalmente do Clube Beneficente de Senhoras. Além disso, a sociedade riograndina se via retratada nas páginas do *Corymbo* através de constantes informações publicadas sobre aqueles que chegavam ou saíam da cidade, sobre parentes, casamentos, nascimentos e óbitos, sendo que muitas dessas pessoas faziam visitas a Revocata e reportavam diretamente a ela suas intenções, assim como suas idas e vindas.

Por outro lado, apesar da defesa e divulgação de uma representação feminina ligada intimamente com a idéia de família e da importância de ser mãe e educadora de seus filhos, Revocata de Mello jamais se casou. Não tendo vivido, portanto, os papéis de esposa e mãe que tanto prezava. Ao menos não concretamente, pois, seu imaginário parece ter de alguma maneira os incorporado de forma definida e definidora. Seu prestígio social adveio de seu desempenho como literata, jornalista e intelectual; no entanto, em sua escrita, enaltecia os papéis normativos femininos alicerçados pelo positivismo. Tendo em vista as considerações feitas repetimos algumas constatações e uma das perguntas feitas por Maria Joana Pedro<sup>73</sup>. A autora se questiona a respeito de Delminda Silveira, uma das colaboradoras do *Corymbo*, correspondente de Revocata e personagem de nossa narrativa, por conta da ênfase dada por ela a imagens tradicionais de mãe e esposa em suas obras enquanto esta permaneceu solteira durante toda sua vida. Maria Joana Pedro então se interroga: “seriam contradições entre imagens idealizadas e papéis sociais efetivamente vividos?” (PEDRO, 1993, p.111) Parece que tanto Delminda como Revocata compartilharam uma mesma forma de subjetivação e de expressão das contradições vividas entre as possibilidades apresentadas pela modernidade e os limites impostos às mulheres.

Uma possível resposta a interrogação feita pode ser encontrada também no fato do *Corymbo* ter se tornado expressão íntima de Revocata de Mello. Nele foi publicada grande parte de sua obra literária e poética, através dele ela estabeleceu

---

<sup>73</sup> PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994

relações duradouras e ganhou reconhecimento e admiração de seus pares. Admiração que foi expressa inúmeras vezes durante sua vida e mesmo depois de sua morte. Essas homenagens, não raras vezes, a caracterizaram como uma mulher dedicada ao belo e de alma sensível, por isso afeita à solidão. É interessante notar as semelhanças entre as descrições de Revocata de Mello e de sua tia Amalia Figueirôa, que também foi escritora e poetisa e, como a sobrinha e Delminda Silveira, permaneceu solteira durante toda sua vida. O estigma familiar de propensão às letras serve além de justificativa para a precoce iniciação de Revocata no ofício da escrita, como uma espécie de marca que a impelia para solidão e a melancolia. Características ainda mais ressaltadas pela morte de Julieta Monteiro. A partir daí Revocata parece ter de fato procurado refúgio em sua escrita, de tom extremamente memorialista e de exaltação do passado.

Conforme descrevemos no Capítulo 3, a escrita memorialista de Revocata de Mello também se materializou através da elaboração de biografias e obituários publicados em seu periódico. O interessante nesses textos é a forma como Revocata descreveu suas amigas, conhecidas e colaboradoras, sempre deixando latente uma tensão entre aquilo que essas mulheres deveriam ter sido, aquilo que foram e as expectativas que a própria autora nutriu a esse respeito. Os obituários analisados no Capítulo 3 são testemunhos dessa relação ambígua, onde o “dever ser”, aparece construído através de representações de modelos ideais expostos em artigos, biografias/obituários de mulheres ou sobre mulheres. Esses textos parecem não condizer com a realidade concreta, ou sequer de fato se preocupar com ela, pois falam sempre, em situações diferentes, da mesma personagem: a mulher positivista. O ideal de mãe, rainha do lar, responsável pela moral e pela civilidade ganha desdobramentos, porém, está sempre presente, permeado por vezes, de tensões externas advindas do processo de mudanças no contexto histórico. Por conseguinte, nos parece, que Revocata de Mello jamais rompeu através de sua escrita com esse modelo. Poderíamos dizer que há uma sobreposição de racionalidades, uma permanência do ideal positivista, perpassado pelo romântico materializado em forma de discurso em uma “ilusão biográfica<sup>74</sup>”, criada tanto nas representações de si como nas de outras mulheres.

---

<sup>74</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN\_\_ FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). Usos e abusos da história Oral. Rio de Janeiro: editora FGV, 1996. P. 183-191.

Podemos ainda apontar deslocamentos e adaptações sofridas pela *Corymbo* e por Revocata de Mello advindas, mais uma vez do contexto circundante. As representações idealizadas davam ênfase aos papéis de esposa e mãe, e assim ao conseqüente retraimento ao âmbito doméstico; valorizado como forma de distinção familiar. O século XX, contudo, trouxe novas possibilidades, principalmente para as mulheres da elite que passaram a exercer uma "missão irradiadora"<sup>75</sup>, além de educadora dos filhos passaram a ser transmissoras de cultura na sociedade, figurando como "beneméritas" e protetoras dos pobres.

O *Corymbo* se tornou um espaço híbrido, nem revista literária, nem jornal opinativo; mas um mescla dos dois. Quanto às representações de ideais femininos também houve uma mescla entre o desejo do moderno e das vivências fora do lar, proporcionado pela entrada da mulher no mercado de trabalho e, da permanência do ideal positivista de moralidade e família. Podemos perceber ainda através das análises empreendidas que temas relativos à educação feminina atravessam os mais variados assuntos tratados no *Corymbo*. A educação aparece como elemento redentor da condição de inferioridade da mulher, como possibilidade de ascensão econômica e como meio de independência intelectual, ao mesmo tempo em que a falta de, ou melhor, uma educação deficitária é culpabilizada pela baixa capacidade feminina em gerir seu próprio destino.

Podemos observar a existência de tensão entre elementos por vezes antagônicos em diversos textos e em todos os momentos entre 1930 e 1944. Mesmo textos que poderíamos considerar mais ingênuos, como aqueles da coluna *A moda*, que aparentemente seria a lacuna de futilidade em um veículo tão intelectualizado, mas que, se observada com mais atenção, é capaz de nos fornecer mais um testemunho de uma época de transições e sobreposições de mentalidades, e racionalidades sobre o que é ser mulher e de como essa deve se portar, inclusive no seu vestir.

Educação, trabalho e crença na importância da imprensa são ideais constantemente promovidos pelo *Corymbo*. E, apesar de nossas constatações quanto à hibridização da representação do ideal feminino apresentado pelo periódico, o *Corymbo* não deixou de lado a defesa pela igualdade feminina tendo atuado como importante meio de divulgação, não só da produção literária feminina,

---

<sup>75</sup> PEDRO, Joana Maria. Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

mas também, da produção crítica acerca das condições, limitações e das potencialidades da mulher. Da mesma forma não podemos negar a importância de Revocata de Mello e de sua persistente luta.

A princípio nossa hipótese de pesquisa era que encontraríamos diferenças marcantes entre as representações de mulher traçadas pelo positivismo e a representação de uma mulher que supúnhamos moderna. A conformação desse pensar ocorreu devido ao amplo conhecimento das mudanças políticas profundas ocorridas desde a ascensão de Getúlio Vargas ao poder até 1945. Nesse período foi notória a reconfiguração da identidade nacional promovida pelo governo através da eleição de alguns aspectos da vida pública brasileira. A modernização e a industrialização desejada como consequência do primeiro elemento exigiam um novo cidadão que foi intencionalmente pensado por políticos e intelectuais que atuaram ou não no governo Vargas.

Verificamos a permanência de diversas representações calcadas no positivismo convivendo com outros ideais tão modernos quantos, formando um híbrido entre aquilo que as mulheres deveriam ser, o que queriam ser e as possibilidades de que cada uma dispunha para manifestar sua subjetividade e desejos. De qualquer forma, o *Corymbo* atuou como uma vitrine de tensões, desejos e lutas. Nele estão inscritas as memórias de mulheres que através de suas vidas colaboraram para a conformação de uma história das feminilidades.

Estamos conscientes de que não esgotamos, sob nenhum aspecto, as possibilidades de análise e de diferentes abordagens que ainda podem ser realizadas tendo o *Corymbo* como objeto ou fonte de pesquisa. Finalizamos o presente trabalho com diversas inquietações que ainda merecem atenção. Esperamos assim, ter contribuído para o início de outras narrativas ao invés de encerrar possibilidades.

## Fontes e referências bibliográficas

ALVES, F. N. **A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

\_\_\_\_\_. A imprensa rio-grandina do século XIX no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial). IN\_\_ **Biblos** (Rio Grande), Rio Grande, v. 19, 2006.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

\_\_\_\_\_. Imprensa, história e política: uma proposta metodológica ao debate sobre o tema no contexto brasileiro do século XIX. IN\_\_ **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 245-257, 1999.

\_\_\_\_\_. A vila/cidade do Rio Grande no século XIX. IN\_\_ ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luis Henrique. (orgs.) **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-históriográfica**. Rio Grande: FURG, 1997, p. 40-41.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução a história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: Universidade de Rio Grande, 1995.

**Anais da Biblioteca Nacional**, Vol. 87, 1967. Divisão de Publicação e Divulgação. Rio de Janeiro, 1969.

BARREIRA, Irllys. A eficácia simbólica da memória e seus limites. IN\_\_ **Revista brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2007, vol. 22, no. 63, p. 93 - 105.

BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. IN\_\_ **Revista Teias**. Rio de Janeiro, ano , nº 13-14, jan/dez 2006.

BERGER, Paulo. **A tipografia no Rio de Janeiro – Impressores bibliográficos, 1808-1900**. Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius. (org.) **RS: Cultura & Ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN\_\_ FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 1996. P. 183-191.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **A imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". IN\_ LOURO, Lopes Guacira (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CALEIRO, Regina Célia Lima. **O positivismo e o papel das mulheres na ordem republicana**. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. IN\_ **Repensando o Estado Novo**. Dulce Pandolfi (org.). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

CARVALHO, Marcus J. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Bessone da C. (orgs). **Imprensa e História: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Diferença entre os sexos e dominação simbólica. (nota crítica). IN\_ **Cadernos Pagu**. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Entrevista. IN\_ **Extra-Classe**, Ano 12 - nº 113, maio de 2007.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. IN\_ **Estudos Avançados**. 1991, vol.5, n.11, p. 173-191.

COBRA, Rubem Queiroz. **Feminismo**. <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-feminismo.html> acessado em janeiro de 2010.

CPDOC (ed.). **Revolução de 30. Seminário Internacional**. Brasília: UnB, 1983.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. IN\_ **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.

FIORI, Gecira Di. O que muda e o que permanece no movimento feminista. IN\_ **Anais do segundo seminário nacional Movimentos sociais, Participação e Democracia**. Disponível em:



<[http://www.sociologia.ufsc.br/npms/gecira\\_di\\_fiori.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/gecira_di_fiori.pdf)>. Acesso em: 27 de agosto de 2009.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Corimbo & Educação. IN\_\_ FLORES, Hilda Agnes Hübner. (Org.). **Palavras 1997**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997, v. 1, p. 61-68.

\_\_\_\_\_. Corimbo (1883-1943) e feminismo no Brasil. IN\_\_ **Revista Faces de Eva**. Estudos sobre a Mulher, Lisboa, v. 4, p. 71-88, 2000.

\_\_\_\_\_. Corimbo e Educação. IN\_\_ **Continente Sul Sur**, Porto Alegre, v. 8, p. 245-258, 1998.

\_\_\_\_\_. Corimbo e Feminismo. IN\_\_ **Continente Sul Sur**, Porto Alegre, v. 7, p. 245-258, 1998.

\_\_\_\_\_. Corimbo. IN\_\_ **Letras de Hoje**, Porto Alegre, p. 183-188, 2001.

\_\_\_\_\_. Revocata de Melo. IN\_\_ FLORES, Hilda Agnes Hübner. (Org.). **Palavras 2003**. Porto Alegre: Ediplat, 2003, v. 1, p. 41-44.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

GOMES, Melissa Carvalho. Imagem e auto-imagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro. IN\_\_ **Signótica**, v. 15, n. 1, p. 63-75, jan./jun. 2003.

HARNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ISMÉRIO, Clarisse. **MULHER: a Moral e o Imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MACHADO, Lia Zanotta. **Campo Intelectual e Feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero**. Série Antropologia, 170, 1994.

MACHADO, Rita Maria Xavier. História(s) do feminismo ou feminismo na história? IN\_\_ **Revista Estudos Feministas**, v.11, nº1, 2003.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História do Rio Grande do Sul (1626-1930)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2002. v. 1. 100 p.

\_\_\_\_\_. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

MARTINS, Ana Paula Vosne. "Vamos criar seu filho": os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. IN\_ **História, ciência e saúde-Manguinhos** [online]. 2008, vol.15, n.1, p. 135-154.

MICHELON, Francisca Ferreira. **A cidade de papel: A modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913 – 1930)**, Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

MINASSI, Maria Cristina Pereira. Julieta de Mello Monteiro e sistema literário rio-grandino no século XIX. IN\_ **ENLACES**, Rio Grande, 3: 8-10, 2006.

MOREIRA, Luciano da Silva. **Imprensa e Política: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais, 1828-1842**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, Dissertação de Mestrado.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. **Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira – 1873 – 1932**. Dissertação de mestrado, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

NEVES, Decio Vignoli das. **Vultos do Rio Grande**. 2º tomo. Rio Grande: Artext, 1987.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia poder**. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005, 6ª Ed.

PACCOLA, Carina. **Jornalistas e opinião no surgimento da imprensa no Brasil e durante a ditadura militar**. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1254.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2009.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatayh. **História do Rio Grande do Sul**; 4ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PEZAT, Paulo Ricardo. **Carlos Torres Gonçalves e o sexo altruísta: a conversão feminina à Religião da Humanidade em Porto Alegre no início do século XX.** Anos 90 (UFRGS), v. 14, p. 99-138, 2007.

POLLACK, Michael. Memória e identidade Social. IN\_\_ **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** IN\_\_ **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX.** Tese de doutorado. Porto Alegre: Puc, 2005.

REZENDE, Jofre. **O machismo na história do ensino médico.** <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/machismo.htm> consultado em janeiro de 2010.

ROSA; TURETA; BENEDICTO. **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos nos Estudos Organizacionais: A Contribuição do Construcionismo Social.** IN\_ **Anais do I X S E M E A D. FEA – USP**, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classe mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Miryan Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social.** Annablume, 2003.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceitos. IN\_ **Anais ANPED**

SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In: **Fundamentos da cultura rio-grandense.** Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962 (5ª série).

SCHUMAER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital (orgs) **Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 2º Ed.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 13 de março de 2009.

SENNA, Adriana K. As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916). Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOSA, Derocina. **A história política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VIEIRA, Miriam Steffens. **Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo de caso do periódico Corimbo, 1885 – 1925**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

ZIMMERMAN, Tania; MEDEIROS, Márcia. Biografia e Gênero. IN **Revista de História Regional**, 9(1), Ponta Grossa: Verão 2004, p. 34.

### **Periódicos consultados**

Corymbo 1930 – 1945  
 Nº 341, janeiro de 1930  
 Nº 342, fevereiro de 1930  
 Nº 343, março de 1930  
 Nº 344, abril de 1930  
 Nº 345, maio de 1930  
 Nº 346, junho de 1930  
 Nº 347, julho de 1930  
 Nº 348, agosto de 1930  
 Nº 349, setembro de 1930  
 Nº 350, outubro de 1930  
 Nº 351, novembro de 1930  
 Nº 352, dezembro de 1930  
 Nº 353, janeiro de 1931  
 Nº 354, fevereiro de 1931  
 Nº 355, março de 1931  
 Nº 356, abril de 1931  
 Nº 357, maio de 1931  
 Nº 358, junho de 1931  
 Nº 359, julho de 1931  
 Nº 360, agosto de 1931  
 Nº 361, setembro de 1931  
 Nº 362, outubro de 1931  
 Nº 363, novembro de 1931  
 Nº 364, dezembro de 1931  
 Nº 365, janeiro de 1932  
 Nº 366, fevereiro de 1932  
 Nº 367, março de 1932  
 Nº 368, abril de 1932  
 Nº 369, maio de 1932  
 Nº 370, junho de 1932  
 Nº 371, julho de 1932  
 Nº 372, agosto de 1932  
 Nº 373, setembro de 1932  
 Nº 374, outubro de 1932  
 Nº 375, novembro de 1932  
 Nº 376, dezembro de 1932

- Nº 377, janeiro de 1933
- Nº 378, fevereiro de 1933
- Nº 379, março de 1933
- Nº 380, abril de 1933
- Nº 381, maio de 1933
- Nº 382, junho de 1933
- Nº 383, agosto de 1933
- Nº 384, setembro de 1933
- Nº 385, outubro de 1933
- Nº 386, novembro de 1933
- Nº 387, dezembro de 1933
- Nº 392, junho de 1934
- Nº 393, julho de 1934
- Nº 394, agosto de 1934
- Nº 395, setembro de 1934
- Nº 396, outubro de 1934
- Nº 397, novembro de 1934
- Nº 398, dezembro de 1934
- Nº 399, janeiro de 1935
- Nº 400, fevereiro de 1935
- Nº 401, março de 1935
- Nº 402, maio de 1935
- Nº 403, junho de 1935
- Nº 403, setembro de 1935 (ocorreu repetição na numeração do periódico.)
- Nº 404, outubro de 1935
- Nº 405, dezembro de 1935
- Nº 406, janeiro de 1936
- Nº 409, abril de 1936
- Nº 411, junho de 1936
- Nº 412, julho de 1936
- Nº 413, setembro de 1936
- Nº 414, outubro de 1936
- Nº 415, novembro de 1936
- Nº 416, dezembro de 1936
- Nº 419, fevereiro de 1937
- Nº 420, março de 1937
- Nº 421, abril de 1937
- Nº 423, maio de 1937
- Nº 424, agosto de 1937
- Nº 425, outubro de 1937
- Nº 426, novembro de 1937
- Nº 427, dezembro de 1937
- Nº 428, janeiro de 1938
- Nº 429, fevereiro de 1938
- Nº 430, março de 1938
- Nº 431, abril de 1938
- Nº 432, maio de 1938
- Nº 433, junho de 1938
- Nº 434, julho de 1938
- Nº 435, agosto de 1938

- Nº 436, setembro de 1938  
Nº 437, outubro de 1938  
Nº 438, novembro de 1938  
Nº 439, janeiro de 1939  
Nº 440, fevereiro de 1939  
Nº 441, março de 1939  
Nº 442, abril de 1939  
Nº 443, maio e junho de 1939  
Nº 444, agosto e setembro de 1939  
Nº 445, outubro de 1939  
Nº 446, novembro de 1939  
Nº 447, dezembro e janeiro de 1939 e 1940  
Nº 448, fevereiro de 1940  
Nº 449, março de 1940  
Nº 450, maio de 1940  
Nº 451, junho de 1940  
Nº 452, julho e agosto de 1940  
Nº 453, setembro e outubro de 1940  
Nº 454, novembro de 1940  
Nº 455, dezembro de 1940  
Nº 456, maio de 1941  
Nº 457, junho de 1941  
Nº 458, julho e agosto de 1941  
Nº 459, outubro e novembro de 1941  
Nº 460, janeiro de 1942  
Nº 461, fevereiro e março de 1942  
Nº 462, maio de 1942  
Nº 463, junho de 1942  
Nº 464, outubro de 1942  
Nº 465, novembro de 1942  
Nº 466, janeiro de 1943  
Nº 467, fevereiro de 1943  
Nº 468, março de 1943  
Nº 469, maio de 1943  
Nº 470, junho de 1943  
Nº 471, agosto e setembro de 1943  
Nº 472, outubro de 1943  
Nº 473, novembro de 1943  
Nº 476, janeiro de 1944

O tempo  
Diário de Pelotas  
Diário da Manhã

## Apêndices

### 1. Número de jornais encontradas e pesquisados

Na coleção de jornais históricos da Biblioteca Rio-Grandense, consultada nos meses de janeiro e fevereiro de 2009 e, posteriormente em janeiro de 2010, foram encontrados os seguintes exemplares:

**1930:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. Os meses apresentam numeração que vai de 341 a 352.

**1931:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. A numeração vai de 353 a 364.

**1932:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. A numeração vai de 365 a 376.

**1933:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. No mês de julho de 1933 o periódico não foi editado. A numeração correspondente vai de 377 a 387.

**1934:** junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. A numeração vai de 392 a 398.

**1935:** janeiro, fevereiro, março, maio, junho, setembro, outubro, novembro, dezembro. Nos meses de abril, julho e agosto o periódico deixou de ser publicado por motivo de doença de Revocata de Mello. A numeração desse ano vai de 399 a 405.

**1936:** janeiro, abril, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro. Os acervos consultados não possuem os exemplares dos meses de fevereiro, março, maio e julho. A numeração vai de 406 a 417.

**1937:** fevereiro, março, abril, maio, agosto, outubro, novembro, dezembro. O exemplar de janeiro não foi encontrado, já nos meses de junho, julho e setembro o periódico deixou de ser publicado. A numeração vai de 418 a 427.

**1938:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro. No mês de dezembro não houve edição. A numeração corresponde a 428 até 438.

**1939:** janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho, agosto e setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro de 1940. No mês de julho não houve edição. A numeração vai de 439 a 447.

**1940:** fevereiro, março, maio, junho, julho e agosto, setembro e outubro, novembro, dezembro. Em abril não houve edição. A numeração corresponde a 448 até 455.

**1941:** maio, junho, julho e agosto, outubro e novembro. Em todos os meses ausentes na contagem não houve publicação. A numeração vai de 456 a 459.

**1942:** janeiro, fevereiro e março, maio, junho, outubro, novembro. Os meses ausentes deixaram de ser publicados. A numeração vai de 460 a 465.

**1943:** janeiro, fevereiro, março, maio, junho, agosto e setembro, outubro, novembro. No mês de abril não houve publicação, o mês de dezembro não foi localizado. A numeração vai de 466 a 474.

**1944:** janeiro. Número 476.

Já em poder do colecionador em Pelotas foram encontrados os seguintes números do periódico:

**1939:** fevereiro (nº 440), maio e junho (nº 442), outubro (nº 445).

**1942:** fevereiro e março (nº 461)

**1943:** novembro (nº 474)

## **2. Exemplares encontrados, não encontrados e não editados**

Considerando o levantamento realizado constatamos que o número de meses em que o *Corymbo* deixou de se publicado é muito superior ao número de edições não localizadas. No quadro abaixo podemos visualizar os anos de publicação do periódico na primeira coluna, seguidos de informações sobre o número de exemplares relativos aquele ano encontrados na biblioteca da cidade de Rio Grande, o número de exemplares não publicados<sup>76</sup> e finalmente aqueles exemplares que não existem na coleção da referida biblioteca.

<sup>76</sup> Os dados referentes a exemplares não publicados do *Corymbo*, provém principalmente do próprio periódico já que muitas das vezes em que uma edição deixava de circular era publicada uma nota na edição seguinte pedindo desculpas aos assinantes, como a que circulou na edição de outubro e novembro (nº 459) de 1941. “A nossos benévolos e extremamente atenciosos assinantes – Ainda a enfermidade, há sido causa poderosa, de nossas faltas, quanto a publicação do CORYMBO, nestes últimos meses. Não fora a confiança que temos na bondade sempre manifestada de nossos



### 3. Tabelas

Tabela 1. Contagem de exemplares do *Corymbo* catalogados, não publicados e não localizados no acervo de jornais históricos da Biblioteca Rio-Grandense no período de janeiro de 2009 a janeiro de 2010.

ANO	Nº de exemplares catalogados	Nº de exemplares não publicados	Nº de exemplares não localizados
1930	12	00	00
1931	12	00	00
1932	12	00	00
1933	11	01	00
1934	11	01	00
1935	09	03	00
1936	08	00	04
1937	08	03	01
1938	11	01	00
1939	09	01	00
1940	08	01	00
1941	04	06	00
1942	06	05	00
1943	08	01	01
1944	01	00	00
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>23</b>	<b>06</b>

---

Favorecedores, que, as desculpas aqui deixadas, nos seriam duplamente penosas. (*Corymbo*, outubro e novembro de 1941)". Além desses recorrentes pedidos de desculpas publicados geralmente na coluna *Resenha de Notas*, é possível constatar a não publicação do periódico em mês pela sequência seguida na numeração.

Tabela 2. Mulheres que publicaram no *Corymbo* entre 1930 e 1944, tipo de publicação realizada, número de textos publicados e intervalo temporal em que ocorreram as publicações

<b>Escritora</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Número de publicações</b>	<b>Intervalo Temporal</b>
Adelaide Castro Alves	Poesia	4	1936 - 1939
Alice de Almeida	Artigo	1	1938
Ameida Cousin	Prosa Literária	1	1935
Amelia Rodrigues	Poesia	1	1942
Ana de Castro Osório	Artigo; crítica literária	13	1931 - 1935
Anna Amalia de Queiroz Carneiro Mendonça	Outro	1	1931
Anna Aurora do Amaral Lisboa	Poesia	3	1931 - 1939
Anna Cezar	Cronica histórica	1	1930
Antidia Coutinho	Prosa Literária	1	1932
Appolonia Jasiella	Artigo; Prosa Literária	13	1931 - 1944
Aracy Froes	Artigo	6	1934
Atala	Prosa Literária	1	1943
Beatriz Arnut - Lisboa	Prosa Literária	1	1932
Beatriz Machado	Poesia	1	1936
Belem de Sárraga	Artigo	1	1930
Blanche	Artigo	10	1930 - 1939
Brasilina Marti	Poesia	1	1930
Colleta Silva Miller	Poesia	5	1930 - 1939
Cora Coralina	Prosa Literária	1	1938
Cyanéa	Poesia	47	1932 - 1943
Delminda Silveira	Poesia; Prosa Literária	7	1931 - 1936
Dulce Nair	Prosa Literária	1	1940
Durfa	Prosa Literária	1	1935
Ermelinda dos Stuarts Gomes	Artigo	1	1934
Esther Lima	Poesia	1	1935
F. Clotilde	Prosa Literária	1	1930
Flavia Deborah	Prosa Literária	1	1934
Francisca M. Gonçalves	Poesia	3	1933
Glaci de Andrade Figueira	Poesia	1	1935
Gloria Déa	Prosa Literária; Conto	5	1942 - 1943
Hecilda Gussi	Poesia	2	1931 - 1932
Heloisa	Poesia, conto, prosa literária	7	1932 - 1941
Ignez Sabino	Artigo	2	1931 - 1941
Inez Zapata Nicolai	Artigo	1	1933
Isis Figueirôa	Poesia	2	1941
Iveta Ribeiro	Poesia	1	1943

Julia Lopes de Almeida	Artigo	2	1941
Julieta Monteiro	Poesia, prosa literária, artigo	22	1933 - 1943
Lidroneta Rosa Teixeira	Artigo	1	1931
Lola de Oliveira	Poesia, prosa literária, artigo	4	1936 - 1939
Maria Carlota do Amaral Lisboa	Poesia	1	1932
Maria Carmen	Poesia	1	1943
Maria Clara da Cunha Santos	Prosa Literária	1	1936
Maria de Arruda Miller	Poesia	1	1940
Maria Eugenia Celso	Poesia	1	1943
Maria Freitas	Poesia; Prosa Literária	4	1936 - 1943
Maria Lacerda de Moura	Artigo	3	1930 - 1942
Mariana Coelho	Artigo	11	1931 - 1941
Marina G. da Rocha	Artigo	1	1943
Marion	Artigo	4	1936 - 1942
Mathilde de Almeida	Artigo, Poesia	29	1932 - 1943
Mathilde M. Monteiro	Artigo	1	1932
Maura de Senna Pereira	Prosa Literária	2	1931 - 1933
Mme. Zveta	Artigo	1	1942
Myriam	Artigo	1	1936
Nair Barcellos dos Santos	Poesia	2	1932
Rachel Prado	Prosa Literária	1	1933
Revocata	Poesia, prosa literária, artigo	250	1930 - 1944
Rosaes Sadi	Prosa Literária	1	1938
Rosalia Sandoval	Poesia	3	1931 - 1937
Somnanbula	Poesia; Prosa Literária	3	1938 - 1942
Suzy	Poesia	8	1935 - 1943
Um grupo de amigas	Poesia	1	1933
Violeta	Artigo	1	1930
Violeta Odette	Prosa Literária	1	1932
Walkyria Neves Goulart	Prosa Literária	1	1932
Zamira do Amaral Lisboa	Poesia	3	1932 - 1938

## Anexos

### 1. Textos publicados no *Corymbo* de 1930 a 1944<sup>77</sup> e reproduzidos ao longo da dissertação

A seguir reproduzimos todos os textos citados ao longo da dissertação, com exceção daqueles que já haviam sido mencionados em sua íntegra. A ordem segue aquela referente à aparição dos mesmos ao longo da dissertação.

Para facilitar a compreensão realizamos atualização ortográfica, contudo, nomes próprios e gramática mantiveram-se como nos originais. Todos os destaques e grifos pertencem aos textos originais.

Ao final de cada texto é possível localizar o nome de autoras e autores, seguido pela edição do *Corymbo* do qual o texto faz parte. Textos que foram publicados anonimamente não apresentam qualquer referência a autoria, somente identificação do exemplar de onde foi retirado.

Todos os exemplares consultados pertencem a Biblioteca Rio-Grandense, Rio Grande, Rio Grande do Sul e foram consultados entre janeiro de 2009 e janeiro de 2010.

### João Pessoa em ascensão a posteridade

João Pessoa em ascensão à posteridade  
Falando a Paraíba  
Era grande de mais para este mundo  
De torpes ambições e de misérias,  
Onde as paixões mais negras delectérias,  
Crescem do homem no íntimo profundo.  
Julieta de M. Monteiro

---

<sup>77</sup> A única exceção é o texto Homenagem, publicado no *Corymbo* em novembro de 1905.

Só tu colosso de altivez e abnegação, terra de heroísmo, terror aonde onde não se tem desvirtuado os legados de glória e as tradições valorosas a caracterizarem a insubmissão de teus maiores, poderás compreender de consciência aberta, o soluço, o gemido da Pátria Brasileira, aviltada, tolhida sob o guante de uma prepotência ignominiosa, ante o cair da águia de asas espalmadas, olhava os horizontes em tormenta, pronta a vencer as densas sombras em ascensão gloriosa! Sim, JOÃO PESSOA o herói-mártir, fizera de sua amada Paraíba uma nova Tróia! Na cruzada de honra em que empenhara dignidade, energia e amor pátrio, com todo desassombro com que os antigos paladinos assumiam posições de vida ou morte, foi ele inigualável.

Em presente tenebroso em que tantas são as vacilações ante a *via crucis* do Brasil, o desaparecimento de um homem como que acaba de ser sacrificado é bem uma catástrofe para os destinos da Pátria onde JOÃO PESSOA muito poderia fazer ainda.

Em toda época, em todo lance difícil de um povo, a História mostra o vulto extraordinário de então, na brecha, fazendo frente ao raio da Prepotência! Na torturante situação em que está vivendo a alma nacional, o homem destacado pela História, será o abnegado Presidente da Paraíba.

Seu destino marcou-lhe ascensão a Posteridade. O Grande Morto é hoje uma bandeira em cujas dobras fulgem os mais alevantados ensinamentos.

É um símbolo para os homens livres.

Teve seu calvário, é certo; mas sua tenacidade na luta, sua energia de apóstolo convicto, seu heroico apego ao Dever e a Honra em face ao iminente perigo, glorificaram-no numa irradiação de além-túmulo.

Paraíba, tu ficaste no mapa da Pátria como liminar inapagável!

Que nossas aragens agrestes mas genuinamente rio-grandenses, levem ao tumulo do Lutador invicto, pétalas e pétalas de rosas do pampa, envoltas as palavras de dor que a redação do "Corymbo" manda em reverente homenagem de profundo sentir.

Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, agosto de 1930, p. 01.

**Deslumbrante (excerto)**

O que se viu na Avenida Rio Branco no dia 30, foi o que realmente vem do povo, aos grandes vultos por ele sagrados condignamente: - aqueles que se identificam com os seus ideais e vibram e empolgam e arrastam e ganham o coração da gente. São os que sabem se impor, se integrar na consciência nacional, em feitos e cívicas virtudes.

São os grandes, os beneméritos imortais. O povo é a onda que se agita e freme, sugestionada por uma ideia; é a massa anônima, sofredora, que só explode, quando mais não pode suportar a tirania!? É o grande fator das conquistas liberais dos triunfos a opressão. Sem a sua sagração, isolada, não há ideia que vigore, relativa a interesses nacionais, nem as forças armadas agirão com segurança, sem o seu beneplácito, nem as suas conquistas serão eficientes, gloriosas, duradouras, sem o seu assentimento. Chamam-no a eterna besta! Grande engano. O povo é e será sempre a expressão da fisionomia nacional; - venera o civismo, o direito, a justiça, a verdade, a energia e todos os nobres característicos de raça de índole e costumes.

Quando o deixam agir livremente em suas manifestações patrióticas, está sempre ao lado das boas causas. Sabe escolher e sagrar os seus eleitos os seus heróis com justiça e critério. Jamais foi contrário as correntezas benfazejas que enaltecem o mérito legítimo. O povo é sábio, - possui o bom senso em seus atos, sua escolha é sempre acertada, suas simpatias sinceras e a sua rebelião sempre justa.

O povo brasileiro nunca desmentiu estes conceitos, está sempre ao lado das causas dignas e dos ideais nobres. Seguissem a sua intuição e o país estaria em melhores condições.

Getulio Vargas e João Pessoa encarnam o ideal de liberdade e justiça, anhelado pelo povo brasileiro. Representam eles a nova aurora redentora, desde muito sonhada, a raiar nos horizontes pátrios. Por isso a alma nacional vibrou, falou pela alma carioca, estridulando palmas jogando flores, em substituição as fanfarras e aos cortejos oficiosos, silenciosos sem a sonoridade eloquente, dos aplausos do coração popular, em extraordinária consagração aos seus eleitos.

Anna Cezar, Corymbo, janeiro de 1930, p. 03.

## Homenagem

A garbosa “Pátria” e sua distinta guarnição

A mulher brasileira, habituada desde o berço, desde os primeiros balbucios, a venerar o nome português, a amar o país das mais gloriosas conquistas ultramarinas, o país que deu a sua adorada pátria, a grande luz da civilização, não pode nem deve deixar de aliar-se jubilosamente, a todo o culto levantado em honra de seus valorosos Irmãos de além-mar.

Depois não há mesmo lar algum, brasileiro, que deixe de ter quer enlaçado ao presente, quer vinculado ao passado, um elo lusitano, preso a essa adorável cadeia de afetos, que constituem a família.

Sempre que o povo luso, agita-se em transbordamentos de dor ou de prazer, a alma brasileira expande-se também, e sente como que refletir em seu seio, o sentimento que convulsiona, o querido e legendário Portugal.

E a mulher brasileira, que é a síntese de afeto e do carinho, que é por índole, pronunciadamente terna, por temperamento, vivamente ardente e impressionável, tem pelo Velho Mundo, a par de um inalterável amor, um encantamento raro: seu espírito, contempla-o como um sonho homérico, num desdobrar de telas gloriosas, enriquecidas pelos seus vultos épicos, pelas suas conquistas assombrosas, pelas suas temerárias explosões, pelos seus admiráveis devotamentos cívicos.

O renome português vive em sua imaginação, cercado pelo belo, pelo grandioso.

Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, 25 de novembro de 1905, p. 01

## Boas vindas

Pela mesma rota seguida por Pedro Alvarez Cabral no tempo das conquistas, onde os recém-vindos, já a natureza humana, e civilizada, encontrava em pleno meio de ação, ainda a natureza humana bruta, numa terra que não há dúvida, pertencia a um povo cuja origem perde-se na idade da pedra, por tanto, habitada antes que a Europa o fosse, povo, cuja língua embora não oficial, perdura e perdurará enquanto existir a América, idioma aperfeiçoado, gramatizado, com dicionários, grande riqueza de vocábulos, o comandante, os oficiais e os marinheiros da canhoneira *Pátria*, encontraram o Brasil civilizado e culto, haja prova as atenções, a fraternidade e a

carinhosa hospedagem que o norte e o sul lhes há dispensado como se irmãos fossem.

Em águas gaúchas, não é somente o elemento oficial o muito que poderá dispensar o povo brasileiro ou português, que assombrará os queridos recém-vindos.

É que a mulher intelectual ergue-se em nome do Rio Grande, para, nesta Polyanthéa, representada por um jornal feminino de origens tradicionais do talento de duas poetisas distintíssimas, vai, orgulhosa, dar-lhes o preito a quem tem jus, quem tem, como honra da Lusitânia, uma escritora do fôlego de d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, tão conhecida entre nós.

Convidada a escrever nessa Polyanthéa, lastimo que minha fatigada vista não permita ao menos dar nestas folhas um pouco da minha prosa insulsa, embora sentida e verdadeira.

Em todo o caso, aqui do Rio, vou até essa altiva cidade, afim, de, num grupo de intelectuais saudar a briosa oficialidade da *Pátria* colocando na lapela dos altivos marinheiros uma perfumada *Guanabara* (rosa) e colocar sobre o mastro grande do navio, uma grande coroa de camélias rosadas e de jasmims brancos como a nave das cordilheiras dos Andes, afim de ornar a bandeira azul e branca, atestado de tantas glórias e de tantos heroísmos.

Ignez Sabino. Da Academia Pernambucana de Letras. Corymbo, 25 de novembro de 1905, p. 03.

## **27 de Janeiro**

(A santa memória da amada Julieta)

O Tempo vai, caminha, não cansa. Razão prque os dias, os meses, os anos estão em constante descobrir, em aspectos outros em novas expectativas! Há porém neste giro, neste volver do Tempo, forças ocultas, que se não movem, não recuam, nem avançam. Como as arvores em certos terrenos, elas aclimatam-se ao intimo de dadas naturezas, e ali permanecem sem esmorecimentos, guardando a mesma compostura sob o imperio de impressões primeiras. São estas, as Recordações fundas.



Querem muitos, que o Tempo as amorteça. Seja. Mas, tenhamos em mente que a forma de sentir varia conforme o temperamento e o meio em que desenvolve-se aquele espírito.

Para nós, as recordações, como os rochedos a beira-mar, batidas constantemente pelas incertas asperezas da vida, não se abalam. Impavidas vivem em nosso espírito, refletem-se nitidas em nossa alma.

É por isso, que o 27 de janeiro de 1928, está preso a uma recordação tão palpitante, tão enraizada, tão lancinante a nosso coração, que nunca, nunca deixará de mostrar-se em acre relevo em o breve ou longo decorrer de nossa vida!

Cinco anos!

É verdade que há um lustro, que ela, a nossa adorada Julieta, se foi; deixou vazio o lar, o lar, onde foi uma santa, onde foi um gênio bom, um astro inconfundível, a efige de virtudes raras, a flor de puríssimos perfumes, a ave de eburneas penas de trinados cristalinos.

Ah! As recordações não morrem, não desmaiam, não se acalmam, porque são pedaços de nossa existencia, são folhas do livro do pensamento, são gotas de lagrimas que se paralisam no tabernaculo do peito...

Revocata de Mello. Corymbo, janeiro de 1933, p. 01

### **Revocata de Mello**

Revocata de Mello é a elegante poetisa e prosadora riograndina, que tanto tem honrado as tradições literárias do Rio Grande do Sul, meiga e fascinante artístado verso, vigorosa e ardente artista da prosa, cujos periodos delicados, sutis e harmoniosos, tanto tem contribuido para a elevação e brilhantismo da Literatura riograndense, é também além desses títulos respeitáveis, preciosa reliquia da cultura, de inteligência, de originalidade, levando com magestade e alteneria o facho luminoso, que carregam aqueles que se consagram por uma predestinação ao culto eterno da beleza imperecível, deixando nas suas páginas cintilantes o traço fervoroso, de um verdadeiro e apaixonado literário.

Tive a ventura de há pouco, visitando a querida noiva do mar entrar em contato com o seu formoso espírito, e na palestra que prazerosamente mantive com a ilustre e veneranda escritora, pude auscultar e sentir profundamente, quão repleta de

idealismo, de patriotismo e de bondade a sua alma de mulher, mostrando-se aos meus olhos, como o tipo completo da mais requintada sensibilidade feminina.

Que chama de vida em idade! E quão suave foi sua palestra, que prendeu-me e fez-me experimentar a mais doce espiritualidade. Contou-me ela uma série de fatos e acontecimentos históricos principalmente de sua querida cidade, que ela conhece como nenhuma outra, e todas essas reminiscências de um passado tão distante e fugidio, desfilavam no meu cérebro como a visão maravilhosa de uma coisa que se amou outrora, e que ainda freme de poesia e de vida, assemelhando-se a uma ânfora que guardava perfume raro, e que apesar de vazia conservará a fragrância da antiga essência.

A luminosidade de seu espírito dava-me a impressão de que ela era a moça vendendo juventude, cujo retrato se ostentava na parede, e tive o grato inesquecível prazer de receber de suas mãos que espargiam tanta beleza, um volume de poesias intitulado: Terra Sáfara, da autoria de sua saudosa irmã a inspirada poetisa Julieta de Mello Monteiro.

Revocata de Mello é uma dessas expressões bem raras de mulher, que impelida por uma vocação verdadeira e especial, tornou-se com o correr dos tempos, uma dessas representantes do verdadeiro feminismo, lutando com as armas benéficas e salutaras do jornalismo no seu mimoso *Corymbo*, pela dignificação da função da mulher na família e na sociedade, lutando para que a mulher dominasse o ambiente humano com as armas benditas da beleza, da virtude, da graça e do talento, reinando na alma máscula e impulsiva do homem, pela atração e delicadeza de suas atitudes, do seu fascínio, enfim de sua mais alta expressão, que a de esposa e mãe. E enquanto ela falava eu pensava comigo, quanta coisa interessante é a mocidade. Deixei a sua casa, com um pensamento que afagava-me a mente, e eu ia dizendo baixinho de mim para mim, criaturas como Revocata de Mello não deveriam morrer, a eternidade da vida dessas criaturas, seria a mais querida e significativa homenagem da natureza criadora, a eternidade do talento e do gênio.

Marcos Josefar, *Corymbo*, maio de 1943, p. 01.

### **Coluna maçônica**

Não nos é possível compreender a negação do aplauso da Mulher, a excelsa Maçonaria.

A mulher hoje muito mais esclarecida que em tempos idos, deve sacudir de si, errôneas suposições, quanto as normas, a ação, os alevantados propósitos maçônicos. A Maçonaria não exclui de seu templo o nome de Deus. O estudo, é como esponja apagando por completo o que tem de dar lugar a novas deduções. E, a Mulher do presente, estuda, melhor compreendendo assim os atrasos de arcaicos espíritos.

A mulher não pode deixar de lançar à Maçonaria, uma das mais viçosas e perfumadas flores de sua veneração.

A Maçonaria baseia-se em princípios nobres e úteis, a sua divisa é a mais eloquente das divisas humanas, desdobra-se rutila, apontando aos povos – O Bem e a Fraternidade.

Sofre como todas as congregações que alcançam impor-se.

A grita dos inimigos, não abafa, a voz sonora e doce, dos benefícios, que escondem-se no sublime silêncio das coisas isentas do louvor convencional.

A Maçonaria visa também, o desenvolvimento intelectual da mulher, aspira ampará-la nas difíceis lutas pela subsistência, tendo mais a instrução do sexo feminino merecido de seus mais preclaros Irmãos, acurado estudo.

Sempre a alargar seus horizontes, a abrir novas sendas, a rasgar espaços luminosos, a mulher deve ter banido de seu investigador espírito, todo esse mundo de superstições de errôneos preconceitos, de juízos ridículos, com que, no passado, encarava essa filantrópica Instituição.

Hoje naturalmente, compreende, que um templo de caridade, é forçosamente um elo da sublime religião de Jesus.

Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, novembro de 1936, p. 02,03.

### **Maçons!**

Se “a Maçonaria é a personificação da humanidade caminhando para Luz”, como reza o vosso ritual, se o seu fim é a felicidade coletiva, e o seu meio a Fraternidade universal, se ela reuni em um templo comum todas as filosóficas políticas e sociais,

que tendo a razão por guia e a justiça por ideal, querem por em pratica os três termos de nossa sublime divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, se a terceira fase da maçonaria passou e ela entra no quarto ciclo – é brilhante a trajetória de luz que a si mesmo se traçou, mas, - a luta desses Cavalheiros gloriosa e heroica não pode ser encetada sem a mulher.

E a mulher na hora presente reclama também Liberdade, Igualdade e Fraternidade! Um mito essa divisa que brilha apenas na letra, nas formas dos nossos pavilhões...

Que Igualdade é essa de uma civilização de cartas e preconceitos e miséria, que não dá a mulher senão deveres?

Que Liberdade é essa que estende um palio cobre os fortes e não assegura ao pária e ao fraco o direito de viver? Que Fraternidade que arranca as entranhas das vítimas dentro do sorriso maquiavélico, astucioso na ânsia de uma concorrência brutal, esmagadora?

Liberdade, Igualdade, Fraternidade! Triste ironia.

Não!

A Maçonaria vai recomeçar a sua obra.

Esses emblemas escritos com fogo nos corações dos oprimidos reclamam a sua cruzada, novos paladinos...

São Paulo. Maria Lacerda de Moura. Corymbo, maio de 1930, p. 03.

### **Do meu diário de dor**

15 de novembro – tarde de sombra. Há uma chuva fina, espécie de peneira, a enganar aos que desdenham do maior tempo. Tarde bem ao sabor do que passa, do que vai na alma.

“não estou só, minha adorada Julieta. Tenho aqui duas inseparáveis companheiras – a Recordação e a Saudade. Elas estão a falar-me tanto, tanto. E que recordação amarga a do dia de hoje!...

Olha querida, esta data parece áziga. Já em ocasião outra, sofri também muito, neste malfadado 15 de novembro! E no entanto, não fui compreendida...

A vida é só de dores...

E por isso minha Julieta, que constantemente te falo, te procuro; e digo como o poeta, o inspirado João Lucio:

“A procurar a tua sombra esquiva. Entre as sombras que arrasta e [...]

Neste ciclone trágico da vida”

Ainda hoje fui ao Campo Santo pela manhã, levei flores, coloquei-as sobre o mármore que encerra os mudos invólucros dos corações que adorei e me adoraram.

E fiquei a pensar neste mistério da morte! Não, forçosamente não é possível acabar ali, todo este infinito girar existente no corpo humano, para o Bem e o Mal, para o Belo e para o Horrível, descendo e subindo, amando e odiando, criando e destruindo! O espírito deve alar-se, mas não pode espedaçar de vez o laço que o prende a um amor que deixa na terra!...

Fala-me, Julieta, diz-me alguma coisa desse mundo ignoto...

A tarde desce, os horizontes estão carregados, uma aragem fresca, um pouco acre, passa e perpassa.

Sinto o guante da tristeza. E, paira em meu ambiente, o ideal perfume de uma magnólia que pompeia em jarra próxima.

“E eu fecho os olhos para ver mais lento passar o vulto que minha alma beija.”

Revocata Heloisa de Mello. Corymbo, novembro de 1934, p. 02.

### **Cartas de várias cores**

Carta de arte e de mágoa

Maura, caríssima Colega

Como foi sensacional, grandemente emotiva tua carta de 8 de abril p.p. É verdade, aquela missiva de mãos fidalgas e dulcíssimas que entornaram adorável “Cântaro de Ternura”, trouxe-me como um ramo de ciprestes, como que as pétalas de goivo roxo, como que um gota de funeral!

Minha alam embora afeita aos embates dolorosos, embora acostuada as cerrações de uma invernã onde raramente passa um disco luminoso, porque a Saudade está sempre a acúçar-lhe o punhal com impiedade Barbara, estremeceu e a meus olhos, afloraram lágrimas de uma intensa mágoa. É tua carta minha buriladora de páginas lucilantes, desdobrara ante mim, a triste certeza de que mais uma filha das Musas resvalara para gelidez do túmulo; que a cantora inspirada de “Escolar”, “Cancioneiro”, “Passos Dolorosos” e tantas belas produções da lira e da pena, a sentimental poetisa catarinense Delminda Silveira, - não sei se

providencialmente, - fazer sua partida para regiões outras, onde embora velados, incertos os destinos ai, não serão por certo mais acres que os da vida terrena.

Apesar de um tanto de desalento físico e moral, vazar da última missiva de Delminda a mim dirigida a 18 de fevereiro último, estava eu longe de crê-la tão perto da morte!

Pobrezinha, foi uma grande sofredora.

Não sei porque reservadas tantas asperezas a espíritos onde facilmente transparece o imáculo de suas intenções, o perfume santo que se evola das almas eleitas, almas que passam na vida em luta heroica, sem mesmo de leve, roçar em um paul.

Delminda Silveira, foi uma de tantas sacerdotisas do Ideal, com os pés sempre a sangrarem nos sarçais do infortúnio.

Não a conheci pessoalmente, porém nossa correspondência foi íntima. Uma destas simpatias que embora de longe, estendem fortes liames, aproximou nossas ideais, e nossos corações.

Ela principalmente, parecia vivamente identificada a mim, cartas extensas, de onde, sem reboços transbordavam confidencias, como só se fazem a alguém que nos merece estima de alto alcance e muita confiança. Achava-se bem com minhas divagações sobre o pouco que a mulher de espírito e de apurado sentir, é compreendida pelos homens que vivem mais para o lado positivo da vida.

Havia de fato alguma afinidade entre nós.

Delminda revelava-se triste, descrente – não de Deus, pois era muito apegada as coisas divinas – descrente porém, da mudança de destino, do irromper de uma claridade para os que tem sempre horizontes nublados na retina.

Imensamente carinhosa, compreendia-se que era uma flor estiolada, cheia de ternura, em terreno árido.

Enfim...a morte a libertou do guante do infortúnio.

Daqui, de minha tebaida, mando a seu túmulo braçadas de brancas flores de Maio.

E, a ti, bela artista do lindo “Cântaro de Ternura” vai um estreito amplexo.

Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, maio de 1932, p. 02.

## Echos feminis

- o homem voa?

- Voa. Respondeu, convicto, Santos Dumont, quando criança, um dia a brincar entre colegas, meninada alegre de seu tempo.

Desnecessário é dizer que o “disparate” tornou-o incurso nas penas do “paga-prenda”.

E pagou, mau grado seu. Mas, passado tempo, numa gloriosa ascensão, reivindicava o ilustre patricio os postergados direitos para sua afirmativa.

Comparando os dias de obscurantismo de outras eras com os dias de luzes do presente em que a cada momento se registra um novo surto de vitória nos arraias femininos, fico a pensar que “sentença caberia ao dono dessa prenda” se, com mais dilatada visão sobre o futuro, tivesse a ousadia de arquitetar e dizer que a mulher também voaria como voam Amelia Eanhart, Elly Beinhort e Ruth Nichols em arriscadas provas nas direções diversas do globo.

Além dessas arrojadas aviadoras, lá estão sob o céu de Nova York, a manobrar no espaço, mais quatro azes da aviação norte-americana.

Ágeis e hábeis, não mais as preocupa o temor as vertigens das alturas e nem tão pouco os perigos das correntes atmosféricas que enfrentam com louvável calma.

Não há mais dúvidas sobre a capacidade feminina nos ares.

Os voos das senhoras Thadeu e Marsallis mais nos vieram confirmar.

Segundo últimas notícias, bateram o “recorde”.

Voaram alto, tão alto quando Alberto.

Reina agora como que um grande entusiasmo no espaço com esse rufar de asas inofensivas... asas pacificas...

Instintiva homenagem talvez.

Continência póstuma das asas do aviator que não mais voa.

Honras devidas a dignidade excelsa do brasileiro ilustre que, se um dia pagou pelo “disparate” injusta prenda, teve em seu destino o olhar fixo da Gloria. E esta sendo prodiga, maternalmente, o compensou.

Pois só pelo seu Balão, numa arrojada ascensão a Paris, Santos Dumont tornou conhecida a sua querida Pátria diante das Nações, perante o Mundo.

Mathilde de Almeida. Corymbo, novembro de 1932, p. 02.

### **“A educação da mulher”**

O amor materno é a providência visível de nossa raça; a sua influência é constante e universal e começa com a educação do homem no princípio da vida, prolongando-se durante toda ela por virtude dessa poderosa influência que a mãe exerce sobre seus filhos; quando estes, mais tarde, entram no mundo para partilharem os trabalhos, inquietações e provanças, toda vez que se acham em alguma dificuldade ou sofrem qualquer dor, ainda voltam os olhos para sua mãe, se não para pedirem-lhe conselhos, ao menos em busca de consolação. Os sentimentos puros e bons que ela incutiu-lhes na infância continuam a traduzir-se em obras ainda muito depois que ela desceu ao túmulo; e, quando só lhes resta a sua memória, ainda elas elevam seu pensamento até ela.

Pode asseverar-se que a felicidade ou miséria, as luzes ou a ignorância, a civilização ou a barbárie do mundo dependem muito do modo porque a mulher exerce o seu poder no seu reino da família. E com efeito, Emerson diz, com muita verdade que – O infante no regaço da mãe representa a posteridade; o que ele há de vir a ser depende essencialmente do ensino e da educação que receber de seu primeiro e mais influente educador. A mulher, mais que todos os mestres educa humanamente.

O homem é o cérebro e a mulher o coração da humanidade; ele é o juízo, ela o sentimento; ele é a força, ela a graça, o ornamento e a consolação. O próprio entendimento das melhores mulheres parece atuar essencialmente através de suas afeições. E assim enquanto o homem dirige a inteligência, a mulher cultiva os sentimentos que, mais que tudo, determinam o caráter, enquanto aquele enche a memória, esta ocupa o coração; ela apenas nos faz crer, e somente por meio dela é que seremos capazes de chegar a virtude.

Corymbo, março de 1940, p. 01, 02.

### **A mulher e a sua educação**

Educar a mulher é desenvolver-lhe os bons instintos e dar-lhe a ideia luminosa de sua ingente superioridade, é povoar-lhe o cérebro de noções do justo, do útil e do honesto, e levantar seu coração à suprema altura de todos os sentimentos nobres dando realce a suas ingêntas virtudes.



Perspicaz e adivinhadora, a mulher acha sempre uma verdade a mais no âmago das ciências e vai com celeridade ao alcance e ao fim das disciplinas que aprende.

Corina, a sabia grega, denominada a Musica lírica, foi rival de Píndaro – cinco vezes lhe arrebatou as palmas do triunfo nos jogos Olímpicos e foi aclamada vencedora: Gabriella – Emilia, marquesa do Chatelet depois de assombrar no conhecimento das línguas antigas e modernas profunda-se nos entresseios das ciências físicas e matemáticas, escreve as instituições da física a Analise da filosofia de Leibnitz e a tradução dos Princípios de Newton.

Eis quanto pode a mulher dirigida pelos caminhos das letras e das ciências, eis como ela há de se tornar o sustentáculo e guia do saber e da moralidade das novas gerações, eis como ela há de ser a estrela polar guiando a nau da vida ao porto da salvação.

Bem hajam aqueles que compreendem o glorioso porvir dessa santa cruzada e que vão como Godofredo, salvar as sagradas relíquias das mãos dos infieis.

J.M.V.S, Corymbo, janeiro de 1933, p. 03.

### **Eduquemos nossos filhos!**

O que é educar?

(Educar é aperfeiçoar, é civilizar. É progredir.

(educar é produzir, é elevar o homem do nada ao alto.

(Educar é nutrir as almas, é dar brilho à vida.

(Educar é amar muito os filhos; é protegê-los e ampará-los.

### **RESPONSABILIDADES**

As crianças são o melhor e o mais o perfeito da vida. Elas possuem mais inteligência e mais engenho que o mais talentoso e ilustre dos homens.

Isto, se entende, até que os homens não as atrofiem com preconceitos e torpezas que lhes são próprias e à civilização.

Uma criança nasce sem defeitos, nela há uma fonte inesgotável de meios, de engenhos; sua alma é rica em fantasias e em verdade; quando cresce, tanto a criança do campo, só e exilada, como a da cidade, ambas adquirem defeitos.

Porque?... É que em redor delas há um homem e uma mulher que lhes arruinam a alma com o exemplo de suas mentiras, de sua incapacidade e de seus vícios.

É o eterno e maldito costume de que a criança deva parecer-se ao homem e, como ele, deva pensar, em vez de fazer o contrário; que seja o homem que compreenda a alma da criança, respeite sua pureza e fortifique suas virtudes.

O que pode aprender uma criança que cresce num lar onde a inveja aumenta a cada instante, os olhos da mãe? Onde o desacordo entre os pais é constante, onde o grito, o insulto e o bater das portas terminam as discussões? O que pode ser da criança num lar entristecido de uma mãe submetida a tirania do chefe da família e sob cuja tirania ela torna-se tímida?

A verdadeira educação, o lar que dá filhos capazes, é onde o casamento é um constante exemplo de doçura e de acordo.

A alma das crianças é emotiva, e deve-se evitar que ela desabroche em dor e em angustia.

No ambiente tranquilo de um lar harmonioso, o coração da criança encontra sua paz interior.

A saúde desenvolve-se eficazmente: toda criança que dorme sem ameaças, sem medo, desconhecendo as febres morais que destroem seus nervos, é uma criança cuja saúde está garantida. A desobediência das crianças não é um defeito delas e sim uma incompreensão nossa. Neste sentido a educação moderna indica que as crianças não devem ser castigadas ou admoestadas; as crianças devem ser curadas.

Quando uma criança é pretensiosa e ouvimo-la afirmar as suas fantasias, como por exemplo, - “Eu tenho um brinquedo tal” – “Eu possuo um automóvel”, - essa criança, diz o Dr. Robin, da Faculdade de Paris, sofre da glândula suprarrenal.

A criança ciumenta é doente do nervo simpático.

A mentirosa é doente do sistema nervoso em geral.

O Dr. Robins acusa severamente a responsabilidade das mães, pelo prejuízo da saúde moral e física dos filhos.

Pobre infância - diz -, cheia de dores e de conseqüências funestas, em mãos de mães perversas, descuidadas, delirantes de inveja, irritáveis, más, débeis e incultas.

E termina com este terrível diagnostico: A criança tem grandes inimigos e o principal em muitos casos encontra-o em seus progenitores: por sua ignorância, maldade ou despotismo.

Muitas vezes, - acrescenta – tenho sido consultado por pais de crianças anormais, loucas, maníacas, e tenho pensado: Mais necessidade tem de assistência a mãe do que o filho.

Ela é a culpada: O filho, a vítima.

Corymbo, abril de 1933, p. 02.

### **A inferioridade intelectual da mulher (excerto)**

De resto as faculdades e colégios de alto estudos estão cheios de senhoras duma superior personalidade intelectual. E para citar algumas: Melle Sioes depois de ter estudado grego na Faculdade de Rennes é agora professora na Escola de Altos Estudos, onde Melle Rosillard ocupa igualmente a cadeira de História Bizantina. Na Sorbonne Melle Duportal é professora do curso livre da História da Gravura Francesa. Em Lyon Melle. Em Villard ensina o inglês e a literatura americana. Em Dijon Melle. Banquier, conhecida pelos seus trabalhos sobre Nietzsche é professora de alemão.

- Em resumo – diz o ilustre e sábio professor, - a pretendida inferioridade da mulher não passa dum velho preconceito. Deem a mulher a mesma cultura intelectual que dão aos homens e elas mostrarão na massa uma igual aptidão para o saber.

Além do Dr. Delacroix, cuja autoridade ninguém pode negar, outros ilustres depoentes confirmaram esta opinião lisonjeira e justa para a mulher, não por a colocar acima dos homens seus colegas, mas por a por numa perfeita camaradagem intelectual, que só honra a humanidade superior em seu conjunto.

Já não citamos a opinião dos que põe as faculdades intelectuais femininas acima das masculinas como o diretor do Instituto de Química dr.Urbain, que declara: “Só lhe digo que as mulheres aprendem mais facilmente que os homens e o melhor caso que me apareceu para apreciar o valor feminino foi duma rapariga, a qual, numa prova escrita, dei a nota 19 pela razão que ninguém, só se for Deus, merece a nota 20. O candidato masculino não teve senão 15.

Casos destes como o de Clemence Royer ganhando o concurso em concorrência com Proudhon, não nos levam a defender a superioridade feminina, mas a faculdade superior da inteligência, que tanto pode existir num cérebro feminino como masculino.

Assim é que está certo e é justo, perante as consciências superiores e perante a própria vida.

É como o compreendem os sábios, que vem nas suas colegas personalidades a honrar e a respeitar, como sucedeu entre nós a sempre lembrada erudita Dra. Carolina Micaelis de Vasconcelos, cuja autoridade os seus colegas evocaram durante a vida, como o fazem perante a sua obra de tão grande ensinamento.

Só os mediócrs os ignoram [...].

Infelizmente estes são o maior numero e as elites intelectuais dificilmente conseguem impor a sua verdade e a sua justiça senão com muito dobrar dos tempos e as experiências que presentemente se vão acumulando.

Anna de Castro Osório, Lisboa, Corymbo, março de 1935, p. 01.

### **O que a sociedade moderna espera da mulher**

Num inquérito feito há tempos por uma revista feminina perguntava-se – *qual a profissão que mais convém à mulher?*

A nossa resposta, que não sabemos se foi publicada, foi a seguinte – “Aquela que possa exercer com superioridade reconhecida.

Por necessidade terá de se sujeitar a todas que os homens lhes consentirem, desde a domesticidade em que a sua incultura e falta de independência económica a coloca na família até a de carregador de carvão nas docas; mas isso não é desejável nem civilizador.

Desenvolvendo este pensamento devemos acrescentar – Para nós não há duas humanidades, há uma composta de indivíduos dos dois sexos moralmente e intelectualmente equivalentes. A incompetência e a inferioridade feminina não provem de sexo mas tão somente da sua falsa educação, que ainda hoje é a moeda corrente neste país, lindo como os amores, mas também, como eles inconsciente, intuitiva e fútil, afastado da vida moderna como se fosse princesa do conto, que dormiu cem anos a espera do príncipe encantado.

A mulher portuguesa não compreendeu ainda a necessidade do trabalho e de adquirir por ele a dignidade de sua independência económica. Trabalha por necessidade, como se fosse uma verdade eterna a condenação que, segundo a

tradição bíblica, Deus impôs aos homens, que se elevaram pela inteligência provando, felizmente – do fruto do bem e do mal.

Ao contrario de uma condenação o trabalho é uma elevação e porque é homem o único animal que trabalha pelo prazer criador de se realizar, de melhorar e elevar seu destino, é ele também o único que tem o direito de julgar-se superior e senhor de seu próprio destino.

É por as mulheres na terem no nosso país compreendido ainda esta verdade é que a sociedade portuguesa tem vindo a decair moral e intelectualmente manifestando essa decadência não só na parte feminina, o que é um mal, mas sob o aspecto da educação e da cultura das crianças, o que é mil vezes pior.

Felizmente a mocidade inteligente libertada de hoje aceita, como deve a colaboração feminina nas condições honrosas de trabalho igualado numa concorrência honrosa e sem favor, que é o que desejam todas as pessoas que a sério encaram a questão feminina.

Isto dá-nos uma satisfação e uma garantia de melhor futuro, porque ele depende do equilíbrio perfeito da elite social em que a mulher ocupa seu verdadeiro lugar não só como elemento de trabalho e cultura que a tornem ser consciente e economicamente autónomo, mas como defensora dos altos princípios de dignidade e moralidade de que ela é o eixo dentro da família e consequentemente a responsável social.

Que os homens principalmente os novos, que são a garantia do futuro compreendam essas verdades respeitando e estimando suas companheiras pelo seu valor intelectual e moral e não as adulem aparentemente – pois que no fundo as desprezam – pela sua futilidade, que elas cultivam – as pobrezitas – tomando a sério essas palavras de cumprimento, julgando assim agradar-lhes mais.

Porque a verdade é que não sairemos tão cedo desse circulo vicioso sem um grande e equilibrado esforço de todos, mas que naturalmente tem que partir dos superiores em inteligência e pelo carácter. – A mulher não se eleva em conjunto temendo desagradar ao homem; o homem não apoiando o esforço feminino pela libertação do trabalho superior e consciente, temendo que a mulher o respeite e estime menos quando se julgue sua igual.

Ora de fato, o destino do homem como o da mulher é agradarem um ao outro porque se uma sociedade, completamente masculinizada é desagradável e inferior menos o não seria uma só constituída por mulheres conduzindo a um desequilíbrio desastroso e desagradável.

A vida é harmonia, inteligência e amor e só assim é bela e progressiva valendo a pena ser vivida.

Ana de Castro Osório, Lisboa, Corymbo, abril de 1931, p. 01.

### **Echos feminis**

Para o "Corymbo"

A Mulher no Brasil vai tomando lugar saliente na vanguarda dos empregos.

Já não somente dedilha a *Remington e Royal*, agora também folheia o Libello.

Quer queira, quer não, imperceptivelmente, o desdobrar do tempo lhe vai passando a destra os direitos equiparados que pleiteia.

Com mais um surto, digno de registro, conta, favorável, a causa pela qual se batem, atualmente, as Sras. Dra. Nathercia Cunha Silveira, Anna Cezar e tantas outras.

A nomeação da Dra. Maria Alexandrina Ferreira Chaves para o desempenho de um cargo jurídico vem lhes firmar os passos não improficuos da campanha.

Ao Sr. Manuel Ribas, interventor do Paraná, devem as adeptas do feminismo a sua inclusão no quadro da magistratura. Por ele acaba de ser nomeada para exercer a Promotoria Pública do município de Lapa uma senhorinha distinta, filha de conhecido industrialista, a qual não falta competência para o cargo.

Caracterizam-na as próprias frases.

A imprensa vespertina do Rio que a entrevistou sobre a agitada questão do Divórcio, assim se expressou: *Não se sabe que sou católica. E como tal considero o casamento um fatores decisivos da felicidade doméstica (e desenvolveu melhor) só amaria uma vez na vida. Se se despedaçassem os laços da minha felicidade não seria capaz de recompô-los. Acho a tese um tanto delicada e digna de meditação e de estudo.*

Bem interpretado faz a nossa patrícia um profundo raciocínio pouco comum na sociedade. Vê nos lares pequeninas frações da Pátria. Bem consolidados, deles só se tem a esperar luzidas facções para oficinas e casernas, para as Artes e Faculdades, para a Terra e para o Mar.

E daí a vida social das classes, sobre a existência pacificadora e prospera.

Se não bem assegurada a Paz nos lares, difícil então será manter as Nações.

Mathilde de Almeida, Porto Alegre, junho de 1932, p. 01.

### **Emancipação feminina**

A vida atual com todos os seus males, e bens, que a guerra mundial nos legou – (invenções, reforma de leis e o rápido aperfeiçoamento da aviação, enfim, muitos e importantes melhoramentos sociais e científicos, devem-se a guerra. A maior calamidade mundial que a história registra, fez mais pelo feminismo, em quatro anos, que todas as sufragistas no decurso de sua ruidosa propaganda e de seu por vezes censurável proceder. Foi o principal fator da igualdade sexual – o apavorante fantasma que pouco a pouco vai reduzindo ao silêncio os antifeministas incrédulos -) impele a mulher a alargar sua esfera de ação fora do tradicional acanhamento da vida doméstica. Ela é hoje chamada a deveres sociais diferentes e inadiáveis pela urgente luta, que tem sustentar, fazendo, assim, concorrência ao homem e, por uma verdadeira cadeia de diversos elos – que partem desse forte impulso, se foi acelerando e desenvolvendo o movimento mundial que tão fortemente agita o sexo feminino e se denomina: Feminismo (ou humanismo), - movimento que já em fins do século XIX principiou a intensificar-se, e que atualmente está em plena primavera de sua estabilidade real consumada.

O feminismo é a reação tanto mais impetuosa quanto a ação foi despótica e obstinada. Em regra a mulher latina – principalmente em alguns países, não se acha ainda satisfatoriamente disposta para a conquista da igualdade política; é mais preocupada com a moda, com a elegância no trajar que com os sérios problemas sociais; e porque? Porque a sua educação tem sido até hoje meramente feminina, ao passo que a educação da mulher entre as raças saxônicas, anglo saxônicas e eslavas, tem sido sempre mais masculinizada, mais apropriada a conquista da

igualdade entre os sexos, imposta pela natural evolução e pelo espontâneo impulso da justiça social.

Todo desenvolvimento do feminismo e conseqüente procedimento e seus fins, devem ter por fundamento, nos povos latinos, e nos bárbaros [...] uma sã e apropriada educação da mulher moderna, para que esta surja aos olhos dos pessimistas digna de ser respeitada e não ridicularizada.

Pois que, com esta base incontestável (educação), sem grande esforço, ela atingira naturalmente, suavemente a igualdade ambicionada. É tal o progresso das conquistas femininas, que hoje até a imprensa de todo mundo acha retrogrado pensar que as aspirações feministas sejam um absurdo; a prova mais concludente da sua justiça é que o ideal toma corpo, se generaliza e se impõe perante o universo, pois que não há diques que possam impedir ou neutralizar estas impetuosas correntes progressivas – aurora de um risonho porvir que nos assegura uma nova era equitativa e igualitária. Conclui-se, em face da celeridade com que se desenvolvem os fatos feministas – incontestáveis e positivos - que de toda parte surgem, que o movimento feminista – como que impelido fortemente por uma mola propulsora e infalível irrompeu de todos os pontos do globo, demonstrando triunfalmente, principalmente desde que a guerra convulsionou e submergiu num mar de sangue a humanidade, que o feminismo – a mais surpreendente e ruidosa transformação social do nosso século, a qual assistimos maravilhados, não pode deixar de ser encarado e recebido como progresso. E o progresso é fatal.

A memorável conflagração da *Europa* foi uma verdadeira carta de alforria dada aos povos e indivíduos; proporcionou a alguns países a reconquista da liberdade e independência. As coletividades, como o operariado, garantiu grande melhoria na sua longa e oprimida situação econômica. A resolução do problema feminista – como já dissemos – veio dar um impulso surpreendente – porque surpreendente foi o civismo das mulheres na realização de toda a espécie de trabalho em que substituíram vantajosamente os homens entregues à defesa armada da pátria respectiva. Essa tremenda hecatombe humana, portanto, que convulsionou a terra, não abalou somente convicções, nem transformou instituições somente; ela veio também sancionar e justificar o direito do trabalho – e veio modificar velhas rotinas e preconceitos da sociedade antiga, dando força e amparo aos respectivos prejudicados – transformando essa sociedade decrépita numa esperançosa



sociedade nova. Os povos bárbaros, secularmente aferrados a leis retrógradas e absurdas, curvaram-se ao influxo da civilização, por meio do contato com o exercito dos povos aliados e civilizados – como aconteceu na *Turquia* em consequência da ocupação de Constantinopla do que resultou a reforma de sua Constituição em 1918. Desde esse momento começou a modificar-se a deplorável situação moral e social da mulher turca – que hoje, finalmente, já se pode comparar com a dos povos civilizados.

O brilhante e falecido escritor alemão, *Max Nordau*, apreciando os acontecimentos sociais e políticos da atualidade, advindos da guerra, disse: “Estamos assistindo ao nascimento de um mundo novo, que começa a cristalizar-se no cais”.

Do livro inédito: “Evolução do Feminismo”

Mariana Coelho. Corymbo, fevereiro de 1932, p.01, 02.

### **Iveta de Araujo**

A morte, o desaparecimento inesperado de Iveta de Araujo, do meio social rio-grandense, teve proporções de golpe que afeta, não, uma ou outra alma, mas muitos e muitos corações; projeta-se largamente no espírito popular; porque, Ela, de há muito, dera-se de corpo e alma, a afanosa, a nobre, a inconfundível labuta do ensino primário.

Dedicação rara a sublime causa que abraçara num devotamento notório, a ilustrada preceptora tudo sacrificou em proveito do pão espiritual a seus alunos.

Digamos com a verdade por base e a justiça por norma, que a querida Mestra sucumbiu em seu posto de honra.

Quase em vésperas de partida para região do além Iveta ainda desprendia dentre a infância e a adolescência que a ouviam na atração de sua palavra autorizada e bela, todas as cintilas de robusto engenho intelectual.

Consagrou o melhor de sua preciosa existência – a mocidade, a tarefa árdua do tirocínio escolar; foi das mais corretas, das mais distintas, das mais identificas ao sacerdócio tomado aos ombros com abnegação rara, a pranteada educadora.

E, no entanto, digamos de passagem, os poderes competentes não souberam compensá-la.

Tendo nítidos os seus esforços e competência, como bem salientavam os brilhantes exames de ano letivo, em suas muito frequentadas aulas, nunca lhe chegaram as promoções de direito, por excelência cabidas.

Iveta foi também um digno ornamento no convívio social, onde granjeou notado número de amigas. Alma de desdobramentos puros, peito onde como em sacrário augusto, se confundiam sentimentos que eram perolas de alta valia.

Ela compreendia a amizade em todo o seu imáculo, seu perfeito contorno. Nos que o digamos com desvanecimento intimo, porque tivemos parte eloquente em sua alcandorada alma.

Quem a conheceu de perto, dirá sem medo de errar: “era capaz de grandes afetos, porque era capaz de grandes sacrifícios

Adorava aqueles que, pelos laços de família, constituíam elos da cadeia de seu lar. E por isso, abraçamos em profunda expressão de sentimento seus desolados sobrinhos, distintos intelectuais Walkiria Neves Goukart e Dr. Jorge Salis Goulart, Tenente Leonidio Pereira Neves e gentil Esposa e Waldomira Araujo Vianna e digno Esposo.

Saudades em profusão, sobre o derradeiro leito de Iveta.

Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, abril de 1932, p. 02.

### **Josephina Costa**

Depois de grandes sofrimentos deixou de existir, embora cercada da extremosa Família e sob o empenhado esforço de hábeis médicos.

Sua energia, sua mocidade, seu anseio em continuar nas lides do magistério, foram em vão, doença fatal zombou de todos os predicados, sonhos e esperanças a povoarem a existência da gentil trespassada.

Inteligente, estudiosa, simpática, meiga, a bela desventurada Josephina não pode vencer o rigor da morte.

Hoje, choram-na saudosamente desde a Exma. genitora D. Maria da Silveira Costa, extremosos Irmãos, mais parêntese todos quantos com Ela entretinham relações.

A redação do “Corymbo”, que a apreciava muito, manda-lhe flores da alma, recordações que não morrem.

Sinceras condolências a toda Exma. Família.

Corymbo, fevereiro de 1943, p. 01,02.

### **Josephina Vidal Fuão**

Mais uma existência paralisada pela gelidez que leva ao túmulo. Ferida acremente a sociedade rio-grandense, - quase que inesperadamente, - tem a lamentar o passamento de um de seus membros cercados de toda estima e consideração, na pessoa da Exma. e respeitável D. Josephina Vidal Fuão, criatura boníssima, delicada, atenciosa, fazendo da alma um cofre de joias nada vulgares, de joias onde estavam refletidas tantas e tantas virtudes, que a tornavam alvo de todo esse acolhimento de viva estima de que era cercada.

Nossa muito apreciada amiga, foi esposa modelar, sendo mãe e irmã de extremos, de afetos, como só os grandes corações podem conter.

Não há dúvida, de que sua morte tenha sido em seu lar de uma desolação imensa; a dor deve ter empolgado o animo de seus carinhosos filhos, netos e irmãos.

A digníssima trespassada deixa duas caras filhas, as Exmas. Esposa do conceituado notário Snr. Carlos Miranda e, a amável Snha. Ainda, bem como os acatados filhos, Snr. Alberto, Álvaro e Jayme Fuão.

Era D. Josephina, irmã querida do distinto funcionário da Alfândega (aposentado) e conhecido homem de letras, Snr. Silvino Vidal, hoje um pouco afastado das lides de imprensa, porém em tempo com atuação brilhante.

Nosso abraço de grande pesar aos mesmos, e mais seus netos, genro, noras e sobrinhos.

### **Julia Figueirôa Nepomuceno da Silva**

É com muito pesar que trazemos para nossas colunas, o passamento em Porto Alegre, onde residia, a Exma. Snra. Nossa prezada Prima, cujo nome encima esta sentida nova. Julia foi uma digníssima lutadora na vida, atendendo a que enviuvou cedo, e com toda a coragem, toda a energia, educou e manteve cinco filhos, vencendo sobranceira as agruras que aparecem sempre no trilhar da existência. Foi Mãe extremosíssima. Espírito todo voltado ao bem, era prestativa, amiga sincera, pronta a auxiliar em dadas emergências de padecimentos alheios Virtuosa e boa

contava vasto número de relações, que a acompanharam até seus derradeiros dias. A morte de um Filho assaz concorreu para apressar seu doloroso fim. O físico lutava já alquebrado pela enfermidade, mas a dor moral venceu, porque as almas de vivo sentir, raramente encontram essa resignação tão fácil para muitos. A extinta, era filha do Dr. Manuel dos Passos Figueirôa e irmã do Coronel Manuel dos Passos Figueirôa ambos já falecidos, ambos homens de letras, espíritos cultos que muito brilharam na sociedade em que laboraram.

A redação do “Corymbo” manda ao tumulo da desventurada Morta as flores de sua recordação, e a toda desolada Família, especialmente as filhas e filhos, um estreito e sentido abraço.

Corymbo, novembro de 1940, p. 04.

### **Carmen de S. Pereira**

Com o recebimento de uma desoladora carta da afetuosa e brilhante colega, Maura de Senna Pereira Lamote, foi-me conhecido o acerbo golpe que a feriu com uma crueza verdadeiramente impiedosa.

Há três meses que a negra lufada da morte arrebatando-lhe uma adorada irmã, sangrou-lhe o coração, que está a gotejar no anseio de uma saudade só compreendida por aqueles que a conhecem de perto, muito de perto.

Carmen de Senna Pereira, tal é o nome da pranteada extinta, era uma encantadora, uma formosa e delicadíssima flor, no meio social de Florianópolis.

Era um gênio bom, um astro de indeléveis irradiações, no seio de arminho do lar querido, que hoje a chora sem consolo.

A jovem Carmen, contava apenas 19 enfloradas estações de vida!...

Pleno dealbar de sonhos e de esperanças!

Inteligência, culta, diplomada pela Escola Normal e sendo ainda muito prendada em trabalhos manuais.

O meio em que laborava sentiu-se impressionado ante o resvalar do arcanjo para o túmulo.

A Exma. enlutada Família, o Corymbo envia a expressão de seu fundo pesar!

A desolada colega de imprensa, fina buriladora do “Cântaro de Ternura”, vão lírios da alma, lírios que tangem como vozes de dor.

Corymbo, maio de 1933.

### **Andradina de Oliveira**

Há bastantes meses que a notícia do passamento da conhecida escritora rio-grandense Andradina de Oliveira, corria pela imprensa do país. Era porém a mesma tão cercada de contradições que nunca quisemos dar-lhe curso, em nossas colunas. Agora que temos sobre nossa mesa de trabalho, a expressão da triste verdade, firmada por sua digna filha, a escritora e poetisa Lola de Oliveira, a trazemos a nossos leitores.

Andradina residia já há alguns anos em São Paulo, onde faleceu, entregue de tempos a esta parte, a sofrimentos físicos, tendo se lhe alterado as faculdades mentais, sob dolorosas impressões quando da prisão de sua filha Lola, em Minas, por ocasião da revolução de S. Paulo.

Conhecemos muito de perto a beletrista patricia, nessa cidade onde em anos recuados residiu por algum tempo tendo então publicado "Preludiando", livro de belos contos, primeiro a dar a público.

Os jornais de S. Paulo, dão na como nascida na Capital. Ela porém disse-nos mais de uma vez, ser rio-grandense.

Morou por espaço de anos em Porto Alegre, onde perdeu seu querido filho Adalberto, cuja morte inspirou-lhe o sensacional trabalho "Cruz de Perolas". Produziu muito e bom.

Redigiu a bem elaborada revista de letras, "Escrínio", na Capital.

Sua bagagem literária é de mérito, o "Perdão", "Divórcio", "Mulheres Ilustres Rio-grandenses", "Contos de Natal" "Cruz de Perolas", e outros.

Exerceu magistério e fez-se ouvir em conferencias em muitas localidades.

Pugnou com ardor pelo Feminismo.

Espírito culto, formoso talento, e coração ajustado ao sentir, que é como que a flor que vive na estufa, mas guarda um encanto particular em seu perfume incomparável.

Lutou muito, tendo tido sombras na vida, em que conheceu o travo da dor.

Todo espírito fora da craveira do banal, é sofredor, porque encara as coisas do mundo, com a visão da alma, e não com os olhos do positivismo rude.

Que o Rio Grande, tão altivo e nobre saiba avaliar de seu legado intelectual.  
Muitas flores descansem sobre sua pedra tumular.  
E vão nossos profundos sentires a digna herdeira de seu nome e de suas glórias.  
Revocata Heloisa de Mello, Corymbo, novembro de 1935, p. 01.

### **Colleta da Silva Miller**

Penosíssima a notícia do falecimento da afetuosa e fulgurante Poetisa Colleta Miller, bela colaboradora deste quinzenário, quando residente nesta cidade.  
A malograda adorada do Verso possuía em realidade, um fino e predestinado espírito.  
Suas inspirações, possuíam todo o encanto do verso espontâneo, rebrilhante, artístico. Poetisa cheia de sentimento, de alma vibrátil.  
Pobre Colleta, tão meiga, tão gentil em seu trato, tão vivamente sensível.  
Fatalidade, morrer tão cedo.  
A seus extremosos distintos Esposo Snr. Luiz Miller, e Exma. desolada Genitora, nosso amplexo de profundíssimo sentir.  
Corymbo, agosto de 1938, p. 03.

